

**FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

SANDRA REGINA ROIPHE

Uma análise da evolução do programa de necessidades nas residências do Alphaville Residencial 10



São Paulo, 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Uma análise da evolução do programa de necessidades nas residências do Alphaville Residencial 10
Área de concentração: Projeto de Arquitetura**

SANDRA REGINA ROIPHE

Orientador: PROF. DR. DARIO MONTESANO

São Paulo, 2007

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

ASSINATURA:

E-MAIL: sandra@sandraroiphe.com.br

R741a Roiphe, Sandra Regina
Uma análise da evolução do programa de necessidades nas residências do Alphaville Residencial 10 / Sandra Regina Roiphe. --São Paulo, 2007.
178 p. : il.

Dissertação (Mestrado - Área de Concentração: Projeto da Arquitetura) - FAUUSP.
Orientador: Dario Montesano

1.Condomínios fechados – São Paulo(SP) 2.Mercado imobiliário I.Título

CDU 711.63:711.582(816.11)

Ao **ADILSON**, meu companheiro e amigo de todas as horas.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dario Montesano

Ao Prof. Adilson Costa Macedo

À Profa. Clíce Toledo

Aos Profs. Décio Tozzi, Eduardo de Almeida, Milton Braga

Ao Arqº Marcelo Willer

À Arqª Luciana Vecchia G. Rebouças

Tânia, minha mana

A amiga e companheira de biblioteca, Manu

Aos diretores do Alphaville Residencial 10

SUMÁRIO

1 – Introdução	09
2 - Programa de necessidades	13
3 - Pequeno histórico sobre a casa paulista	19
4 - Alphaville	
4.1 - Breve histórico	41
4.2 - Os atrativos	43
4.3 - Os residenciais	45
4.4 - O conceito de “bem morar”	46
4.5 - A realidade	48
5 - Alphaville Residencial 10	
5.1 - Planta do loteamento	51
5.2 - Histórico do Alphaville Residencial 10	52
5.3 - Resumo das restrições construtivas e regulamento de obras da SAR 10	52
5.4 - Informações preliminares	54
5.5 - Situação atual	54
5.6 - Levantamento de projetos aprovados	55
6 - Critérios de seleção	57
7 - Análise do objeto	
7.1 - Residência Al. Chibarás, 317	59
7.2 - Residência Al. Juriti, 856	73
7.3 - Residência Al. Imarés, 392	84

7.4 - Residência Al. Jurucê, 135	94
7.5 - Residência Al. Araés, 330	107
8 - Conclusões	119
9 - Bibliografia	129
10 - Apêndice (depoimentos)	
10.1 - Décio Tozzi	134
10.2 - Milton Braga	146
10.3 - Eduardo de Almeida	151
10.4 - Marcelo Willer	162
10.5 - Luciana Rebouças	170

RESUMO

A escolha do tema teve como principal motivo o fato de eu ter trabalhado por dez anos no departamento técnico da administração do Alphaville Residencial 10, onde era responsável pelas aprovações dos projetos bem como pela fiscalização das obras ali construídas.

O fator inquietante é a preocupação dos futuros moradores, em sua quase maioria, para que estejam sempre alinhados aos anseios do mercado imobiliário, independentemente de seu real programa de necessidades.

Os modos de vida mudam, e com eles as necessidades, e com estas os programas de necessidades, que estão, portanto, em permanente modificação. Mas a edificação é sólida, estática; assim, estará em constante processo de obsolescência enquanto estiver de pé e em uso. Daí reformas, “puxados”, procuram atualizar as edificações, a fim de se adequarem às novas imposições.

Em quanto tempo a arquitetura se torna obsoleta? É arquitetura o que se está produzindo? Qual o papel do arquiteto nesse processo? Por que o ideal desses futuros moradores ainda é o palacete burguês?

São estas algumas das questões a se levantar nesta dissertação, na qual será feita uma análise da produção arquitetônica das residências projetadas e construídas para cliente final, desde a criação do condomínio até os dias atuais, avaliando-se a contínua mudança nos programas.

ABSTRACT

The choice of this subject had as a main reason the fact that I have worked for ten years in the Technical Department of Alphaville Residencial 10, where I was responsible for project approvals processes as well as construction site inspections.

The disturbing factor is the concern of the future homeowners, in which almost all of them always have to be lined up to the yearnings of the real estate market, independently of their real necessities.

Life styles change, and with them the necessities, and these necessities programs are, therefore, in permanent modification. But the construction is solid, static; so, it will be in constant process of obsolescence while it stands there and in use. Thus, home improvements help to update the constructions, in order to be adjusted to the new impositions.

How long does the architecture take to become obsolete? Is architecture what is being produced? What is the role of the architect in this process? Why the ideal of these future homeowners still is the bourgeois palace?

These are some questions to be raised in this dissertation, in which an analysis of the architectural production of projected and constructed residences for final customer will be made, since the creation of the condominium until the current days, evaluating the continuous change in the programs.

1 – INTRODUÇÃO

A proposta é reunir a produção arquitetônica de residências projetadas e construídas no Alphaville Residencial 10 para cliente final que sofreram intervenções (reformas) desde sua construção até hoje. Influenciadas culturalmente por premissas consumistas, tais moradias visam atender a apelos e imposições do mercado imobiliário. Por isso será avaliada a contínua mudança nos programas.

No período em que esta análise se desenvolve, ou seja, a partir da criação do empreendimento Alphaville Residencial 10 – de janeiro de 1986 até hoje –, percebo que o programa vem sofrendo alterações para adaptar-se ao mercado, independentemente da real necessidade de uso dos futuros habitantes.

Disso resultam espaços/áreas/compartimentos com valor funcional questionável e, conseqüentemente, sem uso. Que o digam os nomes dos cômodos da casa brasileira que, após terem sido traduzidos do francês para o português, são abandonados em prol de seus sinônimos em língua hollywoodiana: *hall, living room, closet*.¹

Os novos lançamentos imobiliários têm atualmente uma quantidade sem-fim de lugares com títulos estrangeiros e completamente esdrúxulos. É óbvio que esses nomes não vieram sozinhos. Os prédios passaram a receber roupagens diferentes, de acordo com o local eleito como referência. Arquitetura? Nunca. Só maquiagem².

Essa influência americana teve origem com a Primeira Guerra, quando a indústria cinematográfica européia entrou em colapso. Os Estados Unidos herdaram tudo,

¹ Tramontano, Marcelo. *Novos modos de vida, novos espaços de morar*, 1998.

² Carvalho, Lucia. Revista da Folha. *Morar*. 27/10/06.

construindo uma situação de monopólio virtual de produção, distribuição e exibição em todo o mundo. Quando surgiram os filmes falados, que aumentaram enormemente os custos de produção, os pequenos estúdios faliram e só restaram as grandes corporações de Hollywood. Se os anos 1930 foram, portanto, a era do cinema, e cinema significava Hollywood, as conseqüências dessa situação mudaram o mundo. Tal influência americana está presente até na própria nomenclatura, que, no Brasil, passa a ser utilizada para designar os diversos ambientes das residências: *porch, hall, living room etc.*³

Segundo Marlene M. Acayaba: “Tendo em vista que toda casa é uma mercadoria, ela tem valor de troca”. Mas o arquiteto, na maioria dos casos, posiciona-se como mero articulador dos espaços que lhe são impostos, e assim a discussão sobre o programa de necessidades resulta unilateral.

Não se pretende neste trabalho fazer referências a estilos ou padrões construtivos. Os conceitos de privacidade, intimidade – concretizados e institucionalizados primeiramente nos espaços das moradias européias do século XIX e depois exportados aos países de outros continentes, inclusive para o Brasil, sob a forma de divisões em cômodos, organizados em área social, íntima e de serviços – ainda constituem o eixo central do raciocínio projetual.

As mudanças decorrentes dos novos modos de vida que já começam a despontar na sociedade contemporânea, como o trabalho em casa, o acúmulo de equipamentos eletroeletrônicos, o desaparecimento da empregada doméstica e as alterações relativas às

³ Paulo, Augusto Francisco. *Na casa paulistana sobretudo o lazer*. Ago/2004.

novas composições familiares, que se contrapõem à tradicional família nuclear, ainda não encontraram lugar nas residências dos loteamentos fechados.

Pai, mãe e filhos. Esse modelo tradicional de família perde, a cada ano, espaço para as novas formas de arranjos familiares. Em 2005, essas famílias passaram a representar 50% do total. Em 1995, eram 57,6%. Isso significa que pela primeira vez esse modelo, apesar de continuar sendo o mais comum, já divide o mesmo espaço dos outros tipos de família, que, somadas, representam também 50% do total. Cresceram, nos últimos dez anos, as famílias com um único morador (10,4% do total), os casais sem filhos (15,2%), as mulheres solteiras com filhos (18,3%), e outras formas de arranjos (6,3%)⁴.

A configuração de espaços a partir de conceitos como planta livre e sobreposição de funções ou ainda a utilização de espaços mínimos e flexíveis são procedimentos raros nessas habitações.

Então noto que ciclicamente os programas são modificados, aumentando o elenco de áreas, subáreas e o objeto – **a casa** – impessoal, ou sofre reformas radicais a fim de acompanhar as novas imposições, ou está fadada a cair em demérito.

⁴ Gois, Antonio e Soares, Pedro. Folha de S.Paulo – Cotidiano, 21/12/2006.

2 - PROGRAMA DE NECESSIDADES



2 - PROGRAMA DE NECESSIDADES

Em arquitetura, um programa de necessidades é o conjunto sistematizado de necessidades para determinado uso de uma construção. É usado nas fases iniciais do projeto a fim de nortear as decisões a ser tomadas. Constitui um dos principais determinantes do projeto, juntamente com o partido, o local, as restrições legais.

Após a Primeira Guerra Mundial de 1914 e com o surto industrial, houve uma mudança obrigando as casas a se adaptar aos novos modos de vida.

*As cocheiras e cavalariças deram lugar, nas casas mais abastadas, à garagem.
As acomodações das mucamas, das negras da cozinha, se resumiram no quartinho da empregada doméstica, último remanescente ou testemunho social de nosso regime escravocrata, que, a troco de pequeno salário, cama e comida, faz o papel de suas avós.*

Os programas se alteraram.

As zonas de estar se resumiram nas salas de visitas sempre trancadas, com seus móveis cobertos por guarda-pó. Local de estar cotidiano é que não era.

O centro de interesse da casa deslocou-se para a copa, nova dependência da moradia burguesa, câmara da cozinha, segregando a cozinheira da família; copa, o centro de distribuição.

Foram diferenciadas as circulações de serviço e sociais.

O mesmo acontece com a edícula no quintal da moradia isolada – solução nacional que surgiu da presença indispensável da empregada doméstica, que por várias razões deve ser mantida à distância.

É de bom-tom, ou sinal de status, que o programa sugira acomodações que satisfaçam isoladamente, cada uma por si, todas as funções da habitação. A marca da boa situação social é uma casa com menor superposição de funções. Daí a lista de cubículos, que caracterizam funções, que separam atividades, que diferenciam moradores, cujo inglês nas denominações dos cômodos já indica um “nível cultural” diverso do popular⁵.

O programa vem se tornando mais complexo nas últimas décadas. A estrutura, porém, mantém-se a mesma (social, privado/íntimo, serviços). Percebe-se a intenção de especialização funcional dos cômodos, por meio da ampliação do programa arquitetônico tanto do ponto de vista do número de ambientes quanto da descrição de suas propriedades. Dessa forma há o aumento de classificação nominal para cada setor.

No setor social, a sala, além de ampliada à medida que o *status* social aumenta, apresenta especializações específicas para cada atividade. Então surgem as salas de visitas, de jantar, de lareira, de jogos, de TV – mais recentemente nomeada de *home theater*, espaço *gourmet* etc.

⁵ Carlos A.C. Lemos. *Cozinhas, etc.*, 1976.

No setor privado, o “quarto” sofre alterações significativas. Ampliam-se as comodidades oferecidas. São incorporados *closets*, nova denominação para quarto de vestir, sala de *fitness*, escritório. Os banheiros passam a contar, normalmente, com banheiras, chuveiro e peças sanitárias. E, assim, nasce a suíte *master*, que pode oferecer até dois sanitários e dois *closets*, classificados por gênero – masculino/esposo/senhor e feminino/esposa/senhora. Quanto maior o *status* social, maior a diferenciação entre os espaços de cada um dentro da família.

O setor de serviços pode ser composto de uma única cozinha e área de serviço, mas pode, também, incorporar dois ou mesmo três quartos (para serviçais), sanitários, despensa, às vezes denominada *pantry*, e copa (ou sala de almoço, ou *breakfast room*).

É de senso comum que a moradia ideal oferece conforto, segurança, privacidade e abriga os sonhos de seus moradores: “a casa do homem é o seu castelo”. Nesse sentido, a casa ideal age como um território que medeia, reflete e amolda identidade social⁶.

Pelo estudo dos espaços da habitação podemos compreender como seus moradores se organizam e se articulam e, através do tempo, a evolução desses modos. Por outro lado, as “referências de impacto”⁷ (iluminação artificial, imigrantes, rádio, tevê, computador) que afetam os atos das práticas cotidianas acabaram por influenciar as configurações espaciais ou os programas das habitações.

As referências de impacto não produzem as modas de agenciamento, mas mudanças de comportamento, de relações familiares, de relação com “os de fora”, que se refletem no espaço.

6 Loureiro, Cláudia; Amorim, Luiz. Textos Especiais Arqutextos n° 281, 02/2005. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br>>.

7 Paulo, Augusto Francisco. *Na casa paulistana sobretudo o lazer*, Ago/2004

A indústria imobiliária se alimenta desse sonho e da constante mudança de um ideal de morar, possibilitando a introdução contínua de novos produtos no mercado que venham a satisfazer as expectativas dos consumidores, bem como a criação de novas necessidades.

As expressões “viver em grande estilo”, “privacidade e segurança”, “ponto nobre”, “arrojado e sofisticado” ilustram como certos atributos da vida moderna estão associados às características arquitetônicas dos empreendimentos imobiliários no sentido de constituir uma certa cultura de morar.

A casa é um objeto funcional, e a ela são atribuídos valores, tais como o econômico, o de troca, o de uso ou mesmo valor sentimental, valor estético e valor simbólico.

A casa, como qualquer outro objeto, é um indexador de *status* social e do poder de compra do indivíduo.

A complexidade social determina a organização do espaço e do ambiente construído, principalmente no que diz respeito às compartimentalizações e segmentações. À medida que a sociedade se torna mais complexa sociopoliticamente, sua cultura, seu comportamento, uso do espaço e arquitetura ficam mais segmentados.

Hoje, a sociedade urbana contemporânea reflete a complexidade da era em que vivemos, formada por uma diversidade de arranjos familiares (famílias uniparentais, casais de mesmo sexo, casais sem filhos, famílias estendidas), além da tendência de envelhecimento da população. Aliada a isso, a questão da violência urbana contribuiu para dar às estruturas organizadas de condomínio o *status* de forma ideal de morar.

A casa é parte de um campo social maior, e a decisão de comprar, construir ou modificar está relacionada a outras decisões sociais e pessoais. O mercado veicula mensagens nas quais o sonho de uma vida contemporânea está aliado à nobreza e à tradição, moldando assim a classe consumidora, de modo a oferecer uma vida de fantasia e um conjunto de valores culturais.

Por outro lado, os consumidores também têm parcela de contribuição na consolidação dessa fantasia. Após a aquisição ou construção de uma casa, tendem a assumir a ilusão de que vivem em um lugar privilegiado. Assim, não somente tendem a aumentar o valor de sua propriedade mas também a viver a ilusão de que fazem parte de um grupo social distinto.

Porque eu acho que a primeira função do arquiteto é o programa, é formular um programa junto com quem vai fazer. E aí é que ele é o arquiteto. Mais do que quando está desenhando Porque é aí que ele põe o conceito e coloca o nível histórico, do entendimento do seu momento histórico, da tecnologia daquele momento e da sociedade daquele momento, as aspirações da sociedade naquele momento. Esse é o registro da arquitetura. Você vai ver uma arquitetura do passado. Você estuda a sociedade e compreende por que os espaços eram daquele jeito. Então é fundamental na atividade do arquiteto a formulação do programa⁸.

⁸ Depoimento de Décio Tozzi em 05/06/06.

3 - PEQUENO HISTÓRICO SOBRE A CASA PAULISTA



3 - PEQUENO HISTÓRICO SOBRE A CASA PAULISTA

Desde o século XVI até o último quarto do século XIX a arquitetura paulista viveu um período de estagnação no qual, da classe mais abastada à mais humilde, a moradia edificada tinha as mesmas características vernaculares, advindas da tradição ibérica, em que a diferença na composição, na forma e no sistema estrutural era meramente quantitativa, ou seja, maior ou menor número de cômodos. As residências apresentavam as mesmas técnicas construtivas (taipa de pilão, que perdurou por quase três séculos), mantendo os mesmos programas e as mesmas configurações externas, o que, indica não ter havido mudanças no modo de morar.

O isolamento geográfico de São Paulo determinou a característica da arquitetura paulista. Com escassez de pedra, a cal, que somente seria descoberta no Planalto em meados do século XVIII, a madeira de lei, que era abundante ao longo de ribeirões e vale e, dada a dificuldade de transporte tornou-se inviável para utilização nas construções, restou o material mais imediato e barato: o barro.

A taipa de pilão foi das primeiras contribuições do colonizador luso, desde os primeiros dias do Colégio. Foi o sistema de construção dominante e até mesmo quase exclusivo por 300 anos, tanto para os sobrados mais fidalgos da zona central quanto para as casas mais modestas, bem como para as sedes das chácaras e edifícios religiosos, condicionando o próprio traçado urbano da cidade.

Nos sobrados paulistanos ocorria que só o andar de cima era utilizado para moradia, servindo o térreo para loja, estábulo ou cocheira. Esses sobrados concentravam-se quase todos em algumas ruas centrais, pois na grande maioria as casas da cidade eram térreas, destituídas de elegância, sem “arquitetura”.

O casario não trazia marcas de monumentalidade, as casas não respeitavam normas de alinhamento, animais andavam soltos pelas ruas, o mato crescia em terrenos abandonados.

O nome dos arquitetos que projetaram casas nos tempos coloniais raramente é conhecido; a arquitetura doméstica era feita, na cidade, de sobrados em que a riqueza e até mesmo a opulência se caracterizavam pelo volume e tamanho do edifício, e não por soluções formais dos autores; no meio rural, a casa-grande sempre preponderou com soluções que partiam das formas tradicionais de origem ibérica.

De início, na casa bandeirista, a comunicação entre o público e o privado era feita pelo “alpendre”, reentrância coberta, tendo de um lado a capela e de outro o quarto de hóspedes. Era uma espécie de sala coberta, perfeita transição entre o interior e o exterior, mais para receber o estranho recém-chegado, onde a hospitalidade acolhia sob o telhado enquanto protegia a intimidade da família.



Casa Bandeirista, no Butantã (Projeto e Design, ed. 276, janeiro/2003)

Num segundo momento, durante o ciclo da cana-de-açúcar, observamos a transição desse “alpendre”. Assim surgiu a sala da frente.

As casas eram implantadas em lotes estreitos e compridos. Não havia edificações com grandes fachadas nem espaços com dimensões necessárias para criação de pátios internos. Não existiam calhas, as coberturas eram simples, em duas águas, uma para a rua e outra para o fundo do lote. O telhado era coberto com telhas do tipo capa-canal, com grandes beirais para proteger a taipa. Como não havia recuos laterais, os telhados, em seqüência, formavam um conjunto.

O programa de necessidades, nesse período colonial, dividia a casa em três zonas distintas. A primeira, que se destinava ao convívio da família com os de fora. Nas casas maiores, há registros de quarto para hóspedes, necessário por causa das distâncias. A hospitalidade era norma de conduta daquela sociedade. A segunda zona diz respeito à intimidade da vida doméstica, ou seja, aos dormitórios, chamados de alcovas, e à sala de jantar. A terceira zona refere-se aos espaços destinados ao trabalho doméstico, principalmente a cozinha. A circulação, impreterivelmente, ocorria da frente para o fundo.

Esses três setores eram organizados normalmente de forma seqüencial, ficando no miolo, sem janelas, a área íntima da casa. Daí a denominação de alcovas, que se abriam para a área de refeições.

Na vila, a casa no limite frontal do terreno, uma porta lateral, a sala da frente, o corredor – que como na casa bandeirista levava às alcovas e à varanda - sala íntima da família - a que só os parentes e os mais íntimos tinham acesso.



A cidade de taipa, São Paulo em 1826 (desenho de Landsser)

A expressão varanda designava a sala dos fundos e sala de jantar, inclusive na casa urbana.

Posteriormente, a frente da casa se divide em duas partes através do corredor, que ia da frente à sala do fundo: sala “praça” ou “varanda”. Existia o corredor ladeado por duas salas de receber visitas com entradas diferentes, que davam para esse corredor. Tais salas podiam ter comunicação com as alcovas.

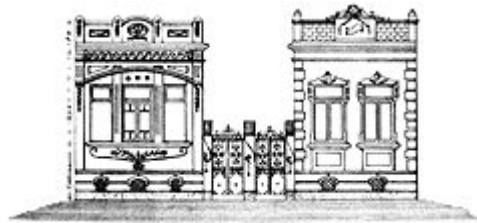
Com a chegada do café as moradias se modernizaram de dentro para fora, pois, mesmo com os métodos construtivos trazidos pelo tijolo, a tradição fez com que se continuasse copiando a estética e volumetria da taipa de pilão.

O café foi o divisor de águas na vida cultural e financeira, particularmente em São Paulo.

A arquitetura decorrente de soluções bandeiristas foi substituída por construções inspiradas no gosto europeu da época: o café e o neoclássico.

Ramos de Azevedo, com a introdução do *hall*, ou vestíbulo, na segunda metade do século XIX, traz o “morar à francesa” – que só aconteceu em palacetes da elite cafeeira –, quebrando a tradição brasileira e dando origem à diferenciação qualitativa das moradias mais abastadas comparadas às outras.

A classe média do ecletismo vivia em casas no alinhamento frontal, mantendo o programa colonial, porém, agora, com corredor lateral originado pelo afastamento lateral do terreno para iluminação de quartos, edificações construídas por imigrantes em platibandas ou com telhados lambrequinados, insistindo sempre na tentativa de imitar o modelo da casa abastada.



Casa de aluguel (Rua Tabatinguera), de Ramos de Azevedo

A partir daí, os estilos fachadistas, apesar de algumas exceções, somaram-se ao ecletismo daquela época, tais como *art nouveau*, neocolonial, *missions*, e à transição para o moderno através do estilo *art déco* até o movimento moderno. Mas a classe média e a sociedade conservadora e caipira paulistanas conservavam, e conservam até hoje, moradias compartimentadas, buscando a mínima superposição de funções.

Ecletismo

O último quarto do século XIX presenciou um rompimento na maneira de realizar a habitação paulista. A colônia era finalmente deixada para trás, substituída pela habitação burguesa e operária. As novas formas arquitetônicas apresentavam um significado simbólico diferenciado. Elas representavam a condição social de seus moradores por meio do local e da habitação em que estes residiam, diferenciando-se profundamente das superposições comuns das casas coloniais.

As transformações socioeconômicas alteraram o imaginário social e a temática urbana passou a dominar os desejos da população, logo mais realçados com a chegada dos barões do café enriquecidos e dos imigrantes que traziam muitas vezes costumes e olhares urbanos.

Nesse sentido, o século XIX representou a passagem de uma cidade com uso e sociabilidade rurais para uma cidade capaz de gerenciar um novo tipo de relação social.

Em meados do século XIX todas as alterações socioeconômicas provocadas pela expansão do café, que modificaram profundamente o quadro urbano paulistano, também atingiram a forma de morar na cidade de São Paulo. Entrava-se em uma nova etapa desse processo civilizador, que foi realçada e acelerada com a República. Na segunda metade do século XIX, o ecletismo neoclássico com todas as suas variações invadiu nossa cidade. Introduziram-se novos materiais de construção, a alvenaria de tijolos. A importação de materiais se tornou fácil pelo afluxo e pelo trabalho de técnicos estrangeiros que vieram com a imigração. Eles construíram uma série de obras de grande porte, tanto públicas quanto particulares, tais como escolas, quartéis, cadeias e outras. Mas foi principalmente a casa do ecletismo, considerada em seus aspectos técnico-estilísticos, a que mais se transformou. Nos 50 anos entre 1870 e 1920 a cidade praticamente se refez.

O tempo do ecletismo foi sinônimo de progresso e linguagem do poder econômico – era o capitalismo inaugurado com o café, que chegava à cidade. A taipa velha foi deixada de lado, significando um tempo a ser superado e negado, principalmente para a nova

elite cafeeira e pela classe média que surgia, formada em sua maioria pelos imigrantes que ascendiam socialmente. Entre os paulistas, o ecletismo era entendido como uma manifestação civilizada adotada graças ao café. O termo ecletismo não era usado por ninguém naquele período final do século XIX. Para todos, tudo aquilo era o “novo gosto”, a estética erudita ou civilizada que a Europa nos enviava.

Hoje, entende-se por ecletismo todo o somatório de produções arquitetônicas a partir do final do século XIX que vieram juntar-se ao neoclássico como reação ao barroco. O ecletismo foi um fenômeno formal que propiciou condições para o avanço tecnológico e para o reforço da dependência cultural e material do mercado externo.

Tudo se alterava, a cidade era fundada pela segunda vez. A taipa velha foi definitivamente substituída pelo tijolo, e a cidade reconstruída de alvenaria. Em 1875, no começo da euforia remodeladora, a cidade tinha menos de 3 mil prédios pequenos. Já em 1900 a capital do café abriu o século com 21 mil prédios construídos no perímetro urbano.

A variedade passou a compor o cenário sem repetições, mas, ao mesmo tempo, homogeneizado pelas mesmas regras de composição, pelos mesmos gabaritos reguladores. Era o ecletismo arquitetônico que passava a ser a expressão do modo de morar.

Ao mesmo tempo em que ocorriam essas modificações no modo de morar, houve também uma evolução na legislação estadual e municipal. Durante todo o período colonial e até meados dos oitocentos, a legislação voltada para o controle das edificações urbanas não interferiu nas condições de planejamento interno das residências. Externamente procurava-se organizar e fiscalizar o alinhamento das fachadas com a intenção de garantir ruas retas e regulares e, especialmente, continuidade entre as cumeeiras das construções geminadas. Tal preocupação não era só estética mas também atendia às dificuldades construtivas daqueles

tempos ainda alheios às novidades da revolução industrial, em que as infiltrações das águas pluviais eram de precário controle em telhados frágeis e de níveis diferentes.

Não se interferia na organização interna das residências, cujas plantas eram extremamente semelhantes entre si, só variando na quantidade de cômodos.

As casas avançavam sobre os limites laterais, unindo-se umas às outras, lotes estreitos e profundos. Ar e luz somente pela frente e por trás.

Para São Paulo, todas as alterações trouxeram novas tecnologias atreladas à alvenaria de tijolos, novos materiais de acabamento e outros critérios de morar para os ricos e para a classe média ascendente, que passavam por um processo civilizatório, e a elite assumiu o “morar à francesa”.

A imigração inchou a cidade, provocando imensa carência de moradias e fazendo surgir cortiços promíscuos e insalubres. Com o aumento da demanda por mão-de-obra em virtude do crescimento das atividades terciárias e fabris, surgiram problemas, desde os relativos ao abastecimento de gêneros até os de controle de epidemias, passando pelos mais graves, referentes ao assunto da moradia.

Os cortiços tiveram grande importância na postura das autoridades para introduzir nos códigos legais uma série de exigências ligadas à higiene – a lei entrava na casa.

Em São Paulo, o primeiro código de posturas a ter preocupações sociais na regulamentação das habitações foi o de 1886. Estipulava pés-direitos mínimos e alturas mínimas dos porões. Aboliu os beirais do tempo da taipa e acabou criando, a partir daí, novo partido arquitetônico derivado da obrigatoriedade do alinhamento do lote, do porão e do corredor lateral descoberto que permitisse iluminação direta dos cômodos. Agora, cada casa tinha seu telhado independente, com telhas francesas; telhados contínuos, só em pequenos grupos de duas ou três casas de um mesmo proprietário. A alvenaria de tijolos definia o arcabouço padronizado que poderia receber a decoração estilística segundo a vontade ou o gosto do empreiteiro, quase sempre italiano.

Nosso patrimônio cultural viu-se em situação inesperada: passou a possuir bens ou artefatos alheios aos elementos do conhecimento da sociedade local, executados com recursos e materiais estranhos à natureza envoltória e concebidos segundo a estética de outras terras.

Em relação aos grupos estilísticos, o professor Carlos Lemos assim classifica as construções:

1. neoclássicas ortodoxas (1850/1860);
2. neoclássicas no partido, mas comprometidas com ornamentações renascentistas organizadas, com bom gosto, obras de autor;
3. neo-renascentistas poluídas – feitas por profissionais pouco qualificados, lançando mão de improvisação, recriação e até invenção;
4. vulgarmente chamadas de “*art nouveau*”, mas que incluem trabalhos de inspiração alemã ou austríaca, concebidas dentro de uma ortodoxia erudita;
5. construções populares muito semelhantes às do terceiro grupo, mas que recebiam decoração *art nouveau* sem critério;
6. obras de estilo indefinido, mas grande parte delas com características formais tiradas de chalés alpinos, de tom romântico, ar bucólico e campestre;

7. ecletismo historicista, que compreendia trabalhos vinculados aos variados modelos de construções alheias ao mundo clássico, sendo o estilo neogótico o mais freqüente;
8. tradicionalista ou colonial, durante os anos da Primeira Guerra Mundial, e hoje denominada neocolonial;
9. obras populares nascidas da reprodução simplificada dos modelos eruditos neocoloniais, que chegaram a compreender a quase totalidade das construções da década de 1920.

O que essas casas tinham em comum era a maior iluminação natural para todos os cômodos, janelas com vidros lapidados ou foscos, pinho-de-riça em profusão, papéis forrando paredes internas, casas com água encanada, já com instalações sanitárias internas completas com chuveiro, banheira, bidê, paredes ladrilhadas com pisos impermeáveis nas cozinhas e nos banheiros. A cozinha, aliás, tornou-se mais cômoda com fogão a carvão vegetal e iluminação artificial, que também teve grandes progressos, primeiro com lampiões a querosene e depois com a luz elétrica que a Light tornou acessível a todos. A varanda, a sala grande, continuou com a função antiga de local para receber visitas, mas a sala da frente ganhou importância, servindo como área de comunicação com a rua e também porque ali se instalou o piano, o centro da convivência da família.

A casa moderna implantada de fora para dentro na São Paulo do fim do século XIX e começo do XX, casa burguesa por excelência, foi reflexo do movimento da sociedade civil que conferiu maior importância à dimensão privada da vida. A casa e suas novas formas de acomodação se tornaram testemunhas das condições socioeconômicas de seus moradores.

A noção de habitar, que Ramos de Azevedo trouxe de sua formação européia, estava intimamente ligada aos hábitos, necessidades, idéias e costumes burgueses. Em seus projetos utilizou os conceitos novos de zoneamento e compartimentalização. As três zonas básicas de uma residência – íntima, social e de serviço – agora são independentes, mas integradas por uma rede de cômodos.

O palacete burguês

Primeiramente, vale notar o conceito de palacete, estabelecido por Maria Cecília Naclério Homem, em seu livro *O Palacete Paulistano*:

Constituiu um tipo de casa unifamiliar, de um ou mais andares, com porão, ostentando apuro estilístico, afastada das divisas do lote, de preferência dos quatro lados, situada em meio a jardins, possuindo área de serviços e edículas nos fundos. Internamente sua distribuição era feita a partir do vestíbulo ou de um hall com escada social, resultando na divisão da casa em três grandes zonas: estar, serviços e repouso⁹.

A residência paulistana da elite do café passaria a ser mais bem cuidada e de maior luxo, para individualizar-se e expressar o êxito econômico, o gosto e as preferências culturais dos proprietários, transformando-se no cartão de visita dos moradores.

Por influência francesa, as casas da elite passaram a ocupar grandes lotes, então os volumes ficaram afastados, com recuos, soltos nos jardins. Nessas casas, os serviços ocuparam o porão, o térreo era destinado ao estar, jantar e escritório, no primeiro pavimento se localizava a área íntima. Parte dos serviços era organizada em construções anexas. É a origem da edícula, que surge junto com o automóvel.

Os principais desses palacetes ecléticos foram construídos nos bairros altos da cidade, como Campos Elíseos, Higienópolis, Liberdade e Avenida Paulista.

⁹ Homem, M. C. *O palacete paulistano*. São Paulo, 1996.

A distribuição, a partir do vestíbulo, para todos os cômodos reforçava a independência de cada um. Cada compartimento tinha sua função, evitando superposições das atividades.

A elite urbanizada trouxe para si a civilização contrapondo-se às outras camadas sociais, criando um mundo à parte, intervindo no espaço urbano em proveito próprio, aumentando a hierarquização social que ficava mais evidente com a nova configuração da cidade. Englobou o acúmulo de bens materiais, o consumo, a ordem, a limpeza, a profissionalização, o cosmopolitismo.

Bairros residenciais distantes e pontos de encontro reservados, distâncias físicas e simbólicas em relação às outras camadas sociais, são formas de exibir uma identidade social pautada pela homogeneidade de comportamento e pelas fronteiras intransponíveis que separam a elite do resto da população.

A separação social já processada no século XIX, através da distinção das áreas habitacionais, foi radicalizada na experiência dos bairros-jardim, influência intelectual de esquemas estrangeiros.

A casa, libertada dos limites dos lotes, acentuou a exclusão social no que diz respeito aos espaços domésticos e à vizinhança.

A maior revolução da moradia, na segunda metade do século XIX, foi quando a maioria das cidades passou a ser regularmente abastecida de água. Esta chegou primeiro no andar de baixo, depois aos superiores e, finalmente, a cada apartamento. A industrialização de canos galvanizados e do material impermeável, a fabricação da torneira, a invenção do sifão e da privada sifonada, patenteada pelos ingleses, permitiram que a água corrente passasse da pia da cozinha ao lavabo, ao w.c. e ao banheiro. O suprimento de água quente também ocorreu a partir do aquecimento de tubos acoplados à fornalha do fogão. Em 1840, nos Estados Unidos, começaram a ser utilizadas caldeiras de cobre e ferro conectadas com fogões.

Assim, a cozinha e o banheiro se tornaram os dois pontos de mecanização da casa, onde apareceriam outras invenções a fim de aliviar o trabalho doméstico. Na cozinha surgiram máquinas de moer carne, batedeiras de manteiga e ovos, moinhos de café, aparelhos de fazer gelo etc., que se somaram a gêneros alimentícios pré-elaborados, refinados e em conserva. No banheiro, verifica-se a reunião de todas as peças no mesmo local, permitindo que espaços vagos se tornassem próprios para exercícios físicos.



Casa Dona Veridiana, de Luís L. Pinto, 1884



Casa Sabino, de Victor Dubugras, 1903



Avenida Paulista no início do século XX

Da casa moderna à contemporânea

Nos anos 1930, o estilo da moda, já utilizando o concreto, era o *art déco*. Mesmo após a Semana de Arte Moderna de 1922, pouco foi alterado na casa paulistana. A industrialização gerada pela riqueza do café aumentava na cidade. A crise de 1929, Getúlio Vargas assumindo o poder do país em 1930 e a eclosão da Revolução Constitucionalista em 1932 agitaram São Paulo.

Mas esses fatos não impediram os primeiros ensaios da arquitetura moderna na cidade. Gregori Warchavchik foi responsável por dois momentos importantes: a construção da última casa de tijolos, piso de assoalho e telhas de barro, na Vila Mariana, e a construção da primeira casa de concreto, no Pacaembu. Rino Levi é outro pioneiro na introdução do racionalismo na cidade.



Casa da Rua Itápolis, Gregori Warchavchik, 1929

Flávio de Carvalho contribuiu inserindo inovações em seus projetos, tais como pé-direito duplo na sala, volumes cilíndricos na fachada, solário etc.

O quadro da arquitetura paulista começou a alterar-se, tendendo a um pensamento voltado à modernidade, somente por volta de 1940 com a chegada de muitos arquitetos estrangeiros, na maioria refugiados de guerra, e com a instalação das faculdades de Arquitetura da Universidade Mackenzie e da Universidade de São Paulo.

Em 1943, a arquitetura moderna paulista sofre a influência da arquitetura produzida no Rio de Janeiro. Alguns arquitetos cariocas mudaram-se para São Paulo, atraídos pelo crescimento da cidade. Mas, além da influência dos estrangeiros e dos cariocas, os paulistanos absorveram os princípios da arquitetura norte-americana, trazida por Frank Lloyd Wright. Destacam-se nessa época Oswaldo Bratke e Rino Levi.



Casa Oscar Americano, Oswaldo Bratke, 1950



Casa Castor D. Perez, Rino Levi, 1958

Rino Levi, formado em 1926 na Real Escola Superior de Arquitetura de Roma, demonstrava em seus projetos uma seriedade e minúcia que ia às últimas conseqüências em relação aos seus desenhos, tratando-se de detalhamento construtivo, esquemas funcionais e gráficos de circulações. Sua arquitetura resultou bem-composta, com cada coisa em seu lugar. Levi desenvolveu um método de trabalho baseado na análise das condicionantes funcionais dos programas arquitetônicos de necessidades e no cuidado na elaboração dos aspectos técnicos e artísticos do projeto.

Oswaldo Bratke, formado no curso de engenheiro-arquiteto do Mackenzie em 1930, simboliza uma classe de arquitetos paulistas que chegou ao modernismo pela evolução profissional, percorrendo vários estilos até o racionalismo. Bratke desenvolveu uma linguagem refinada quando aceitou o racionalismo contemporâneo, não sofreu influência de Le Corbusier e adotou soluções de projeto com linguagem moderna, lançando mão de materiais locais, livres de importações e economicamente viáveis. Produzia casas menos dispendiosas, de fácil manutenção. Conquistou, assim, a classe média com a arquitetura moderna, até então restrita a pequenos grupos de intelectuais, professores universitários ou pessoas ligadas à arte.

Os anos 1960 foram marcados por revoluções. A arquitetura erudita de São Paulo se aproxima ainda mais da máquina de morar, principalmente por compartimentar, por meio de divisórias e painéis, apenas espaços íntimos e de serviços.

Na época de Brasília também se iniciava em São Paulo a fermentação de outra vanguarda da arquitetura moderna brasileira, a “escola paulista”, de ética e estética brutalistas – concreto e alvenaria em estado bruto, sem nenhuma intenção de esconder a “verdade estrutural”.

Afirmando-se por sua radicalidade e busca de novos caminhos, produziu obras notáveis, reunidas por um mesmo método de concepção e composição e por materiais e detalhamentos característicos, cujas diretrizes se espalharam por meio de seguidores em todo o país. Não é possível compreender adequadamente os caminhos da contemporaneidade arquitetônica brasileira sem o necessário reconhecimento crítico e a revalorização desse repertório e tradição. Destacaram-se nessa época Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha, Joaquim Guedes, Carlos Millan, Lina Bo Bardi, entre outros.



Casa Roberto Milan, Carlos Milan, 1960



Casa Berquó, Vilanova Artigas, 1967

Nos anos 1970, com o “milagre brasileiro”, dinheiro é orientado para construção civil, mão-de-obra e materiais baratos à classe média com maior poder aquisitivo.

Era uma arquitetura que, independentemente do programa, privilegiava as grandes estruturas de concreto, o concreto aparente, os pilares esculturais, as estruturas protendidas, o exibicionismo estrutural, a competição por grandes vãos, grandes panos de vidro.

Se as décadas passadas se esforçaram em compactar o programa da casa, agora, respondendo às necessidades básicas, abriam-se grandes e extensas áreas sociais que compreendiam também zonas esportivas, piscinas, saunas, vestiários, salões de jogos, churrasqueiras etc.

Porém, as casas compartimentadas, de tradição francesa, continuaram a ser construídas, com 0% de superposição, sem falar nas duas entradas (social e serviço), solução herdada do escravismo.

Esse processo, que é maravilhoso, dinâmico, foi interrompido pelo golpe militar. Daí vem outra cabeça dirigida ao Brasil, aquela da lavagem cerebral. E o Brasil partiu para outra visão de consumo. Então essa saudável riqueza de diálogo entre a arquitetura e a sociedade começou a ser diluída em função do “Brasil grande”, “Tudo vai dar certo”, “Tudo maravilhoso”, “Todos com muito dinheiro”. Tentaram implantar um tipo de vida, que, no final, o brasileiro gostou. E nós nos tornamos essa coisa meio imbecil, até hoje¹⁰.

10 Depoimento de Décio Tozzi em 05/06/06.

Durante as décadas de 1980 a 1990, a cidade chegou a mais de 10 milhões de habitantes. São Paulo expandiu-se e foram criados loteamentos fechados fora dos limites da cidade. As pessoas se organizaram para implantação de instituições coletivas à margem dos sistemas oficiais. O poder público não dava conta da demanda de serviços, surgindo os condomínios.

Os dogmas do modernismo passaram a ser questionados. O pós-modernismo promoveu uma nova sensibilidade, uma tolerância maior com a diversidade de posicionamentos, com a apreensão e compreensão de outras formas de projeto, mostrando a necessidade de maior diálogo entre o contexto urbano e o ambiente natural na implantação dos edifícios.

O pós-moderno não nega a tradição moderna, mas a interpreta livremente, integra e revê criticamente seus acertos e erros. Contra os dogmas da univalência, da coerência estilística pessoal, do equilíbrio estático ou dinâmico, contra a pureza e a ausência de todo elemento “vulgar”, a arquitetura pós-moderna revalida a ambigüidade e a ironia, a pluralidade dos estilos, o duplo código que lhe permite atender ao mesmo tempo o gosto popular através da citação histórica ou vernacular. É verdade, contudo, que sob o rótulo do pós-moderno proliferou uma interpretação superficial, que consistia em acrescentar às usuais tipologias modernistas alguns sinais, tais como uma abóbada de vidro, uma clarabóia piramidal etc.

Hoje, a nova geração de arquitetos apresenta clara influência e inspiração nos projetos modernistas “históricos” brasileiros dos anos 1940 e 1950 – período de maior reconhecimento internacional. O moderno é uma linguagem, e não mais uma ideologia, a arquitetura não tem a ilusão de assumir o papel transformador da sociedade. Sob certo aspecto, os profissionais de hoje citam elementos da gramática modernista, assim como os pós-modernistas citavam elementos de estilos passados, como o gótico, o românico ou neoclássico.



Casa Gama Issa, Márcio Kogan, 2002



Residência Mariante em Barueri, MMBB, 2001

Não se trata de ironia, de retomada decorativa ou de nostalgia. Após duas décadas extremamente difíceis na economia do país, a arquitetura brasileira, em especial a paulista, parece querer retomar seu impulso e rumo inovador. Construída hoje sem a iniciativa maciça do Estado, os projetos mais interessantes são feitos em pequena escala para clientes particulares. O moderno serve de referência para que se possa voltar a avançar na linguagem arquitetônica e estrutural.

Nota-se na produção atual forte ligação a posturas e linhagens que tiveram suas matrizes e prédios exemplares lançados pela primeira geração de modernistas brasileiros. Significa que os arquitetos contemporâneos utilizam a herança modernista para voltar a atingir uma expressão brasileira, cosmopolita e internacional.



4.1 – BREVE HISTÓRICO

Nascido de um sonho de seus empreendedores – Renato Albuquerque e Yojiro Takaoka, diretores da Construtora Albuquerque e Takaoka S.A. –, inicialmente o projeto se baseava na idéia de construir uma cidade-satélite. Porém, depois de analisar os investimentos necessários para tal, os empreendedores concluíram tratar-se de um projeto utópico. Decidiram, assim, colocar no mercado um loteamento com características inusitadas até então para São Paulo.

O terreno de 500 hectares comprado em Barueri, em 1973, foi o ponto de partida para o surgimento de uma concepção inovadora de empreendimento. Deram a esse empreendimento o nome Alphaville, inspirados em um filme de Jean-Luc Godard.

Localizado no quilômetro 23 da Rodovia Castelo Branco, nos municípios de Barueri e Santana de Parnaíba, na zona oeste da Região Metropolitana de São Paulo, liga-se ao centro de São Paulo através do Complexo Viário Heróis de 1932 (conhecido como Cebolão), pelas marginais Tietê e Pinheiros e, mais recentemente, pelo Rodoanel Mário Covas.

O loteamento Alphaville, além de ocupar terras da antiga Fazenda Tamboré, utilizou e se apropriou de terras de sítios abandonados por empresas de extração de areia, junto às margens do Rio Tietê.

Alphaville foi concebido como um projeto aberto que seria ajustado à dinâmica do mercado nos anos seguintes. Inicialmente desenvolvido como novo modelo de loteamento voltado a indústrias não-poluentes, visava a criação de uma alternativa para que empresas se instalassem longe dos congestionamentos da capital, a um preço acessível de terreno, com a possibilidade de usufruir de melhor ambiente de trabalho e aproveitar a mão-de-obra local.

Mas, durante as discussões sobre o empreendimento, houve interesse da Hewlet Packard (HP) pela área. A HP compraria um lote desde que a Albuquerque, Takaoka tomasse cuidado com a definição das regras no novo negócio. Dos Estados Unidos, Skip Law,

diretor de negócios imobiliários da HP, enviou farta documentação com as especificações de Palo Alto. O projeto executado em Palo Alto foi adaptado à realidade brasileira e traduzido numa minuta de contrato.

Assim, a HP comprou um terreno e construiu ali um escritório. A instalação da multinacional mudou o conceito e até o nome do empreendimento, que passou de Alphaville Centro Industrial para Alphaville Centro Industrial e Empresarial.

Originalmente, o projeto Alphaville não previa a criação de bairros residenciais. A construtora procurou fugir do excesso de oferta de apartamentos residenciais em São Paulo, optando pela criação de um bairro empresarial que seria construído em etapas.

Desde o início da implantação do setor empresarial, empresários e profissionais liberais que estavam adquirindo lotes para suas empresas e escritórios passaram a representar uma demanda potencial para a criação do Alphaville Residencial, em julho de 1975.

O interesse de integrar moradia e trabalho crescia à medida que Alphaville se tornava conhecido em detalhes: o cuidado com o verde, a estratégia de segurança e a manutenção do crescimento ordenado, segundo normas de uso e ocupação de solo.

O Alphaville Residencial passou a ser uma resposta para quem procurava um local tranquilo para viver com a família, usufruindo de toda a infra-estrutura urbana. Por ser uma solução economicamente viável – pois o custo dos lotes era convidativo, e a qualidade de vida, melhor –, os bairros residenciais começaram a ser construídos, revelando uma tendência tanto ou mais importante do que se imaginava de início.

O conceito foi aprimorando-se, os contratos melhorados e criou-se um modelo de autogestão em que os próprios moradores administram o empreendimento, que passou a nortear os demais empreendimentos em Alphaville.

Para atender aos moradores de Alphaville, além dos que ali trabalhavam e circulavam, no início da década de 1980 a construtora viu a necessidade da criação de um Centro Comercial e de outros menores, chamados Centros de Apoio, onde se pudessem instalar padarias, farmácias, serviços básicos etc.

4.2 – OS ATRATIVOS

Para que as empresas acreditassem no potencial da região e se mudassem para o novo bairro, foi necessária a criação de atrativos.

A Albuquerque, Takaoka antecipa-se ao poder público, dotando Alphaville de toda a infra-estrutura urbana: rede de abastecimento de água, rede coletora de esgoto, iluminação etc.

Em 1975, quando Alphaville é lançado, toda a sua infra-estrutura urbana já está implantada. Como os investimentos feitos nessas benfeitorias são diluídos no preço dos lotes e cada comprador paga apenas a parcela que lhe cabe, o projeto torna-se viável. Além disso, há garantias contratuais de que o desenvolvimento do bairro será ordenado, constantemente fiscalizado pela construtora e posteriormente pelas administrações de cada núcleo.

A fim de acelerar o processo de desenvolvimento do bairro, a construtora procura atender às exigências para fixação populacional. Estabelece um sistema de segurança, e os residenciais são circundados por muro de proteção e portaria controlada por serviço de

vigilância. Organiza um sistema de roteiro dos ônibus, com horários programados, a fim de atender às escolas tradicionais de São Paulo.

Notamos que as etapas de desenvolvimento do bairro foram estimuladas pela construtora. Como não se construíam casas por não haver outras ali, a Albuquerque, Takaoka edificou-as, estimulando o processo. Inicialmente foram feitas trinta casas no Residencial 1, enquanto no Residencial 2 esse número diminuiu para cinco. Tais casas foram cedidas, gratuitamente, aos proprietários cujas residências estavam em obras.

Esse sistema foi também aplicado em outros aspectos, pois não se muda para uma residência se não há possibilidade de vida social. Então construiu-se um clube que não só promoveu a vida social da população, em fase inicial de fixação, como também se transformou em suporte para as empresas que começavam a se instalar ali.

O empreendimento, no início, utiliza as palavras “verde e segurança” para atrair os empresários, mas o que se esperava – ou seja, que as empresas se estabelecessem para que depois os empresários se mudassem com suas famílias – acabou se revertendo. As famílias dos empresários se mudaram antes, e as empresas se estabeleceram posteriormente.

Por causa desse fenômeno, a área residencial passou a ocupar 75% do empreendimento, o setor industrial empresarial, 22%, e o comercial, 3%.

4.3 – OS RESIDENCIAIS

Pensado inicialmente como loteamento industrial, o empreendimento adequou-se ao uso residencial na forma de loteamentos, que de início, por apresentarem limites murados e controle de acesso, foram erroneamente denominados loteamentos fechados. Aqui cabe um parêntese, pois somente após a aprovação da Lei nº 2.071, de 06/03/1998, os residenciais pertencentes a Santana de Parnaíba receberam a concessão de direito real de uso dos bens públicos do município, podendo, no prazo de 49 anos, renovável por iguais períodos, fazer efetivamente o controle das portarias.

O processo, desde a aprovação da lei até a assinatura dos contratos entre as sociedades e a Prefeitura de Santana de Parnaíba, apenas foi concretizado em março de 2001.

Foram adotados os padrões normativos da Cia. City como base para ocupação dos residenciais. E estes foram sofrendo variações, como as dimensões de lotes, visando atender a um público diversificado. Porém, diferentes tipos de lote não aconteciam em um mesmo residencial, preservando a homogeneidade de seus ocupantes.

Nesse sentido, o Alphaville Residencial 10 é uma exceção. Sua configuração, principalmente em função da topografia “criada”, apresenta lotes com áreas que variam de 420,00 m² a 2.700,00 m².

Com relação à topografia “criada”, pode-se dizer que na construção de Alphaville houve uma indesejabilidade do meio ao redor, daí destruir o relevo e a vegetação existentes e recriar essa mesma paisagem. Nega-se e bloqueia-se o convívio com as diferentes camadas sociais. É produzido um cenário. Cabe destacar o papel do Estado, que, em

razão de recursos financeiros que receberia, deu total liberdade aos empreendedores, que montaram o projeto em função dos próprios interesses¹¹.

4.4 – O CONCEITO DE “BEM MORAR”

Alphaville é emblemático porque foi introduzido como nova forma de habitar, ainda que baseado no resgate de velhas maneiras de morar. Possibilitou a realização dos desejos das pessoas de viver em casas unifamiliares, isoladas, rodeadas de verde e protegidas da violência urbana.

Aliado à questão da segurança, existe outro ponto importante para alavancar o mercado de condomínios horizontais fechados – o *status*. O apelo comercial usa o poder de sedução da exclusividade, segurança, qualidade de vida.

Alphaville é um paraíso para, pelo menos, dois profissionais: o incorporador, que lucra com o medo da população rica, e o agente de segurança, que aí se encontra em seu reino encantado.¹²

Morar em Alphaville confere *status* social, significa poder viver isolado e protegido, convivendo com uma vizinhança homogênea, desfrutando prazerosamente de equipamentos de lazer e da comodidade de alguns serviços.

11 Campos, Ana Cecília de Arruda. *Alphaville/Tamboré e Barra da Tijuca: a implantação dos modelos e suas relações com a estrutura econômica brasileira*. São Paulo, 2005.

12 Tramontano, Marcelo. Op. cit. p. 284.

O que distingue um indivíduo de outro é ter ou fazer o que nenhuma pessoa tem ou faz. Ter um jardim mais bem-cuidado, um carro importado do ano, os filhos nas melhores escolas, viagens, dentre outros, são elementos de distinção em uma sociedade que se importa exclusivamente com a condição social.

A vida em comunidade se reduz a mero *slogan* de valorização imobiliária, pois o isolamento parece uma característica na vida diária dos moradores de Alphaville. A idéia de que viver junto com pessoas do mesmo nível social e com níveis de realização próximos geraria um convívio harmonioso não passou de falsa. A relação que cada um tem com o vizinho ou com outros residentes é pequena, ou quase nenhuma.

Há quem faça um paralelo entre os condomínios fechados e o chamado “cocooning” (encasulamento). O termo, cunhado nos anos 1990 pela consultora de marketing americana Faith Popcorn, refere-se à tendência, observada nas últimas décadas, de menor socialização dos indivíduos, que passam mais tempo recolhidos dentro de casa. Teoricamente, a combinação de internet, novas tecnologias e condomínios que parecem clubes propiciou o ambiente ideal para o “cocooning” ao trazer para um ambiente fechado tudo o que teoricamente a pessoa necessita¹³.

¹³ Freitas, Rosana Faria de. *Em terras bandeirantes*. Revista da Folha – Morar, 27/10/2006.

Ao contrário do lugar ideal para viver que imaginavam, as pessoas se depararam com problemas de infra-estrutura, de trânsito, ambientais e de conveniência muito semelhantes aos da cidade¹⁴.

A miniaturização da cidade na forma de condomínios e loteamentos fechados se difunde como mostra de modernidade, mas no fundo atesta a incapacidade de resolvermos nossas contradições¹⁵.

4.5 - A REALIDADE

Ao longo de mais de trinta anos de existência, Alphaville (Barueri e Santana de Parnaíba, SP) tornou-se um dos mais importantes pólos de desenvolvimento urbano da região metropolitana de São Paulo, tendo urbanizado um total de 9.977.449,46 m², distribuídos em catorze residenciais, duas áreas empresariais e ainda centros de comércio e serviços.

Em Alphaville há hoje 3.000 empresas instaladas, uma população flutuante de 150.000 pessoas, população fixa de 70.000 pessoas e acesso de 70.000 veículos/dia, segundo dados da Associação Residencial e Empresarial Alphaville (AREA), em abril/2006.

Alphaville enfrenta hoje dificuldades para sua expansão física, pois está limitada por morros, esbarrando nas questões ambientais, e também por outros empreendimentos implantados ao seu redor (Alpha Sítio, Gênese I e II, Tamborés Villaggio). A própria Rodovia Castelo Branco, mostrou não ser compatível com o movimento de veículos gerado, mesmo após a construção da polêmica marginal.

¹⁴ Romero, Auro Moreno. *Alphaville: ilusão do paraíso*. FFLCH USP, 1997.

¹⁵ Campos, Ana Cecília de Arruda. *Alphaville/Tamboré e Barra da Tijuca: a implantação dos modelos e suas relações com a estrutura econômica brasileira*. São Paulo, 2005.

Até mesmo o trecho do Rodoanel como alternativa de deslocamento ainda depende do acesso da Rodovia Castelo Branco.

Nos Centros de Apoio e no Centro Comercial tornou-se inviável andar a pé. As calçadas deram lugar aos automóveis, para os quais não há número suficiente de vagas na demanda de hoje. Devido às grandes distâncias a ser percorridas, faz-se necessário e indispensável o automóvel.

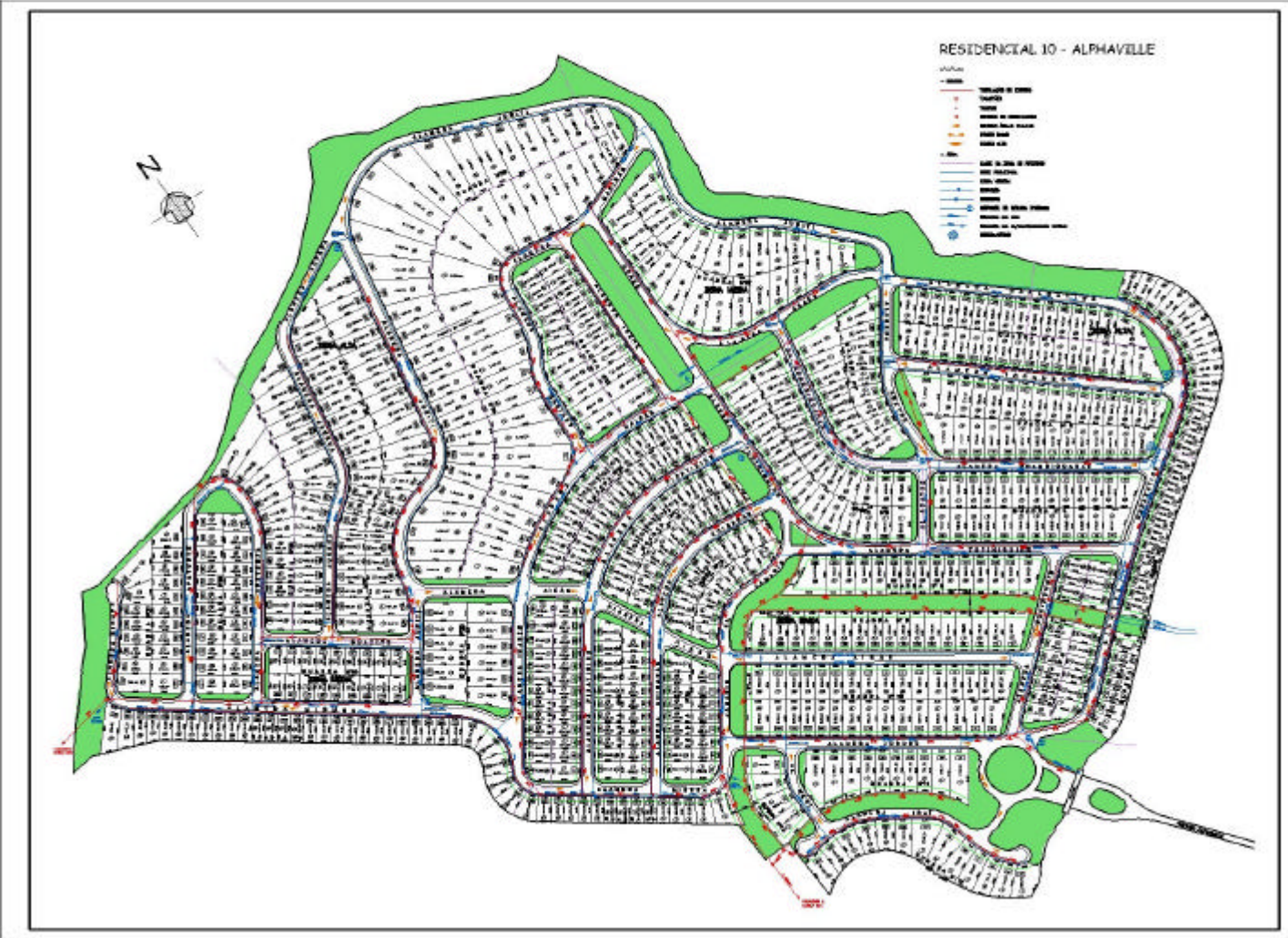
Mesmo dentro dos residenciais, a faixa determinada para passeio público (em geral de 3,50 m de largura) não é utilizada pelo pedestre. Como sua pavimentação e seu tratamento ficam vinculados à construção no lote e cada proprietário personaliza sua porção, essa personalização inibe a utilização do espaço.

No início dos anos 1990, com o aumento da população, surgiu outro problema: a falta de água tratada e fornecida pela Sabesp. A Estação de Tratamento de Águas do Bacuri, que abastece dos residenciais 5 ao 12, incluindo o Alpha Sítio e o Centro Tecnológico Gráfico da Folha de S.Paulo, não suportou a demanda. Havia necessidade de complementar o abastecimento das casas por meio de caminhões-pipa.

O problema somente foi solucionado em agosto de 2000, com a duplicação da capacidade de produção da ETA Bacuri, que passou a produzir de 144 m³/h para 244 m³/h.



5.1 - ALPHAVILLE RESIDENCIAL 10



5.2 – HISTÓRICO DO ALPHAVILLE RESIDENCIAL 10

Janeiro de 1986 – Lançamento do Alphaville Residencial 10, com restrições construtivas básicas impostas pela Construtora Albuquerque, Takaoka.

Mai de 1987 – Aprovação do primeiro projeto (aprovado pela Construtora Albuquerque, Takaoka). A construtora foi responsável pela aprovação de 173 projetos no condomínio. Os demais 458 foram aprovados já pelo departamento técnico do condomínio.

Julho de 1989 – Primeira obra concluída e habitada – Al. Jamaris, 73.

Mai de 1990 – Constituição da Sociedade Alphaville Residencial 10.

Julho de 1991 – Aprovação do Regulamento de Restrições de Obras da SAR10.

5.3 – RESUMO DAS RESTRIÇÕES CONSTRUTIVAS E REGULAMENTO DE OBRAS DA SAR 10

A - Recuos mínimos

Frente – 5,00m

Laterais – 1,50m

Laterais de extremos de quadra – 2,00m

Fundo – 3,00m

Taxa de ocupação: 55%

Coeficiente de aproveitamento: 1

B - Critérios de implantação para residências unifamiliares**Conforme o Código de Obras de Santana de Parnaíba (Lei nº 1.831, de 22/12/93):**

“Artigo 1º

Parágrafo 1º - A altura (H) será medida do piso do andar mais baixo (no máximo a 1,00m de altura acima ou abaixo do nível do passeio público) até o teto do andar mais alto do edifício”.

Onde H = 12,00m

Conforme Alphaville Residencial 10

Foi adotado, a partir de 1º de julho de 1991, um gabarito de implantação diferenciado para cada quadra e respectivos lotes, visando melhor adequação à topografia do terreno, segundo a qual é possível implantar as residências desde o ponto mais alto da guia até acima de 2,00m do ponto médio da guia, conforme o caso. Nota-se, porém, que a altura é (H) = 9,00m do primeiro piso.

C - Critérios para corte e aterro**Conforme o Código de Obras de Santana de Parnaíba:**

“Artigo 6º - Não poderá ser executado nenhum corte ou aterro que venha a criar um muro de arrimo superior a 3,00m de altura.”

Conforme Alphaville Residencial 10

O recuo de fundo (3,00m) deverá ser elaborado de tal forma que o nível acabado do piso, no ponto médio do alinhamento de divisa, tenha a altura máxima de 2,00m acima do perfil natural do terreno. O muro de fechamento terá altura máxima de 1,50m acima do piso acabado interno, de forma que o lote lindeiro de fundo veja um muro de 3,50m, no ponto médio.

Apesar de não serem tão rígidas as restrições relativas aos recuos e, como veremos, de os projetos os respeitaram nos seus limites mínimos, esse conjunto de restrições proporcionou ao Residencial uma homogeneidade na paisagem, principalmente em relação ao gabarito e aos arrimos. Quanto à implantação, as casas acompanham a topografia, seja ela criada ou não, sem causar interrupções no ritmo de quem as observa.

5.4 – INFORMAÇÕES PRELIMINARES

Gleba	770.835,84 m ²	100,00%
Lotes (649)	492.989,89 m ²	64,83%
Áreas públicas (vias)	135.860,57 m ²	17,88%
Uso institucional + área cedida	37.041,15 m ²	3,48%
Sistema de lazer	104.944,23 m ²	13,81%

5.5 – SITUAÇÃO ATUAL DO RESIDENCIAL (dez/2005)

Obras em andamento	38
Obras finalizadas não habitadas	34
Residências habitadas	446
Lotes de apoio*	3
Lotes vazios	128 (19,72%)

*Lotes utilizados, com autorização dos proprietários, como extensão do canteiro de obras, somente para armazenagem de materiais.

5.6 - LEVANTAMENTO

ano	nº de projetos
1987	10
1988	83
1989	80
1990	37
1991	32
1992	29
1993	53
1994	75
1995	51
1996	27
1997	22
1998	24
1999	25
2000	22
2001	29
2002	20
2003	07
2004	05
2005	02
Total	634

Como se pode observar, o *boom* de projetos aprovados deu-se em duas épocas: final da década de 1980 e meados da década de 1990.

6 - CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO DOS PROJETOS



6 - CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO DOS PROJETOS

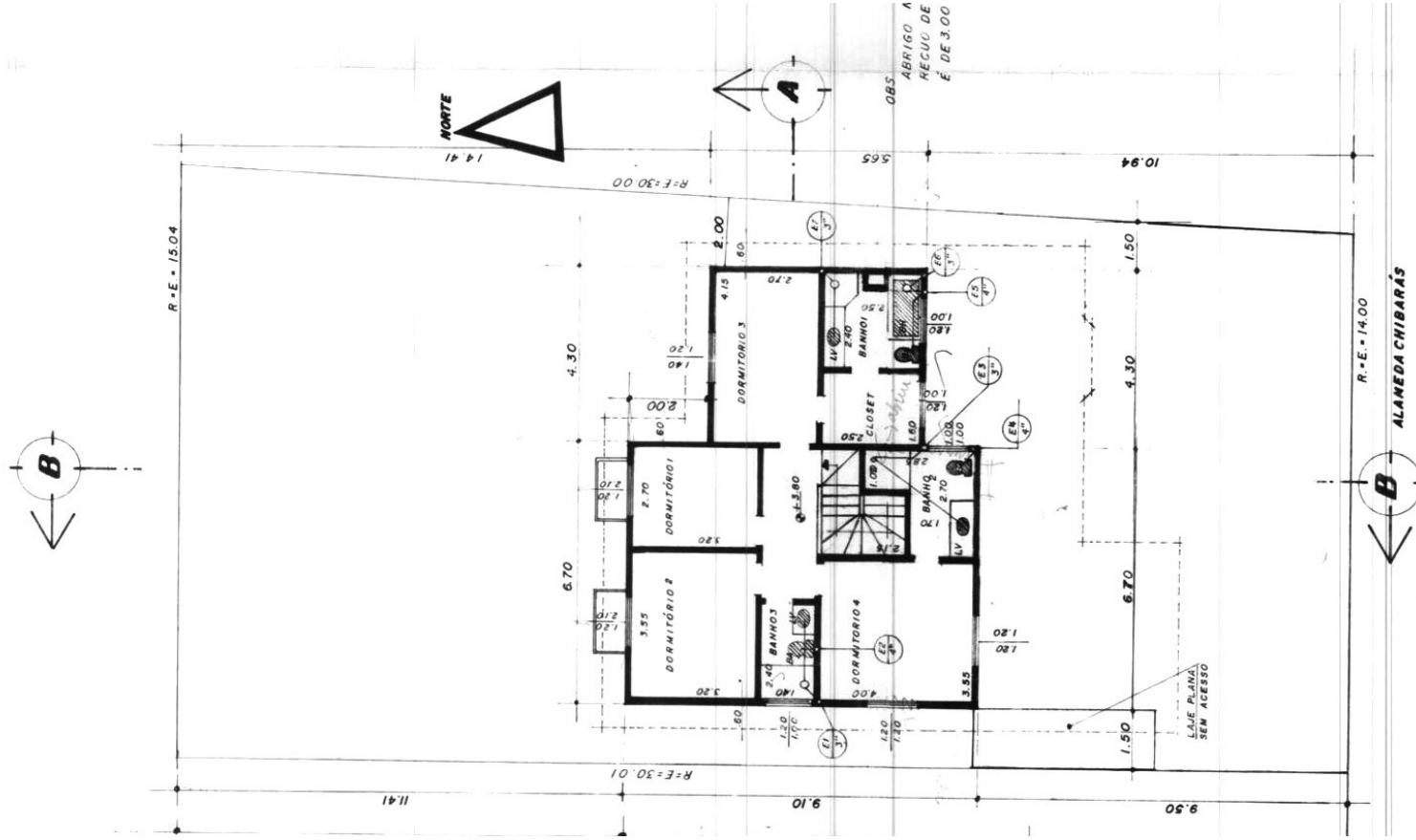
- a) Foram selecionados apenas os projetos construídos para cliente final.
- b) Inicialmente, a idéia era estabelecer três projetos por ano.
- c) Não foi selecionado nenhum projeto aprovado no ano de 2005, uma vez que todos ainda se encontram em obras.

Após a primeira triagem, foram selecionados 51 projetos. Mas, por apresentarem características muito semelhantes ano a ano e para que a narrativa desta trajetória não se tornasse maçante, foi feita uma segunda triagem. Nessa etapa foram selecionados e levantados 17 projetos e, após os procedimentos para autorização dos proprietários, foram selecionados 5 projetos.

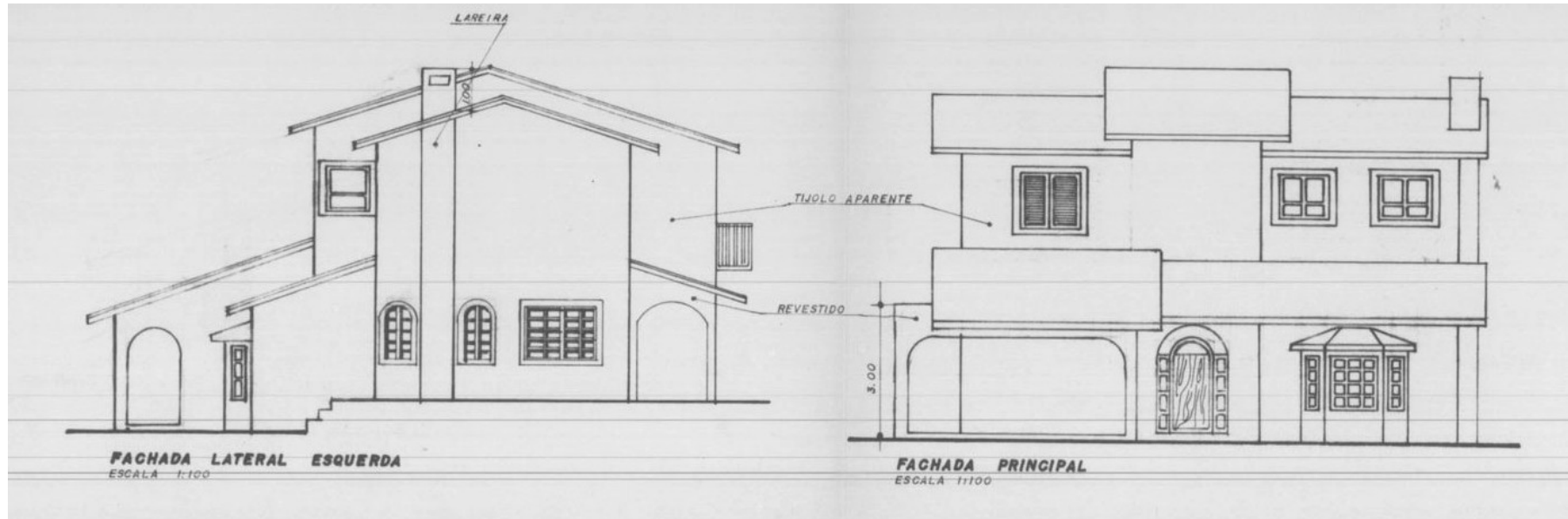
Esses projetos foram protagonistas de uma ou mais intervenções (reformas) ao longo dos anos.



PAVIMENTO TÉRREO



PAVIMENTO SUPERIOR



Plantas fornecidas pela SAR 10, autorizado pelo proprietário, 1988.

Implantação

O lote apresenta pequeno aclave (<1,00m). A casa é constituída em um único corpo de dois pavimentos, sua disposição foi cartesiana em relação ao lote, não havendo preocupação com a orientação N-S.

Foram respeitados os recuos mínimos obrigatórios exigidos.

Porém, no início da obra, os proprietários adquiriram o lote lateral esquerdo e não foi elaborado novo projeto. Simplesmente o projeto, que já havia sido aprovado pelo Residencial e pela Prefeitura de Santana de Parnaíba, foi executado “espelhado”.

Programa e articulações

O programa está distribuído nos dois pavimentos, da seguinte maneira:

- Térreo: hall, escritório e abrigo para dois automóveis (essa tríade se tornou um modelo sempre utilizado nas soluções projetuais nesse Residencial), lavabo, living com lareira e varanda, cozinha, área de serviço e depósito, dormitório de empregada e w.c.;
- Superior: suíte principal (banheiro + dormitório + closet), suíte (dormitório + banheiro), dois dormitórios com sacada e banheiro.

O escritório, na frente, propicia sua utilização sem maiores interferências com os demais ambientes. O abrigo de autos, com acesso imediato para o setor de serviços, facilita carga e descarga de compras etc.

Porém, a escada como eixo central da casa, aliada ao dimensionamento equivocado dos ambientes, não permite um layout confortável às salas.

Sistema construtivo e elementos formais

Foi utilizado o sistema convencional, estrutura de concreto armado “in loco”, alvenaria em blocos cerâmicos, telhado em telhas de concreto, caixilhos de madeira.

Aqui, dois elementos muito utilizados em diversas casas, na época, o tijolinho aparente nas fachadas e a “bay window” no escritório, funcionando como atributo de valorização, além da porta principal em arco colonial.

Projeto

Sem grandes inovações, o profissional não demonstrou preocupação com os espaços e suas articulações. Apenas repetiu o modelo, tão usual no residencial, talvez por solicitação do cliente, mas, sem uma discussão ou proposição de soluções mais adequadas.

Quanto ao fato do projeto ter sido espelhado, quando da comercialização do segundo lote, fica evidente o não comprometimento profissional na busca de uma solução projetual mais apropriada à área final dos lotes unificados

2º Projeto: 16/12/1993

Área de terreno: 901,48m²

Área construída: 455,08m²

A correta identificação desta
bem como a locação da obra, é
responsabilidade do engenheiro
emitido da mesma.

Aprovado Data 16/12/93
Sociedade S.A. Residencial 10

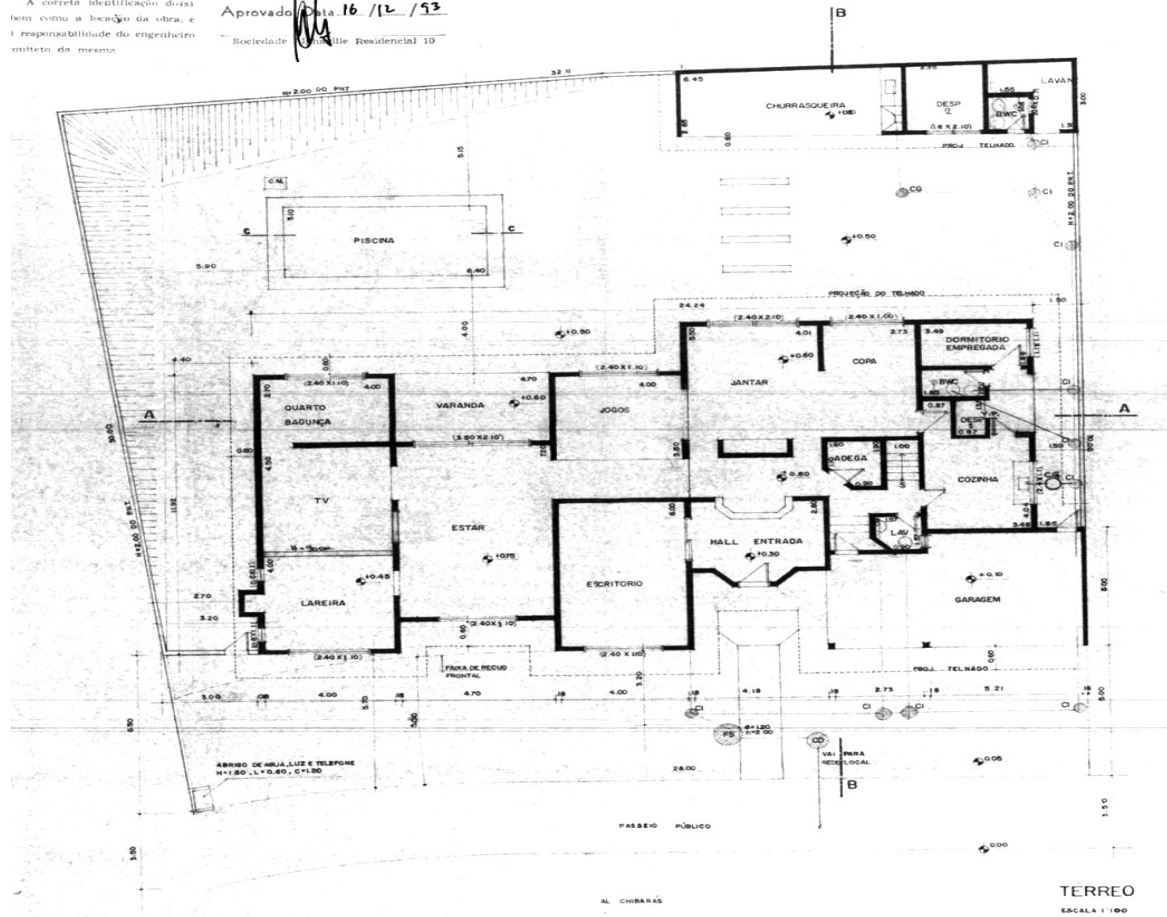




Foto-montagem fornecida pelo proprietário, s.d.

Programa e articulações

O escritório agora é transformado em hall de entrada. O abrigo de autos é aumentado para três vagas.

O térreo ganha: novo escritório, sala de jogos, estar com varanda, sala de lareira, sala de TV e sala de bagunça.

Edícula: área para churrasqueira, despensa, área de serviço e w.c.

No superior: reorganização dos espaços. Permanecem duas suítes, dois dormitórios e banheiro.

A tríade escritório/hall/abrigo de autos foi mantida. A ampliação do setor social e a criação do setor de lazer foram a tônica nessa etapa. Os espaços mais generosos possibilitaram melhor circulação e distribuição de layout.

Sistema construtivo e elementos formais

Foi mantido o mesmo sistema construtivo e até mesmo o revestimento de tijolos aparentes nas novas fachadas, que, nessa etapa, receberam pintura branca.

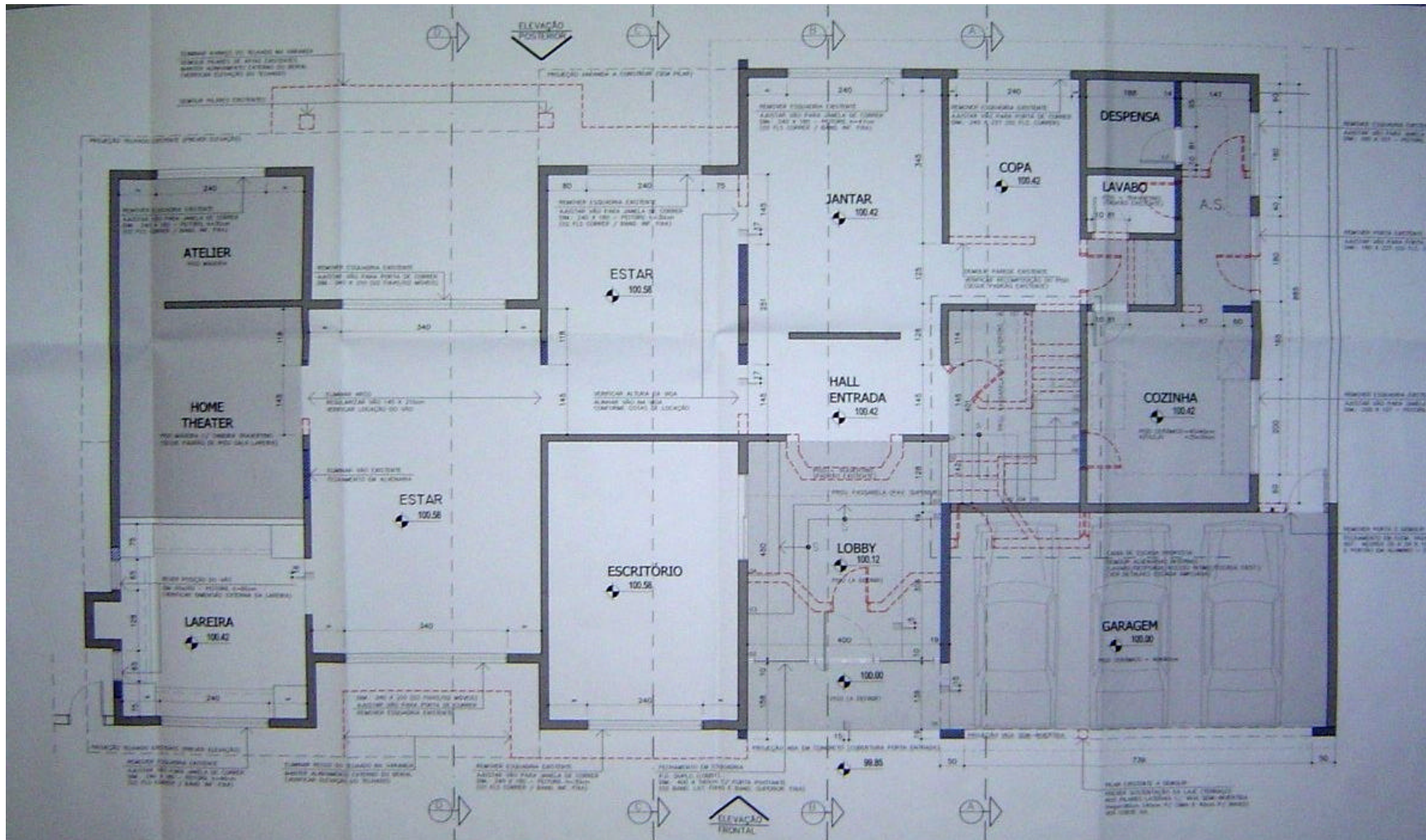
Projeto

Aqui, um segundo profissional, contando com liberdade em função da área disponível, pôde rearranjar os espaços destinados aos serviços e social. A questão é: por que manter o tijolinho na fachada, inclusive na área ampliada (praticamente 100% em relação à anterior), para depois mascarar-lo com a pintura branca?

3º Projeto: 06/2004

Área de terreno: 901,48m²

Área construída: 575,63m²



PAVIMENTO SUPERIOR

Plantas fornecidas pela SAR 10, autorizado pelo proprietário, 2004.



Foto: Sandra Roiphe, nov/2006.

Programa e articulações

No térreo: o hall se transforma em “lobby” com pé-direito duplo. O lavabo ganha nova disposição, a sala de TV passa a se chamar “home theater”, e a sala de bagunça, “ateliê”.

Na edícula: ampliação da área de churrasqueira.

No superior: reformulação total. Agora passa a contar com três suítes (dormitório + closet + banho) e suíte master (dormitório + closet feminino + closet masculino + home office + banheiro com banheira e varanda).

As articulações espaciais no térreo permaneceram as mesmas. No superior, para a ampliação e a criação da tão sonhada quarta suíte, adotou-se uma solução em passarelas, o que acarretou perda de espaços em função de suas dimensões.

Sistema construtivo e elementos formais

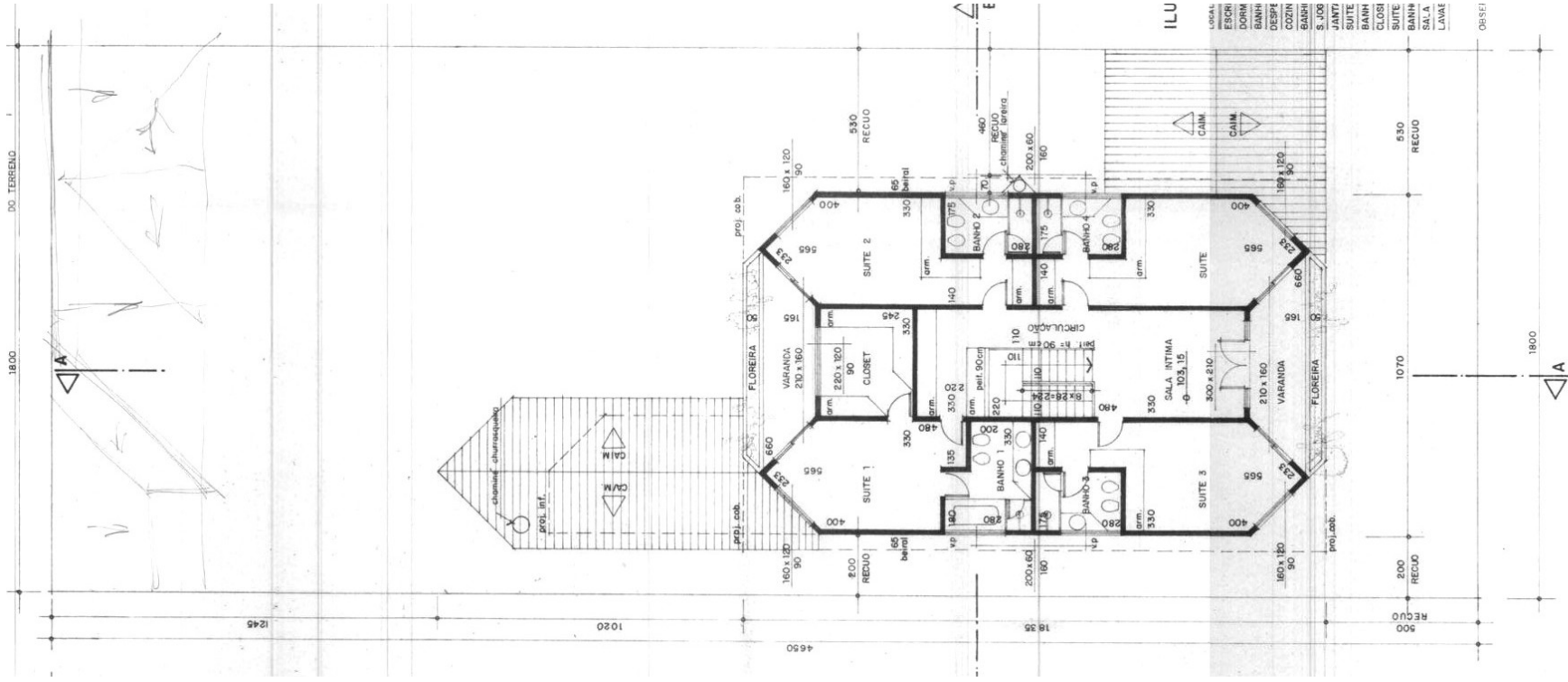
Foi mantido o mesmo sistema construtivo. Os caixilhos de madeira foram substituídos por alumínio com pintura eletrostática branca. Todo o tijolo aparente das fachadas foi removido e estas receberam pintura texturizada.

Criou-se pórtico na entrada, seguido pelo lobby com pé-direito duplo.

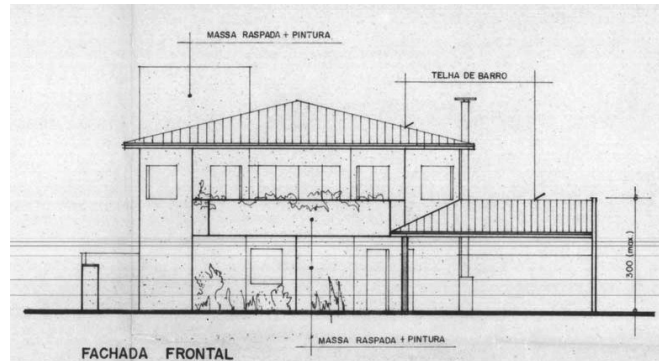
Foram eliminadas todas as linhas curvas.

Projeto

Agora, um terceiro profissional, promove uma revolução na aparência da casa. É certo que, com as linhas retas adotadas, conseguiu promover uma limpeza nas fachadas. Porém, não há nenhum traço remanescente da primeira casa. Como se se negasse o passado até aquele momento.



PLANTA PAV. SUPERIOR



Plantas fornecidas pela SAR 10, autorizado pelo proprietário, 1992.

Implantação

O terreno é plano. A casa foi implantada em um bloco de dois pavimentos. Respeitou-se o recuo mínimo frontal e, devido às dimensões do lote, foi possível propor afastamentos mais generosos nas demais divisas.

A forma, rígida, parece ter sido intencional a fim de se prevalecer da insolação ocasionada pela orientação N–S.

Programa e articulações

O programa está distribuído nos dois pavimentos, da seguinte maneira:

- Térreo: hall, escritório e abrigo para dois automóveis, lavabo, estar com lareira e jantar com varanda, cozinha, área de serviço e despensa, dormitório de empregada e w.c. Sala de jogos com banheiro e área para churrasqueira;
- Superior: suíte master (banheiro + dormitório + closet) com varanda e três suítes (dormitório + banheiro) com varanda.

O modelo escritório/garagem/hall acontece também nessa casa. O escritório, na frente, propicia sua utilização sem maiores interferências com o demais ambientes. O abrigo de autos dá acesso imediato para o setor social. A setorização é rígida: serviço, social/lazer e íntima.

Sistema construtivo e elementos formais

Foi utilizado o sistema convencional, estrutura de concreto armado “in loco”, alvenaria em blocos cerâmicos. Telhado em telhas de concreto. Caixilhos de madeira.

A forma, tão rígida, criando angulações (45°), foi muito perseguida em outros projetos na época.

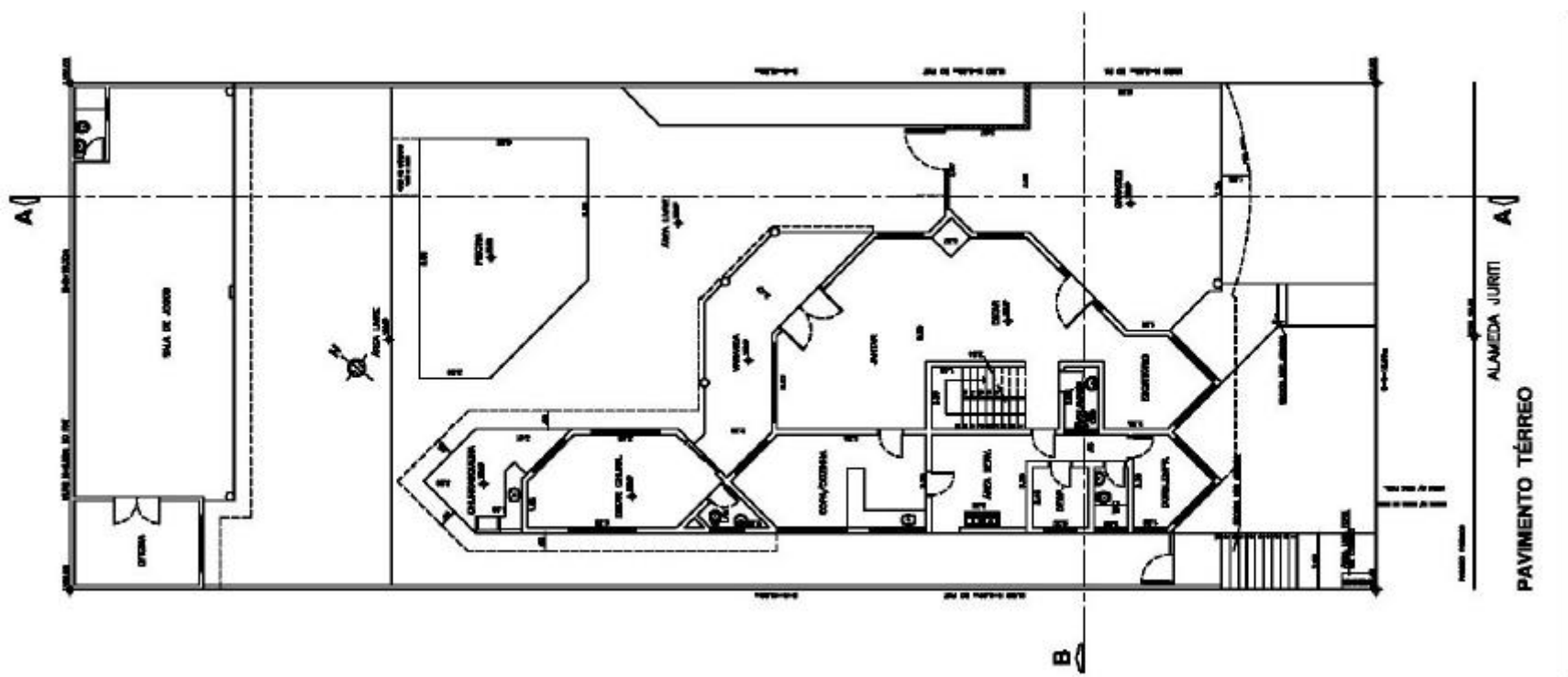
Projeto

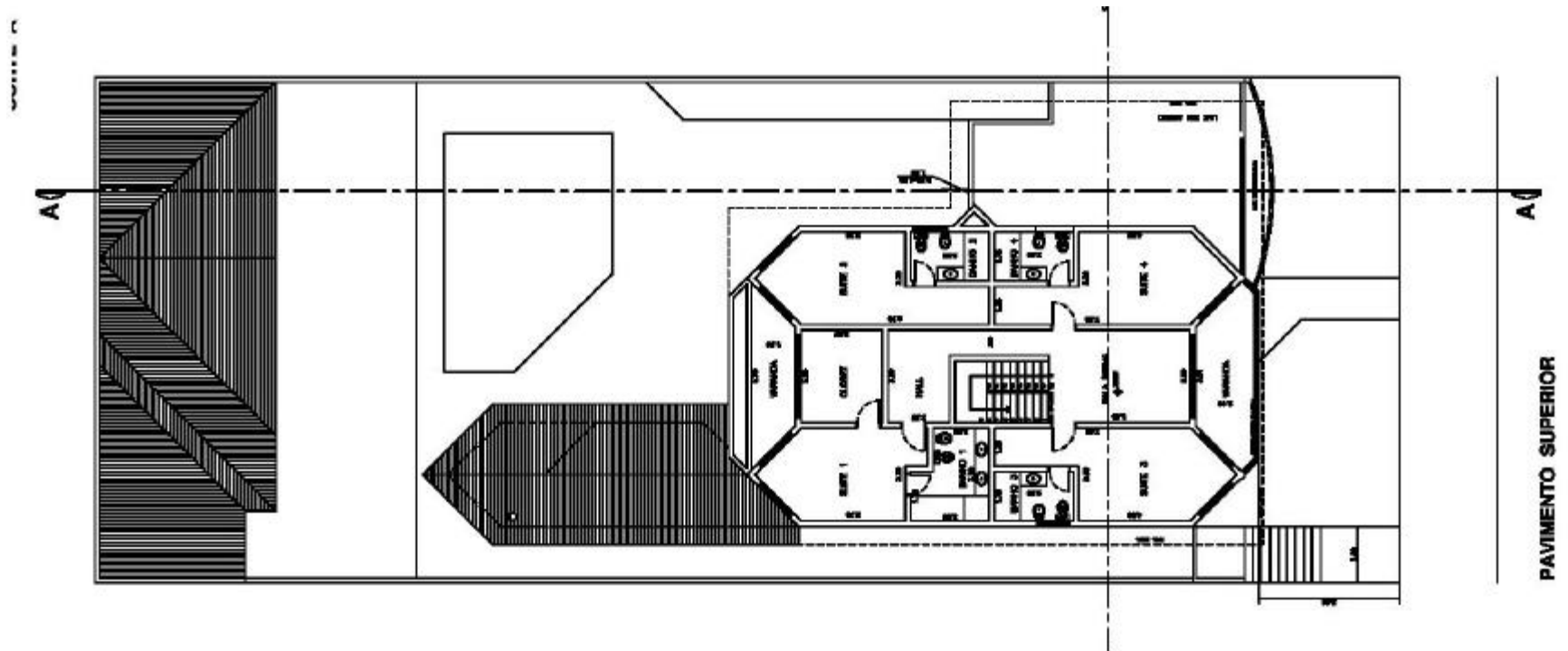
Evidentemente, um projeto pensado de fora para dentro tem a forma mais presente que a função. Essa rigidez formal será uma barreira para intervenções futuras, como veremos a seguir.

2º Projeto: 02/1998

Área de terreno: 837,00m²

Área construída: 603,02m²





Arquivo digital pelo proprietário, 1998.

Implantação

A edícula foi implantada no fundo do lote, ocupando sua extensão total.

Programa e articulações

Nessa edícula foram propostos uma oficina, área de jogos e banheiro.

Sem grandes comprometimentos com o existente, a área de jogos ficou isolada da casa e a antiga sala de jogos agora é área de refeições para a churrasqueira.

Como o proprietário é colecionador de carros antigos, houve a necessidade da oficina. Porém, o acesso dos veículos até ela é feito por meio de um gargalo entre a piscina e a área da churrasqueira.

Sistema construtivo e elementos formais

Foi mantido o mesmo sistema: convencional, estrutura de concreto armado “in loco”, alvenaria em blocos cerâmicos. Telhado em telhas de concreto. Caixilhos de madeira.

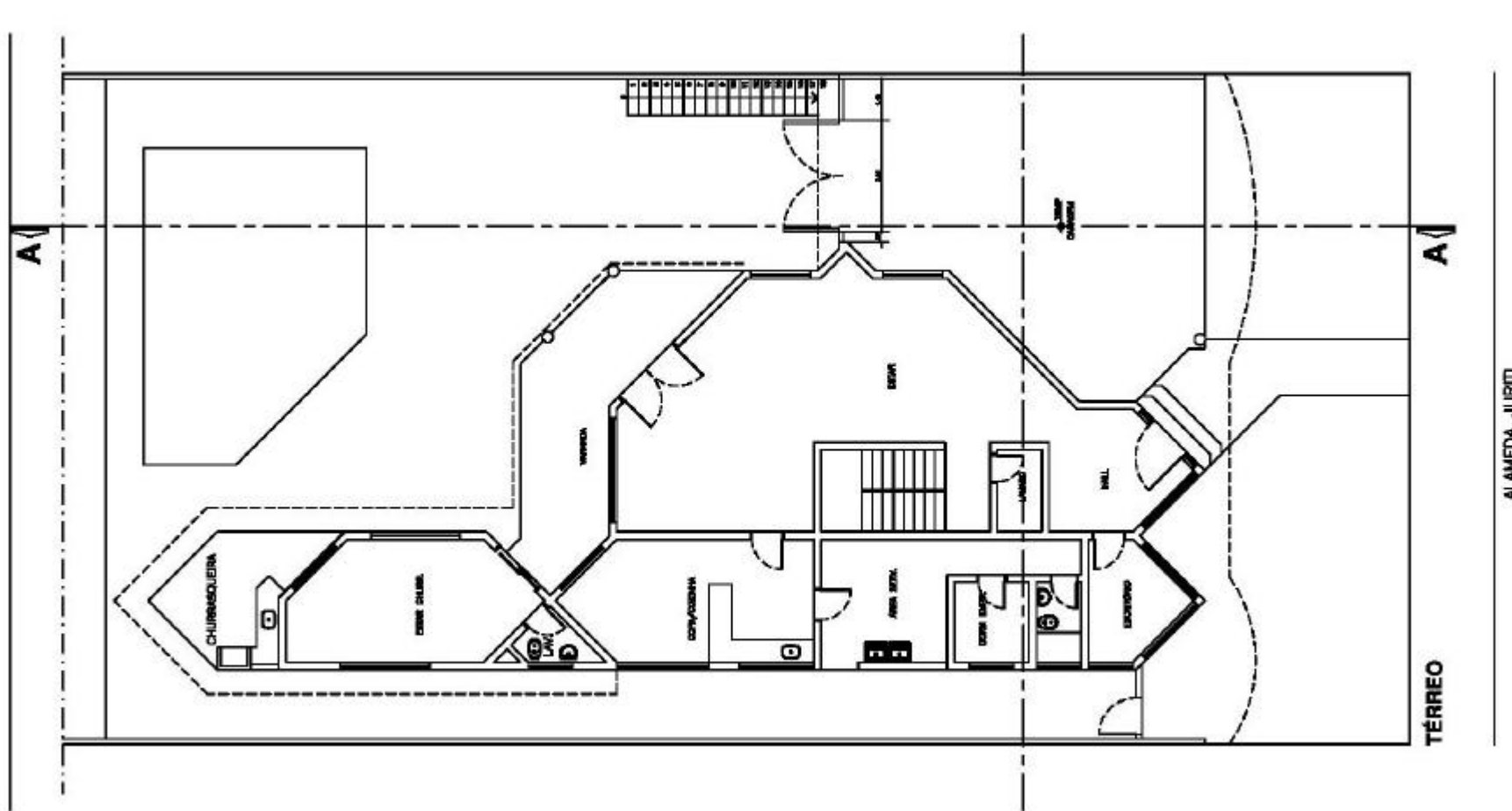
Projeto

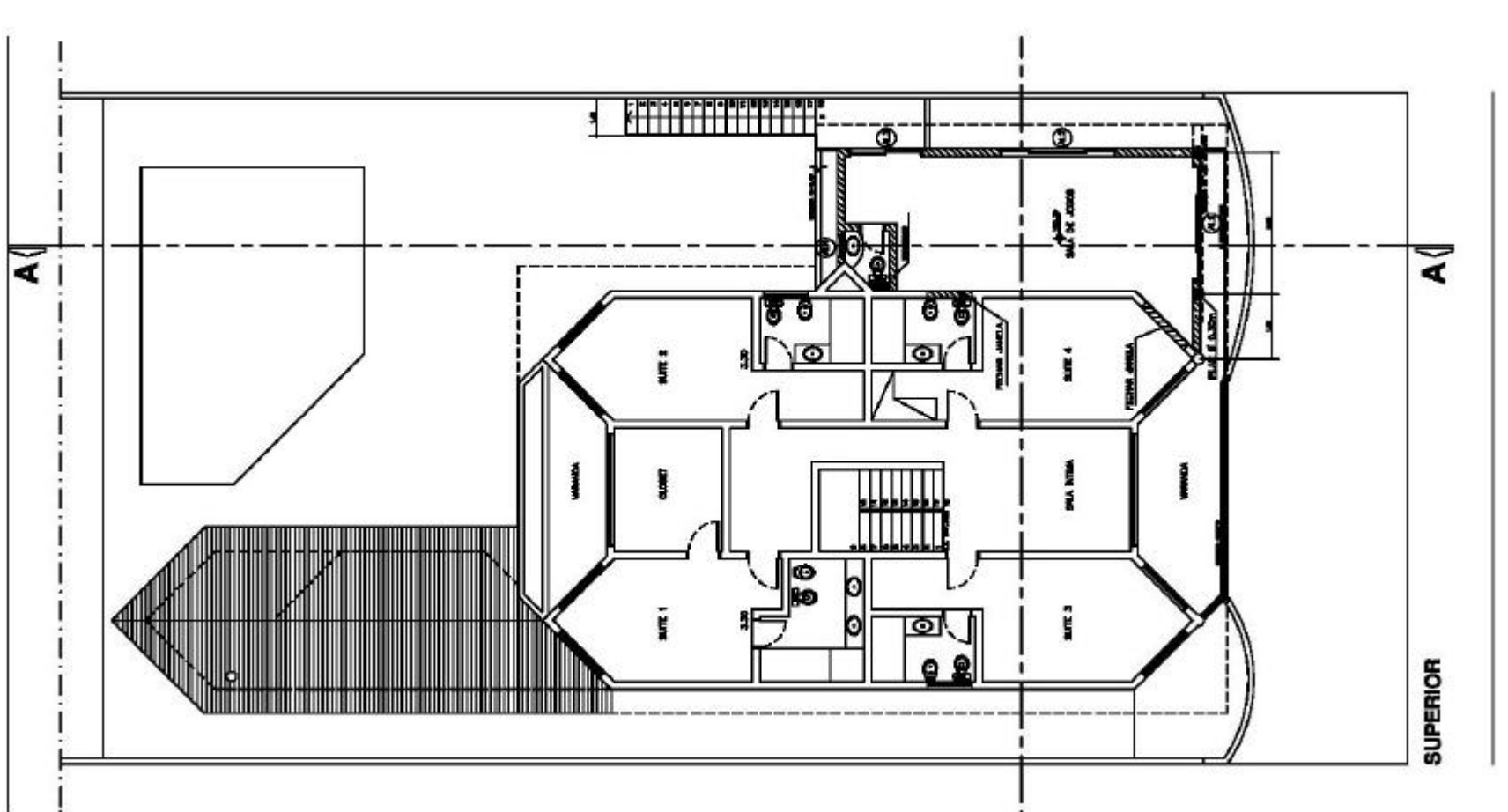
A intervenção, proposta por um segundo profissional, não causou grandes impactos em relação ao já edificado. Buscou-se, apenas, atender aos anseios do proprietário.

3º Projeto: 01/2006

Área de terreno: 837,00m²

Área construída: 658,03m²





Arquivo digital fornecido pelo proprietário, 2006.



Foto: Sandra Roiphe, nov/2006.

Implantação

A laje de cobertura do abrigo de autos foi ampliada até o comprimento de 10,00m. Sobre essa laje foi executada essa intervenção.

Programa e articulações

No térreo ocorreu a ampliação do abrigo de autos. O escritório passa a ser o hall de entrada. O dormitório de empregada se transforma em escritório.

Para o superior, foram propostos uma sala de jogos e um lavabo.

A antiga área para jogos, na edícula, é efetivamente transformada em abrigo para os automóveis.

Sistema construtivo e elementos formais

Manteve-se o mesmo sistema: convencional, estrutura de concreto armado “in loco”, alvenaria em blocos cerâmicos. Telhado em telhas de concreto. Todos os caixilhos de madeira foram substituídos por alumínio com pintura eletrostática branca.

Projeto

Esse projeto foi proposto por um terceiro profissional. Fica claro aqui que a sala (ou espaço) de jogos parece não ter lugar. E, o principal problema, o acesso dos automóveis até a oficina ou não foi questionado, ou não pareceu relevante ao proprietário e ao profissional.

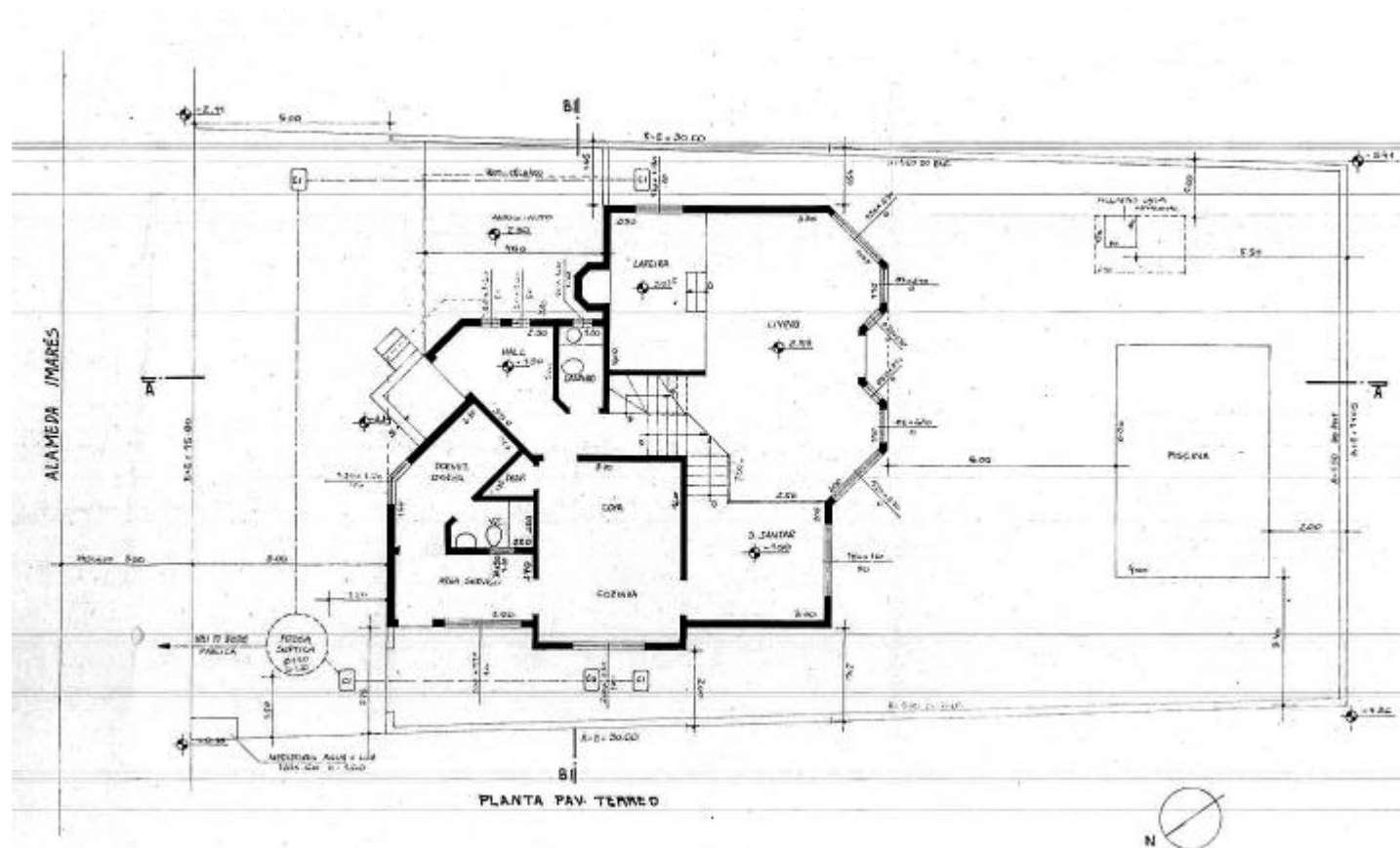
7.3 - Al. Imarés, 392 – Qd. 20, Lt. 20

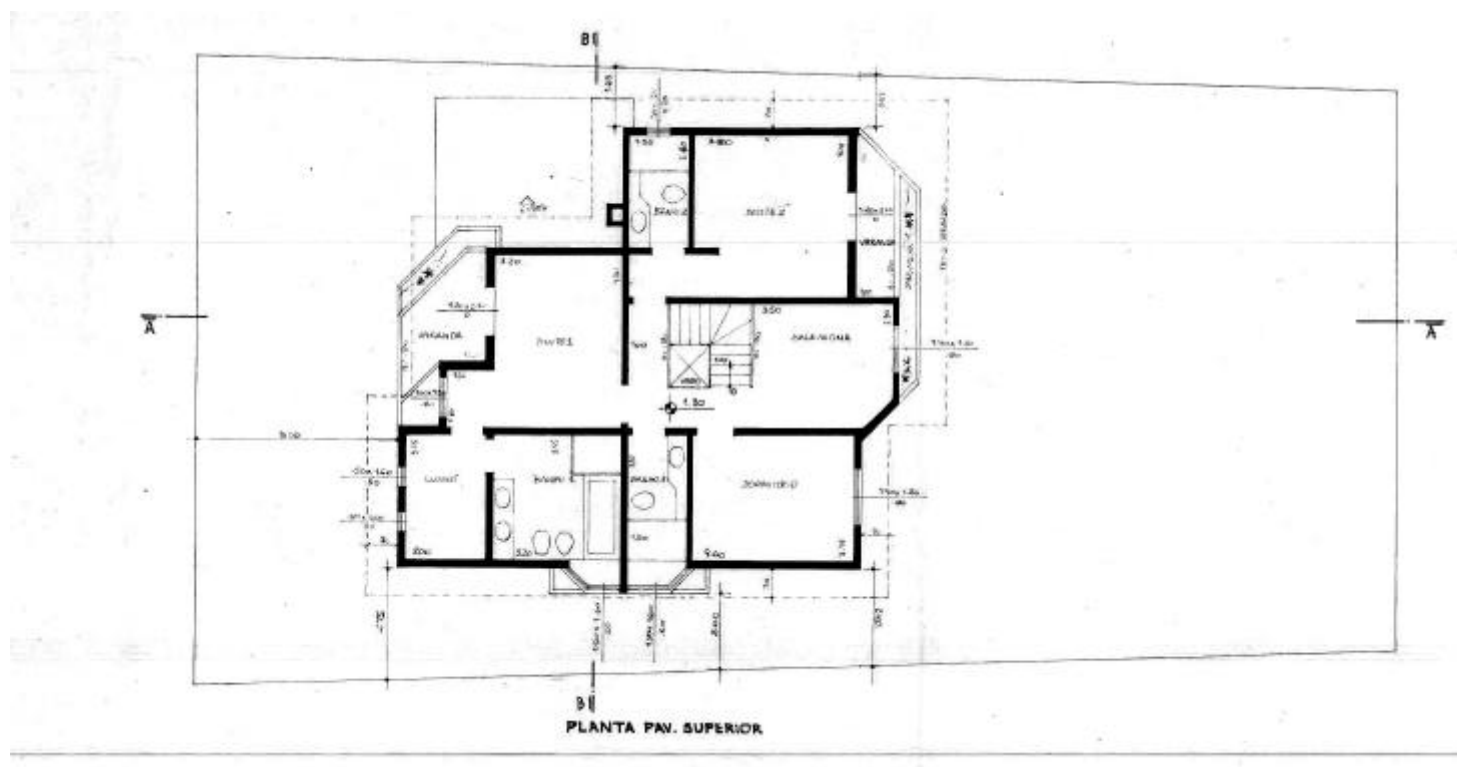
1º Projeto: 11/01/1993

Área de terreno: 447,77m²

Área construída: 243,32m²

A família: casal e um filho (7 anos)





Plantas fornecidas pela SAR 10, autorizado pelo proprietário, 1993.



Foto fornecida pelo proprietário, s.d.

Implantação

O terreno apresenta um declive de aproximadamente 4,00m. A casa foi implantada em um bloco de dois pavimentos, respeitando-se os recuos mínimos de frente e lateral esquerda.

Curiosamente, as aberturas mais privilegiadas em relação à orientação N–S são as relativas às áreas de serviço, no térreo, e aos banheiros do pavimento superior.

Programa e articulações

O programa está distribuído nos dois pavimentos, da seguinte maneira:

- Térreo: hall e lavabo, copa/cozinha, despensa, área de serviço, dormitório de empregada, w.c., sala de jantar, sala de estar, sala de lareira;
- Superior: suíte principal (dormitório + closet + banheiro) com varanda, suíte (dormitório + banheiro) com varanda, dormitório, sala íntima e banheiro.

Novamente, aqui se verifica a distribuição através do hall. Setorização bem definida (serviço/social/íntimo). O setor de serviços foi locado na frente da casa, e todo o setor social voltado para o fundo.

A acomodação da casa no perfil natural do terreno sofre uma inversão de ritmo na sala de lareira, que acaba por ficar confinada.

Sistema construtivo e elementos formais

Utilizou-se o sistema convencional, estrutura de concreto armado “in loco”, alvenaria em blocos cerâmicos. Telhado em telhas de cerâmica. Caixilhos de madeira.

A tentativa de criar um hall de entrada mais recuado e com angulação de 45° acabou por definir alguns espaços como o dormitório de empregada e despensa, de difícil distribuição de layout. Criou-se um pequeno movimento na fachada, mas prejudicou-se o interior.

A fachada recebeu revestimento em argamassa reproduzindo o efeito “clapboard”.

Projeto

Uma vez que a orientação N–S não foi determinante para a elaboração do projeto, o profissional propôs que todo o setor social e os dormitórios ficassem voltados para o fundo do lote. Não há uma justificativa para essa atitude, pois não exista nenhuma vista privilegiada para essas aberturas. O que se avista delas é simplesmente o fundo de outras casas.



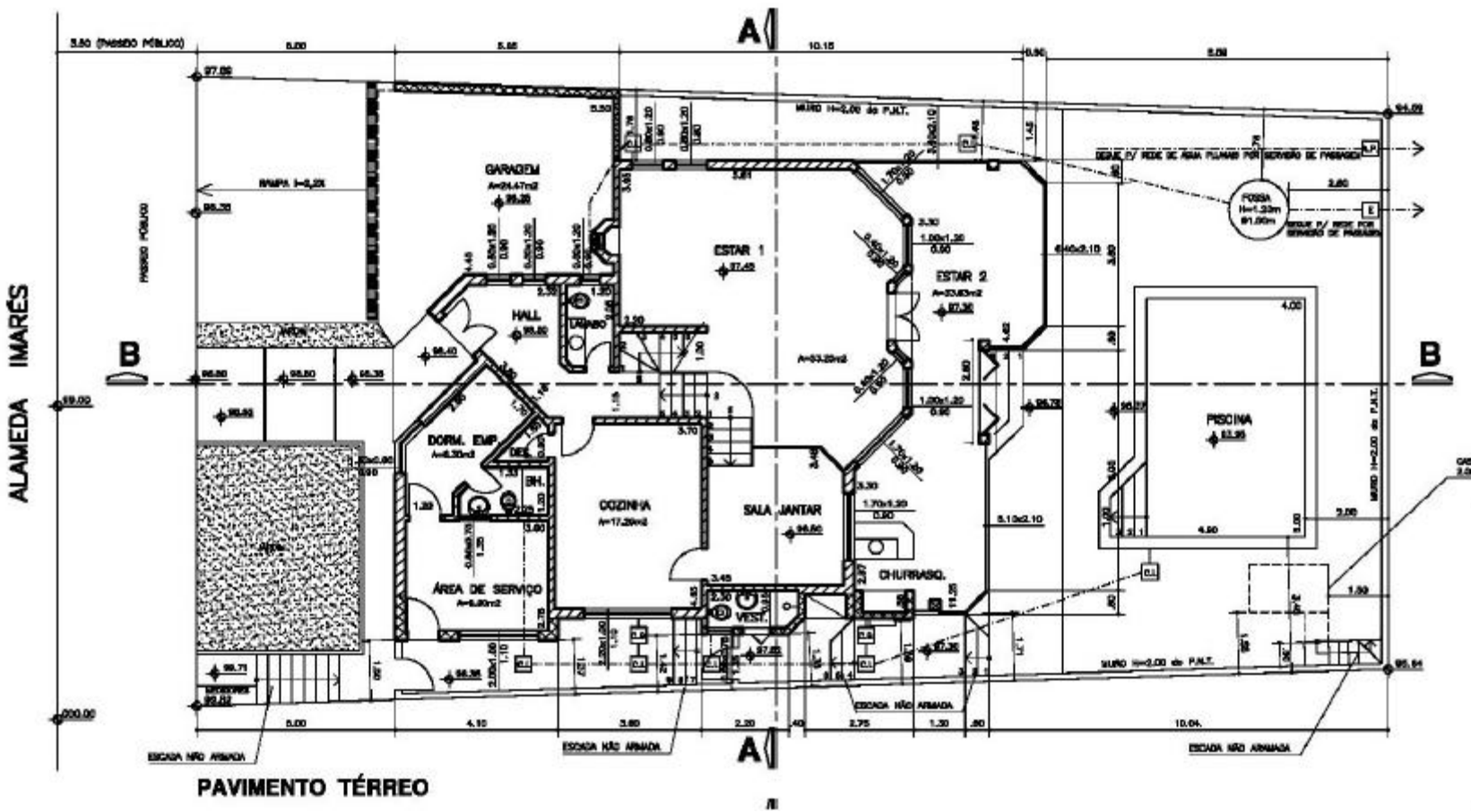
A vista do fundo

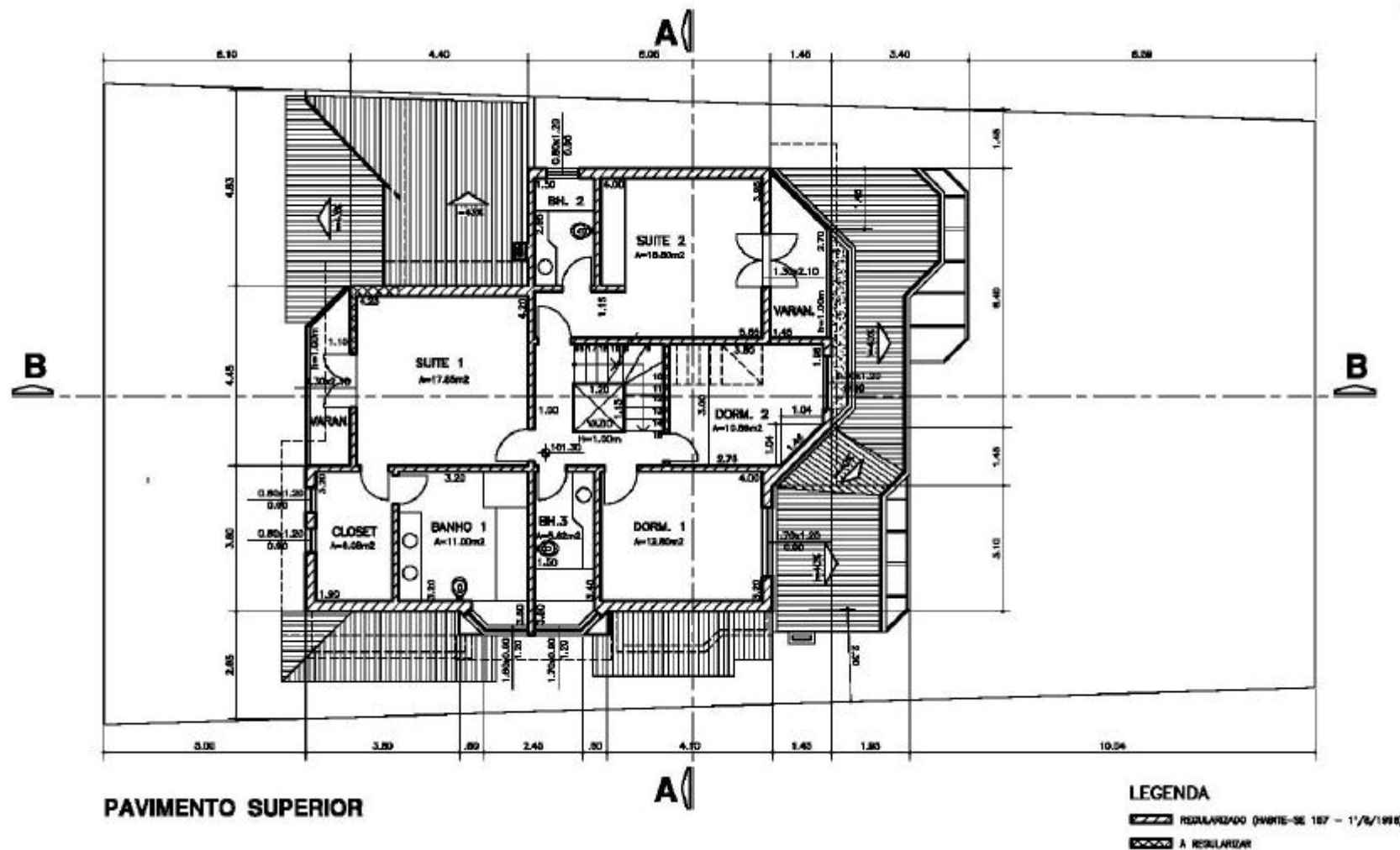
Fotos fornecidas pelo proprietário, s.d.



A área de lazer

2º Projeto: 25/08/2004
Área de terreno: 837,00m²
Área construída: 398,92m²





Arquivo digital fornecido pelo proprietário, 2004



A vista do fundo

Fotos fornecidas pelo proprietário, s.d.



A nova área de lazer



Foto: Sandra Roiphe, nov/2006.

Programa e articulações

Nessa intervenção, no térreo, ocorre o aumento da área do abrigo de autos e a ampliação da área de serviço. Foi também proposta uma área de estar para lazer e churrasqueira, vestiário e piscina.

No superior, a sala íntima passa a ser o quarto dormitório. Criou-se um sótão, resultante da reforma total do telhado, onde funcionam um escritório e home theater.

Não há inovações nessa etapa, sendo mantida a rigidez anterior. Ocorre apenas a eliminação do desnível da sala de lareira, trazendo esse espaço para o mesmo nível da sala de estar.

A criação do home theater no sótão, uma vez que a casa apresenta a rigidez na setorização, causa um deslocamento de pessoas para a área íntima da residência.

Sistema construtivo e elementos formais

Nessa etapa, todo o telhado foi remodelado, e as telhas cerâmicas substituídas por outras de concreto.

Os fechamentos da ala destinada ao lazer foram executados com estrutura metálica leve e vidro.

Todas as demais ampliações utilizaram o sistema construtivo convencional.

Manteve-se o acabamento nas fachadas do tipo “clapboard” e foram eliminados os tijolinhos à vista. Porém, a estrutura metálica adotada para fechamento da área de lazer remete a um gazebo europeu, o que acaba contrastando com o “aspecto americano” da casa.

Projeto

Nessa intervenção, feita por um segundo profissional, nota-se que houve a preocupação com a modernização de acabamentos e a criação dos espaços que realmente se faziam necessários para apoio de lazer. A criação do tão sonhado home theater, mesmo que em local tão pouco propício, ou seja, no último pavimento e junto ao escritório, deixa a casa agora alinhada com o que exige o mercado imobiliário.

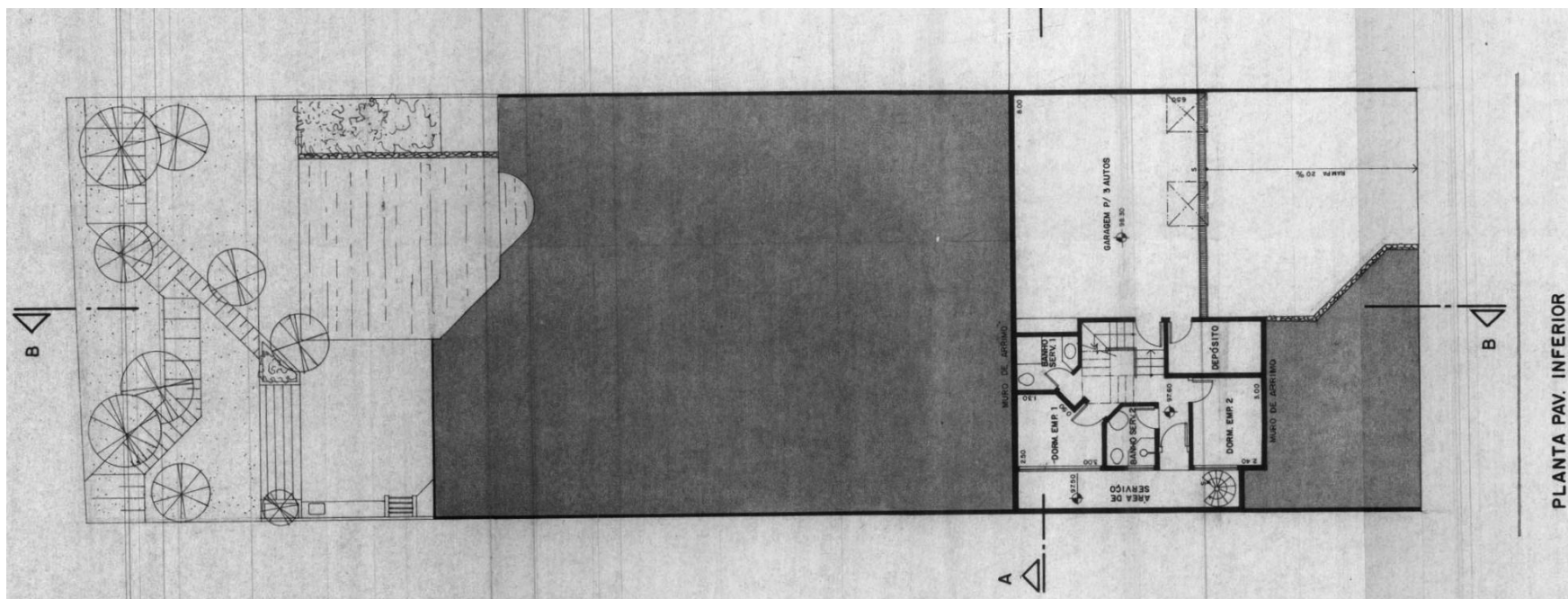
7.4 - Al. Jurucê, 135 – Qd. 11, Lt. 06

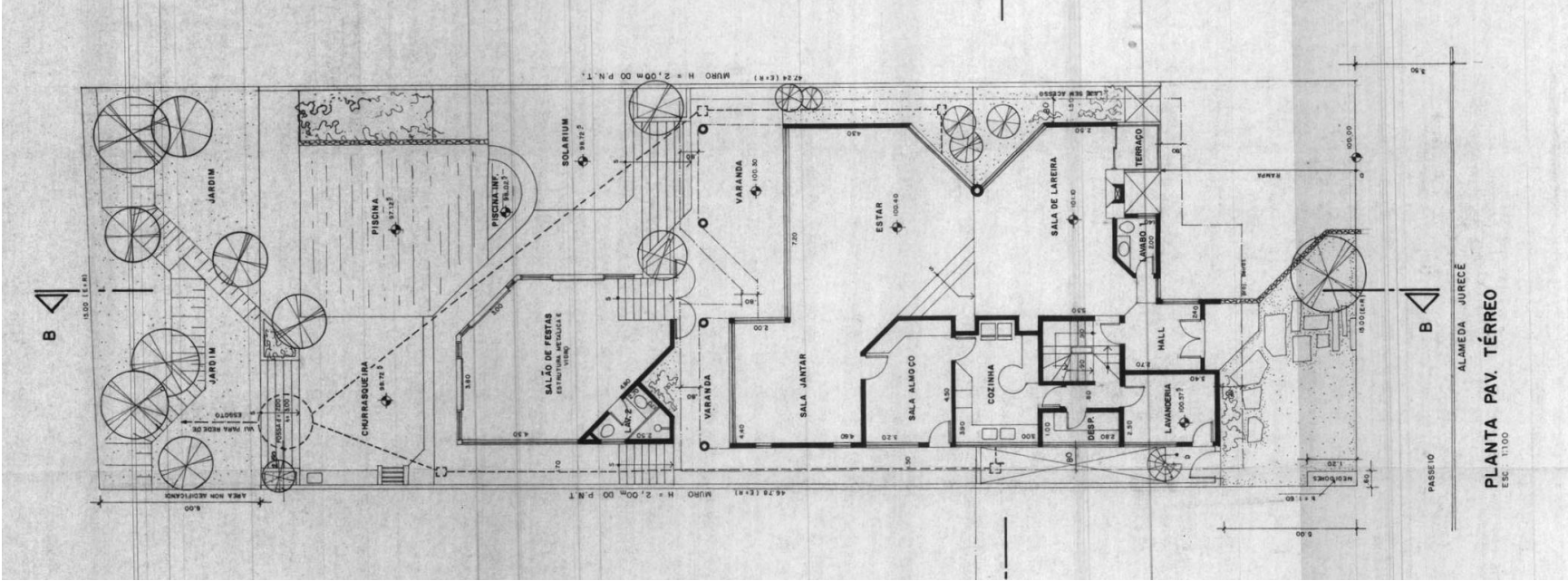
1º Projeto: 21/12/1995

Área de terreno: 703,31m²

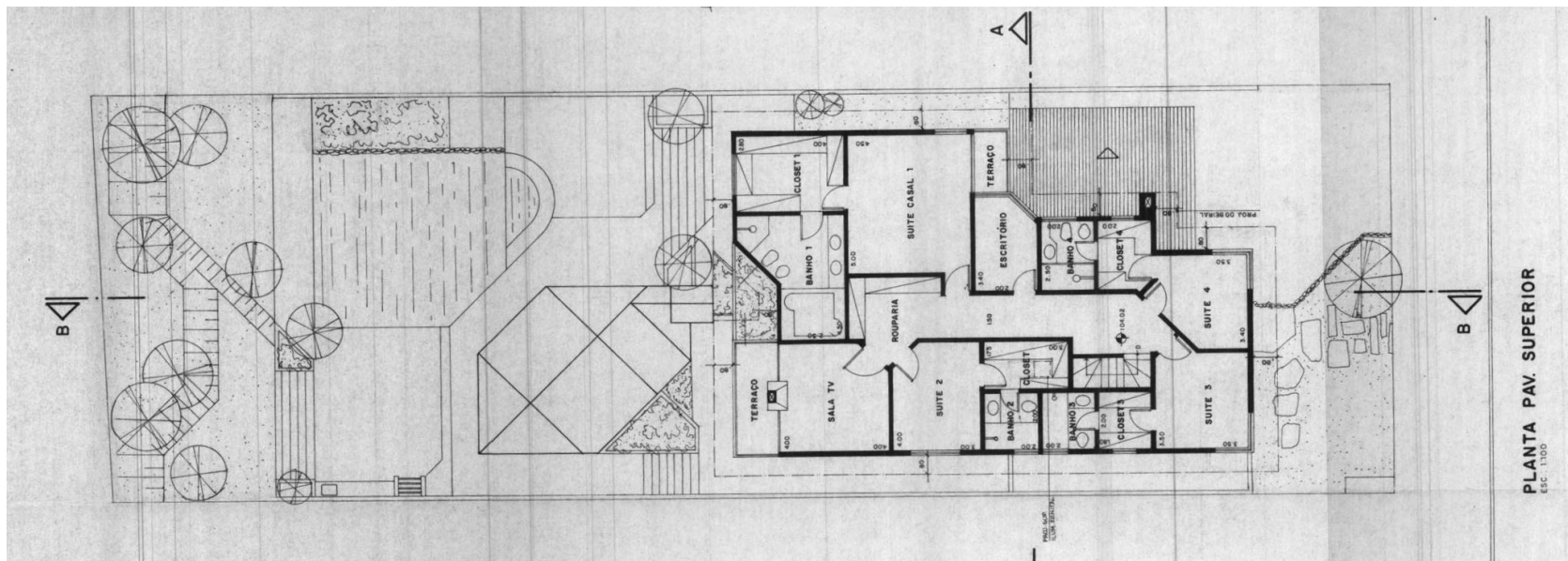
Área construída: 504,02m²

A família: casal e três filhas (2, 3 e 4 anos)

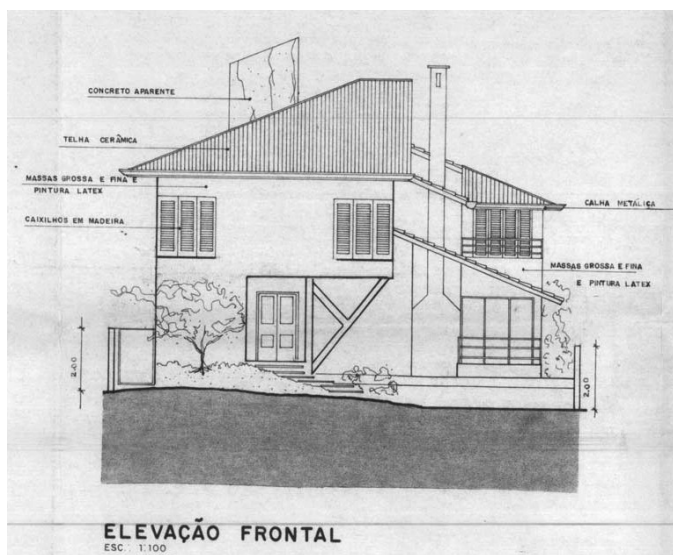




ALAMEDA JURECÉ
PLANTA PAV. TÉRREO
ESC. 1:100



PLANTA PAV. SUPERIOR
ESC. 1:100



ELEVAÇÃO FRONTAL
ESC. 1:100

Plantas fornecidas pela SAR 10, autorizado pelo proprietário, 1995.

Implantação

Lote com declive de aproximadamente 5,00m.

A casa foi implantada cartesianamente em um bloco de três pavimentos e um anexo de lazer, respeitando-se os recuos mínimos exigidos para frente e laterais. As aberturas foram propostas de forma a se beneficiar da orientação N–S.

Programa e articulações

O programa está distribuído nos dois pavimentos, da seguinte maneira:

- Inferior: garagem para três automóveis com depósito, dois dormitórios de empregada, dois w.c.;
- Térreo: hall e lavabo, sala de lareira, estar com varanda, sala de jantar, sala de almoço, cozinha, despensa e área de serviço. Salão de festas, lavabo, piscina e solário;
- Superior: escritório, sala de TV com terraço, três suítes (dormitório + closet + banheiro), suíte do casal (dormitório + closet + banheiro com banheira) com terraço.

A setorização é rígida (serviço/social e lazer/íntimo). Os espaços destinados ao uso social são mais fluidos.

Um único corpo de escadas é articulador dos três pavimentos, o que propicia acesso da garagem diretamente às áreas de serviço, facilitando transporte e descarga de compras etc.

Sistema construtivo e elementos formais

Foi utilizado o sistema misto – estrutura convencional e estrutura metálica para os grandes vãos. Cobertura em telhas de concreto. Caixilhos de madeira. Concreto aparente em alguns elementos (jardineiras e caixa-d'água). O contraste dos materiais usados (concreto aparente e aço) provoca um ar inusitado ao conjunto.

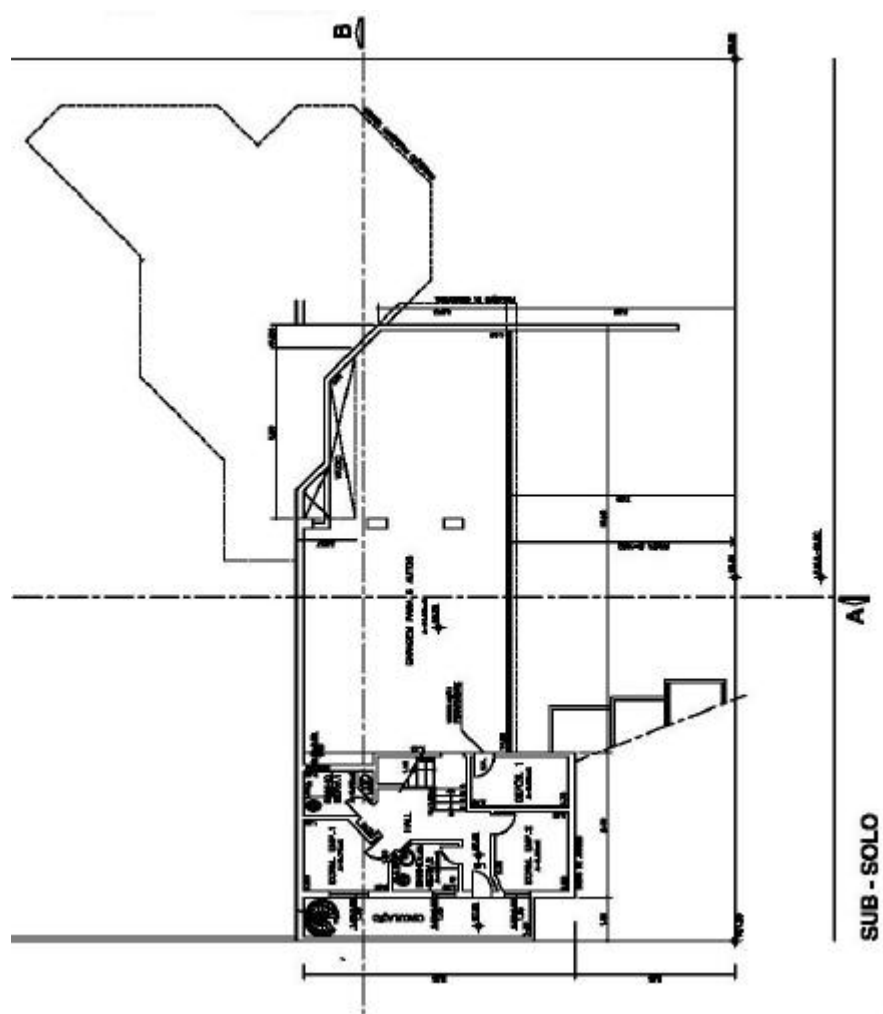
Projeto

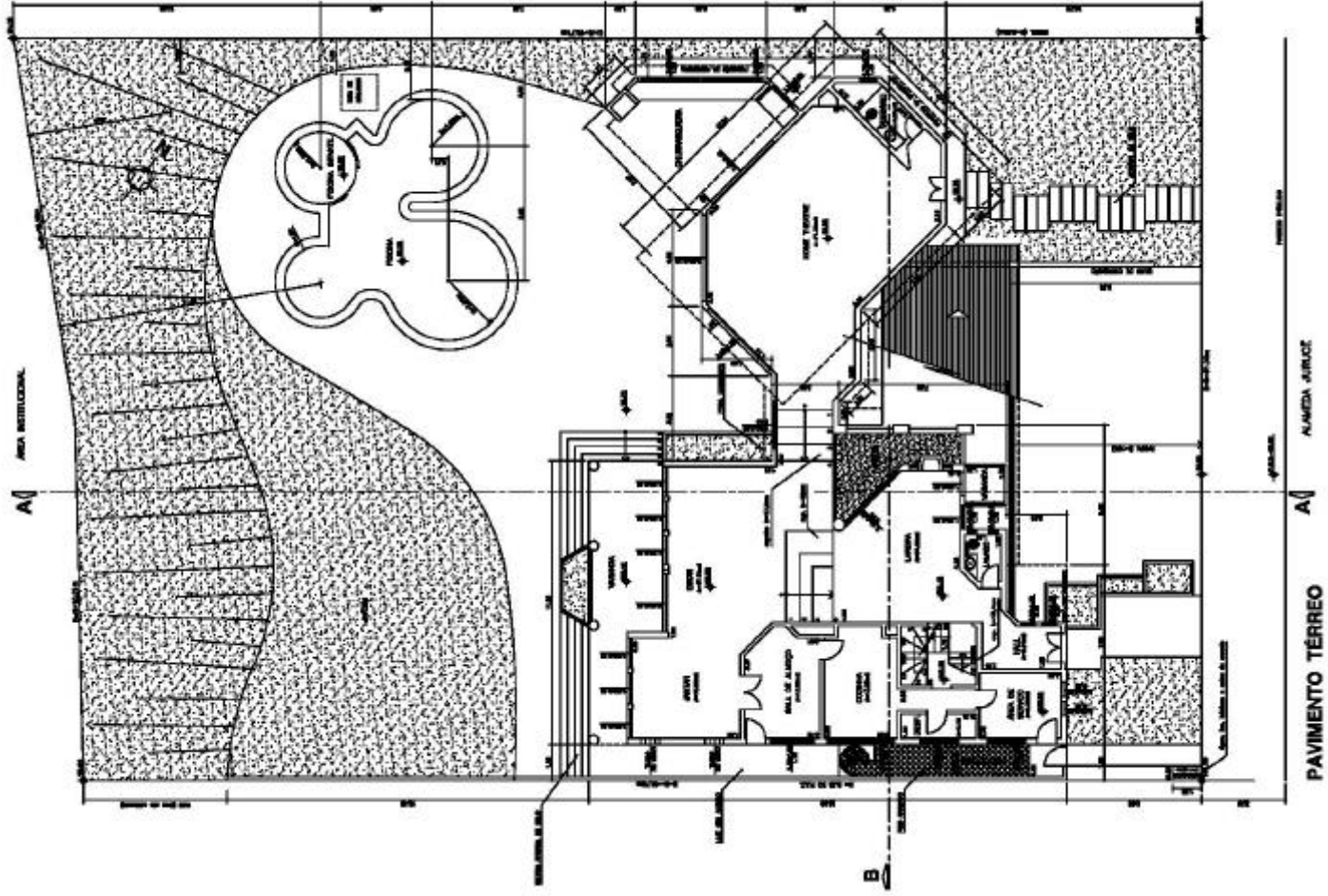
Não há um modelo a ser seguido. O profissional lançou mão de diferentes texturas, e o jogo de telhados cria volumes que dão movimento à fachada.

2º Projeto: 20/06/2000

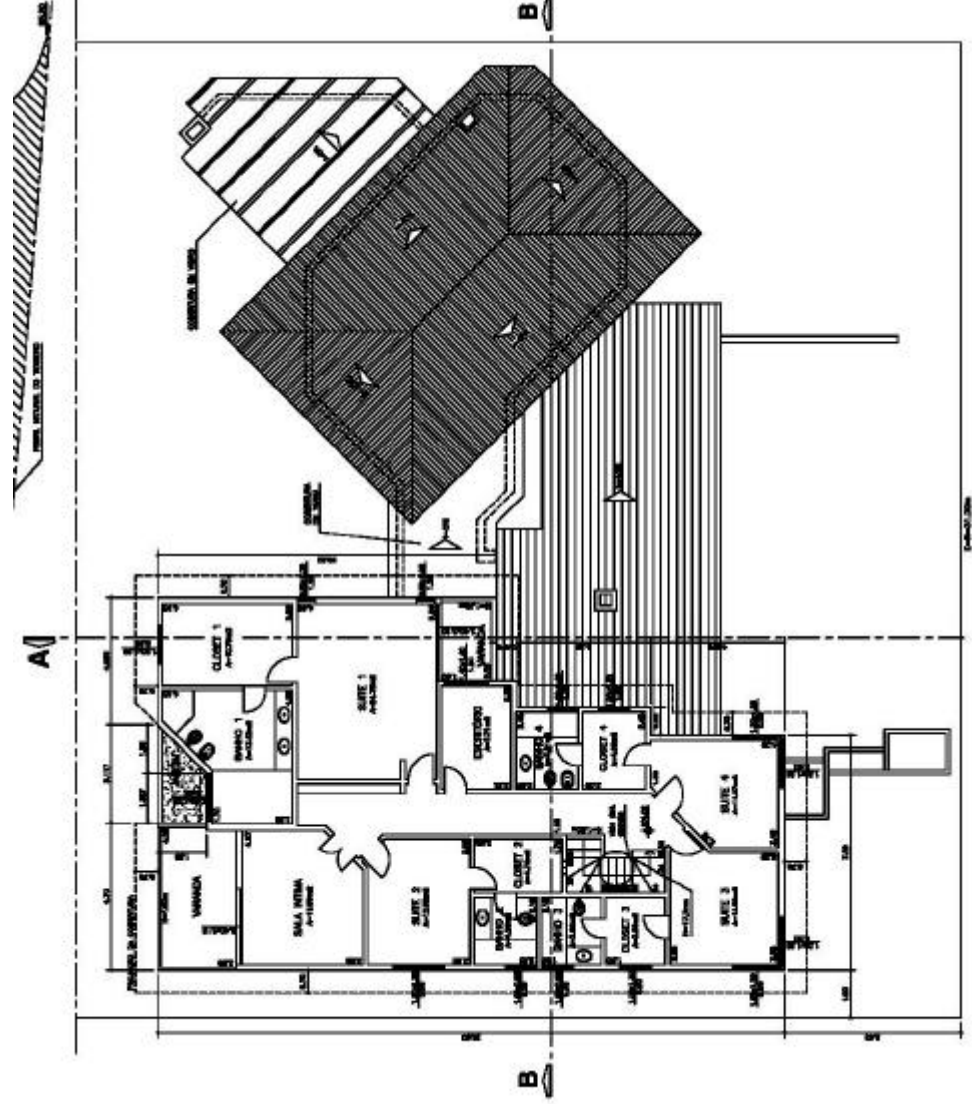
Área de terreno: 1.476,07m²

Área construída: 785,51m²





PAVIMENTO TERREO ALAMEDA JUSTICE



PAVIMENTO SUPERIOR

Arquivo digital fornecido pelo proprietário, 2000.

Programa e articulações

O casal adquiriu o lote lateral direito, unificando-o ao primeiro.

Nessa intervenção, o programa ficou distribuído da seguinte maneira:

- Pavimento inferior: a garagem foi ampliada para receber seis automóveis;
- Térreo: o salão de festas, a churrasqueira e a piscina foram demolidos. Foi proposto um novo bloco que contém home theater, banheiro, área de churrasqueira e piscina.

Os espaços criados são generosos. A articulação entre o home theater e a casa é fluida. Porém, o banheiro, dentro do home, é um obstáculo para os usuários da piscina e da área da churrasqueira.

Sistema construtivo e elementos formais

Foi mantido o sistema misto (aço e concreto).

Projeto

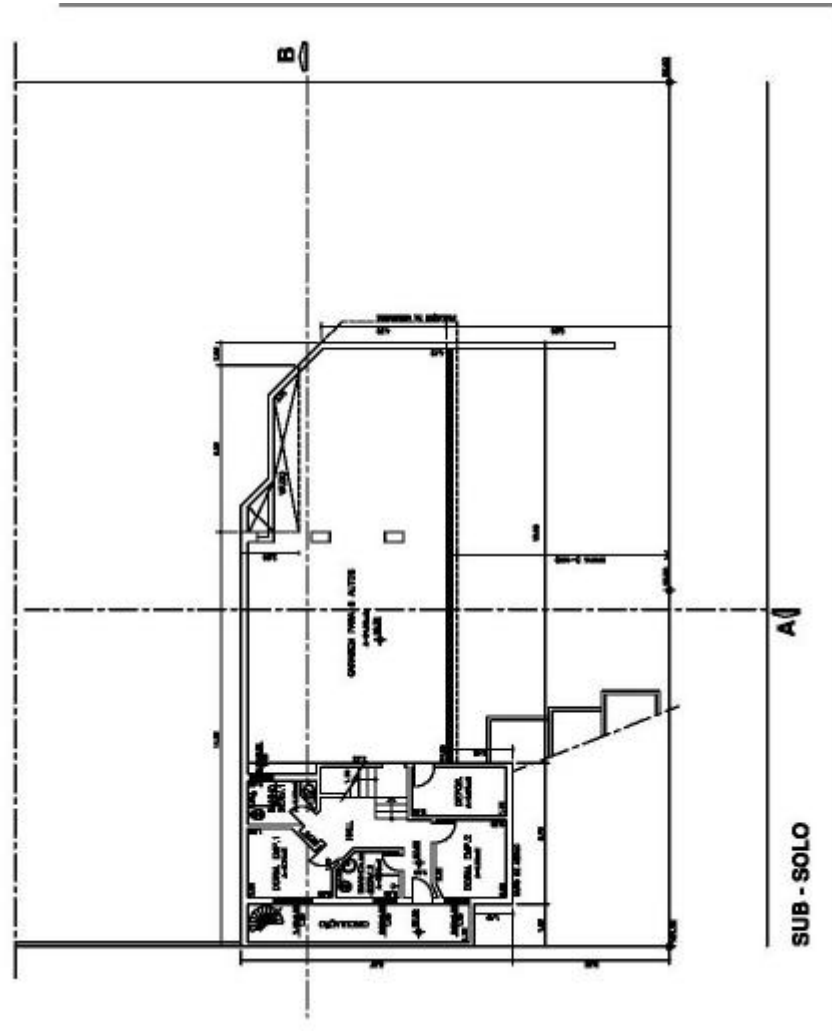
Nessa intervenção, feita pelo mesmo profissional, a tônica foi espalhar-se para o novo lote, ampliando o programa e as áreas.

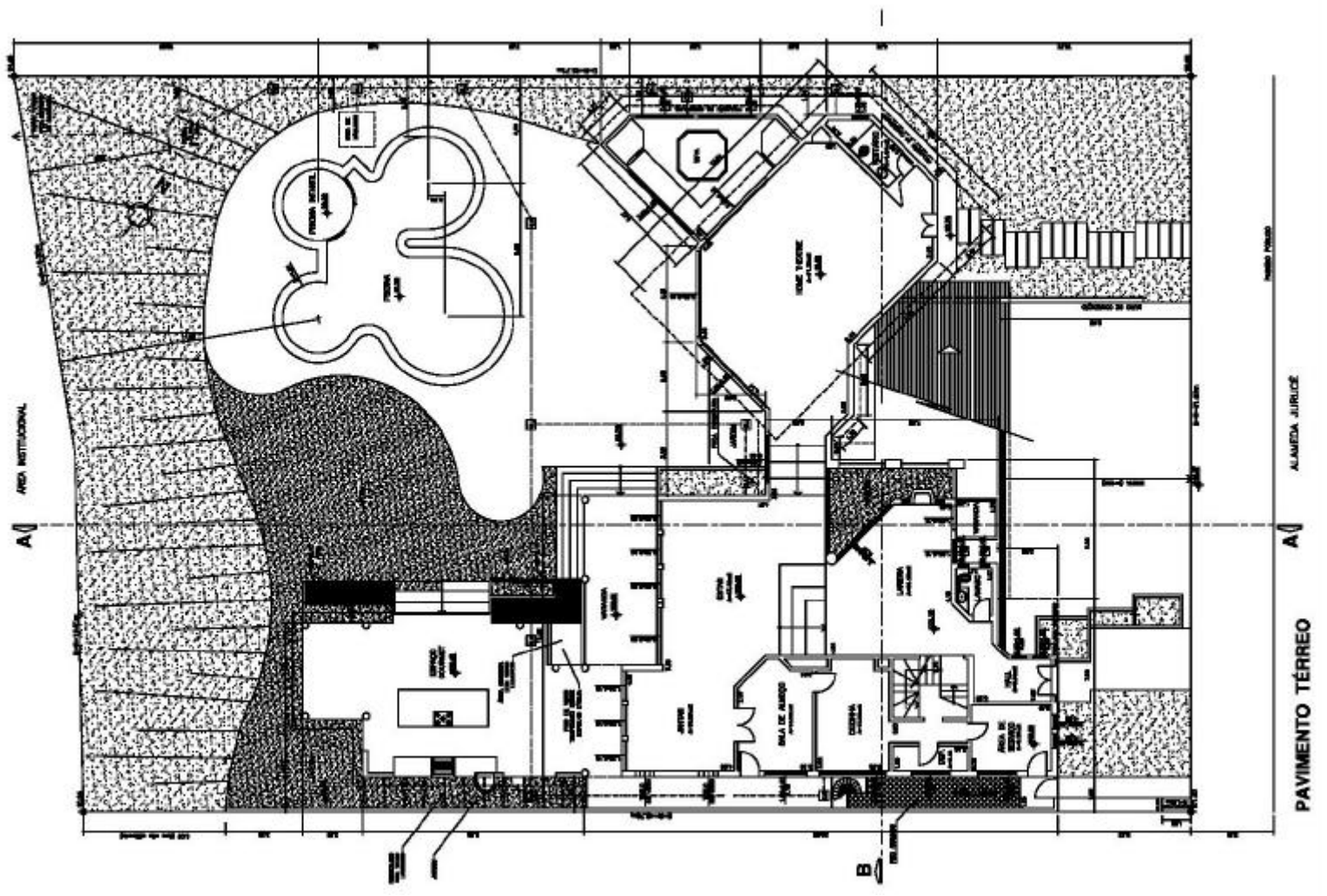
As soluções propostas mantêm a coerência com o primeiro projeto.

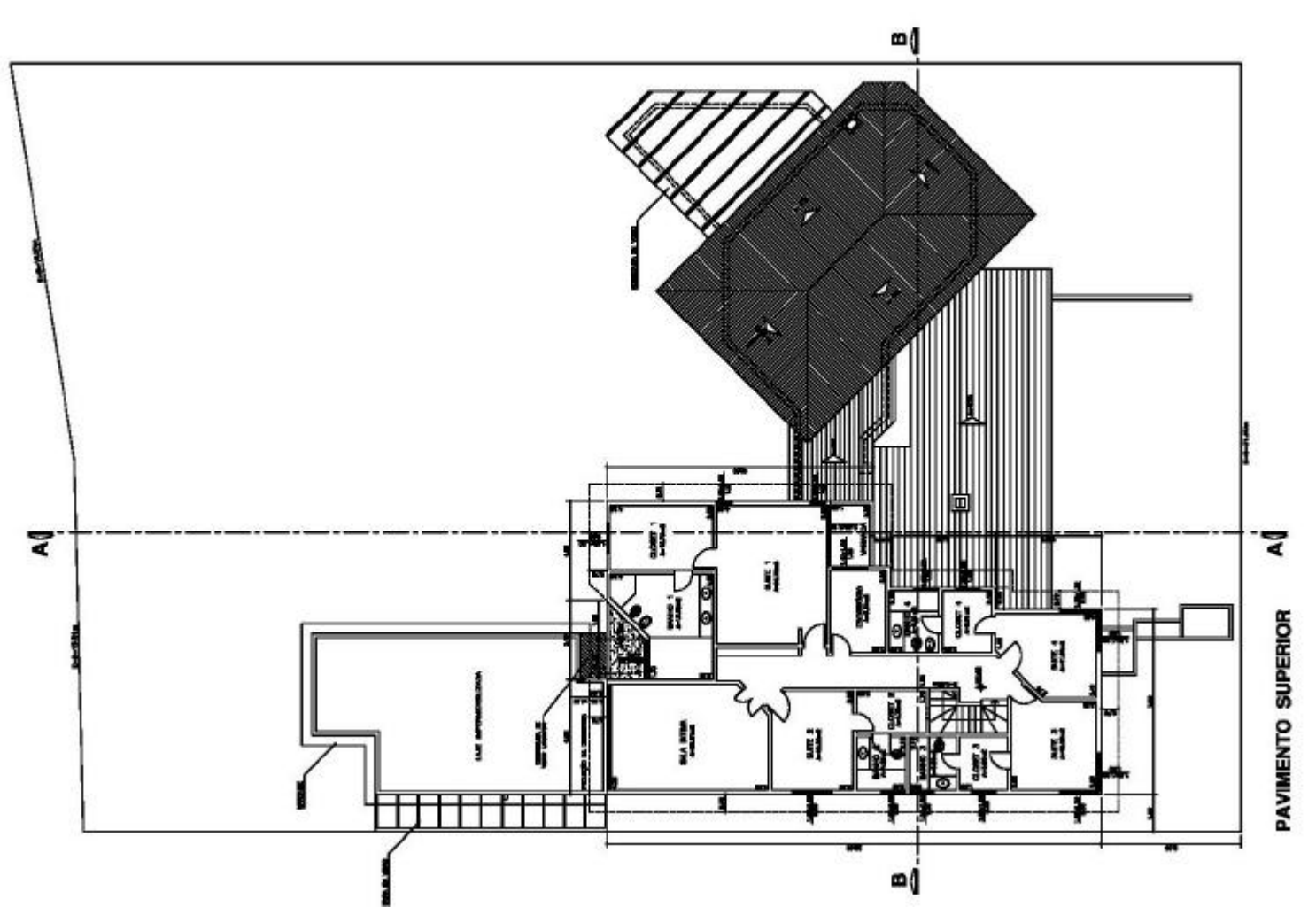
3º Projeto: 07/2006

Área de terreno: 1.476,07m²

Área construída: 811,83m²







Arquivo digital fornecido pelo proprietário, 2006.



Foto: Sandra Roiphe, nov/2006.

Programa e articulações

A área da churrasqueira foi transformada em uma área com spa. Criou-se um espaço gourmet, anexado à varanda da sala de jantar.

Sistema construtivo e elementos formais

Foi mantido o sistema misto (aço e concreto).

Projeto

O mesmo profissional, com as soluções propostas, mantém a coerência com o primeiro projeto.

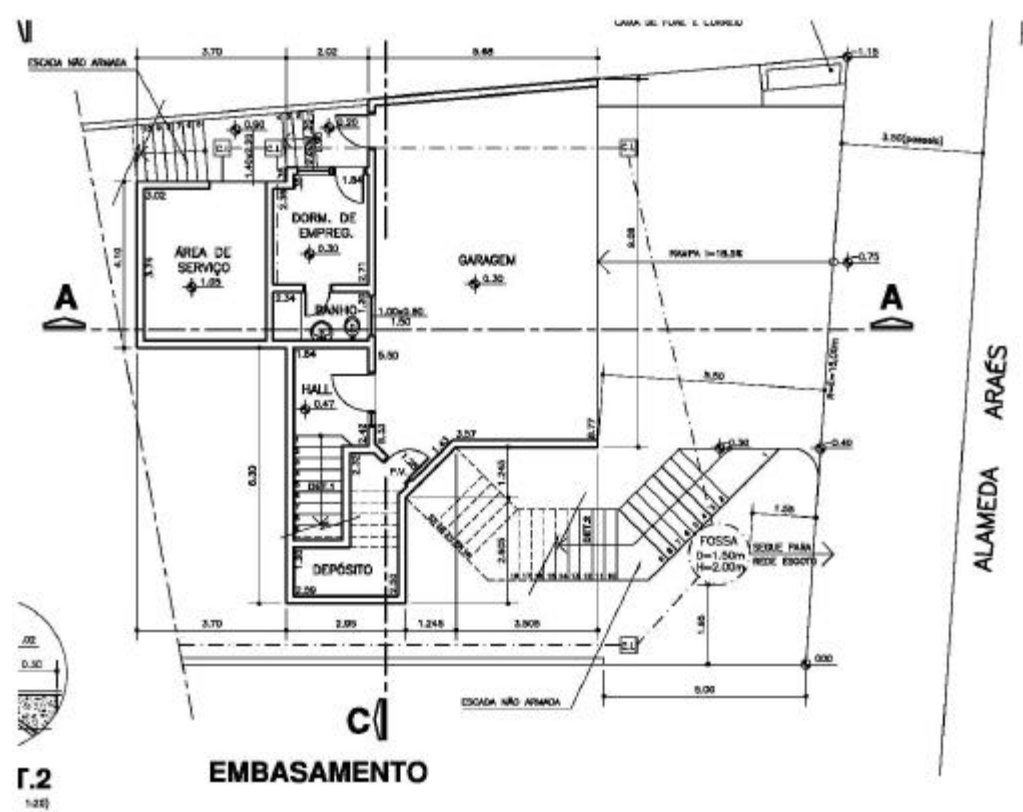
7.5 - Al. Araés, 330 – Qd. 22, Lt. 11

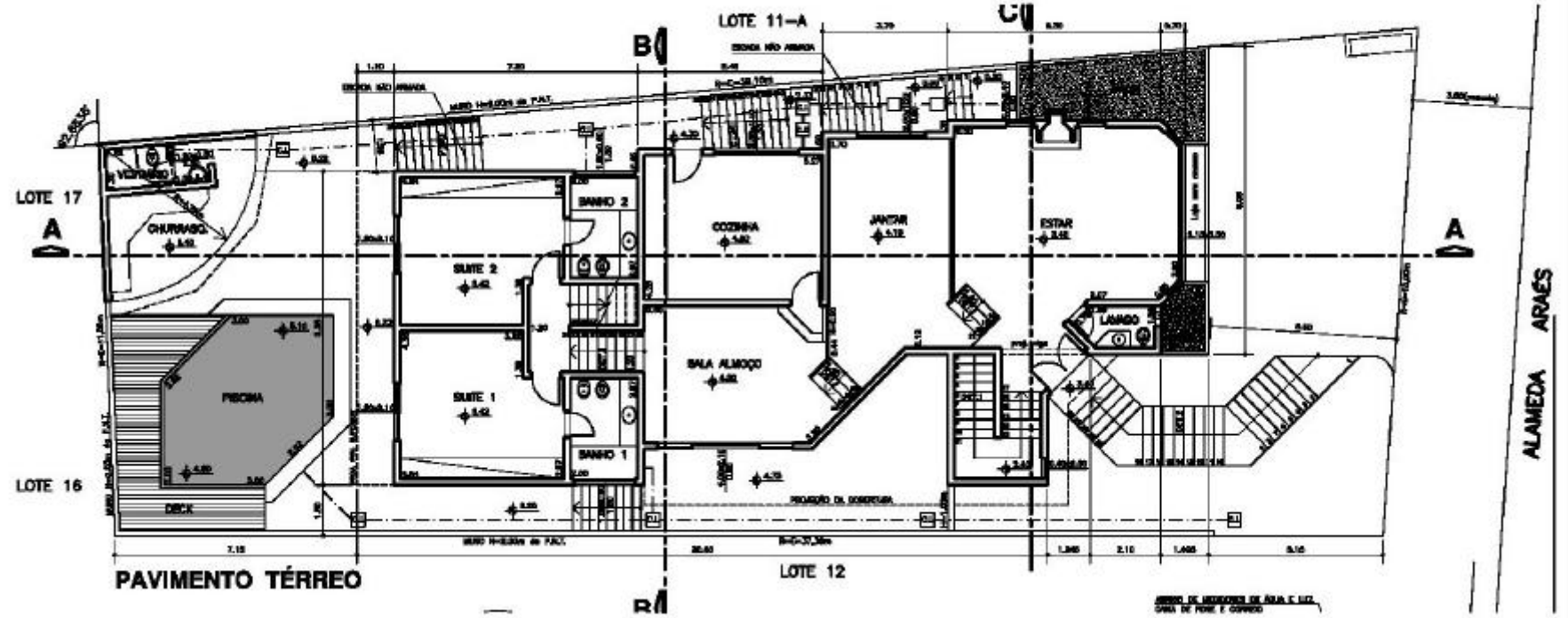
1º Projeto: 19/08/1999

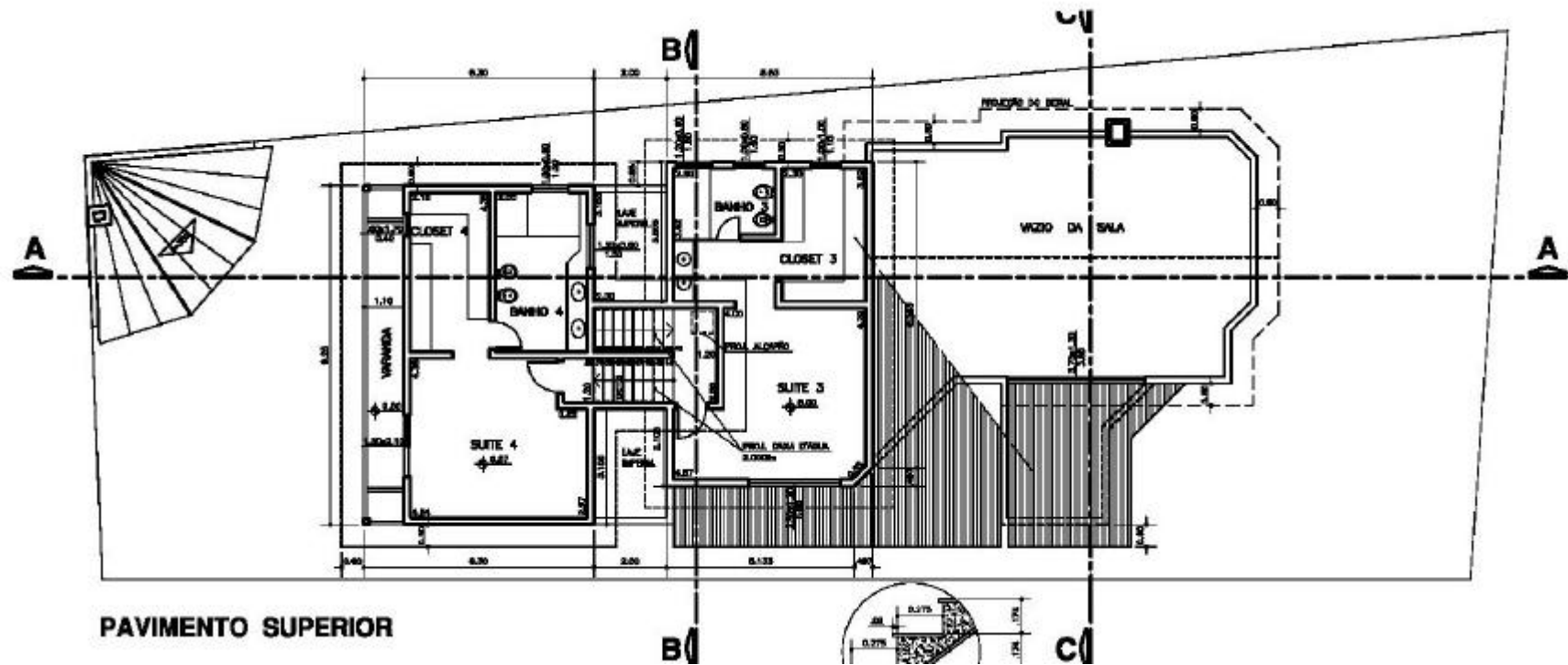
Área de terreno: 505,61m²

Área construída: 472,12m²

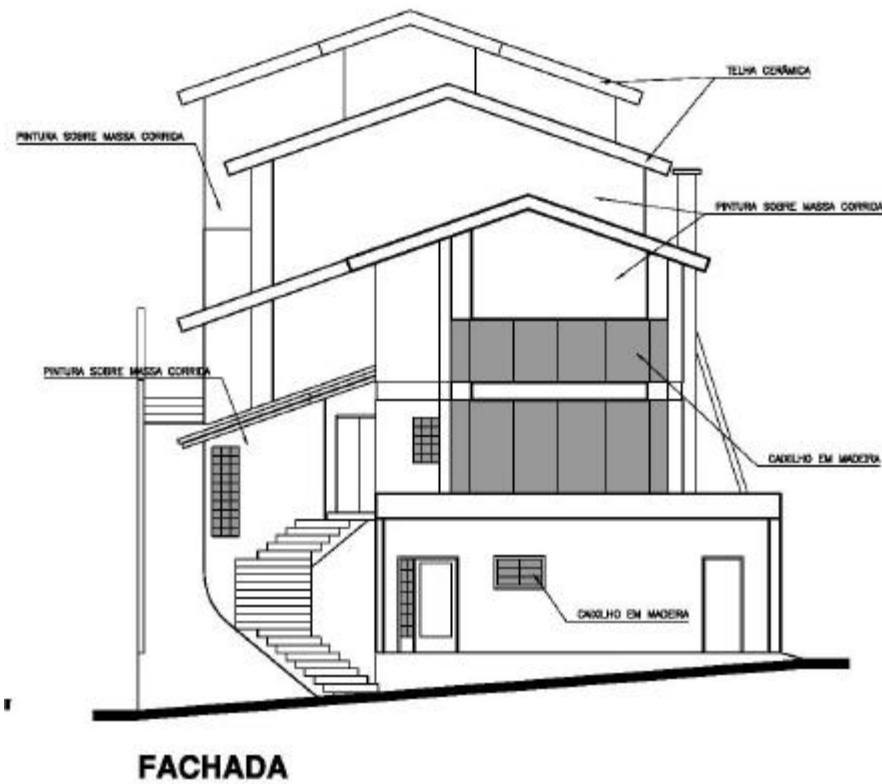
A família: casal e uma filha (1 ano)







Arquivo digital fornecido pelo proprietário, 1999.



Implantação

Lote com aclave acentuado (8,00m).

A casa foi implantada em um bloco de três pavimentos e edícula. A implantação em meios níveis propiciou movimentação no terreno, evitando grandes muros de arrimo. Os recuos mínimos de frente, laterais e fundos foram observados.

Programa e articulações

O programa está distribuído da seguinte maneira:

- Embasamento: garagem para três automóveis com depósito, dormitório de empregada, w.c. e área de serviço;
- Térreo: hall e lavabo, escritório, sala de estar, sala de jantar, cozinha, sala de almoço, duas suítes (dormitório + banheiro);
- Superior: duas suítes (dormitório + closet + banheiro).

A setorização é confusa. Os serviços, no embasamento, tornam sua utilização desgastante.

A área social, totalmente desconexa da área de lazer, fica isolada no fundo do lote, cujo acesso se faz pelos corredores laterais.

O hall da garagem leva ao setor social e, dali, há que se atravessar todas as salas para atingir o segundo corpo de escadas, que leva às suítes.

Sistema construtivo e elementos formais

Utilizou-se o sistema tradicional (estrutura de concreto moldado “in loco”) e alvenaria em blocos de concreto. Cobertura em telhas de concreto. Caixilhos de alumínio.

A implantação em meios níveis resultou num jogo de telhados simples (duas águas), que acaba sendo o elemento marcante desse projeto.

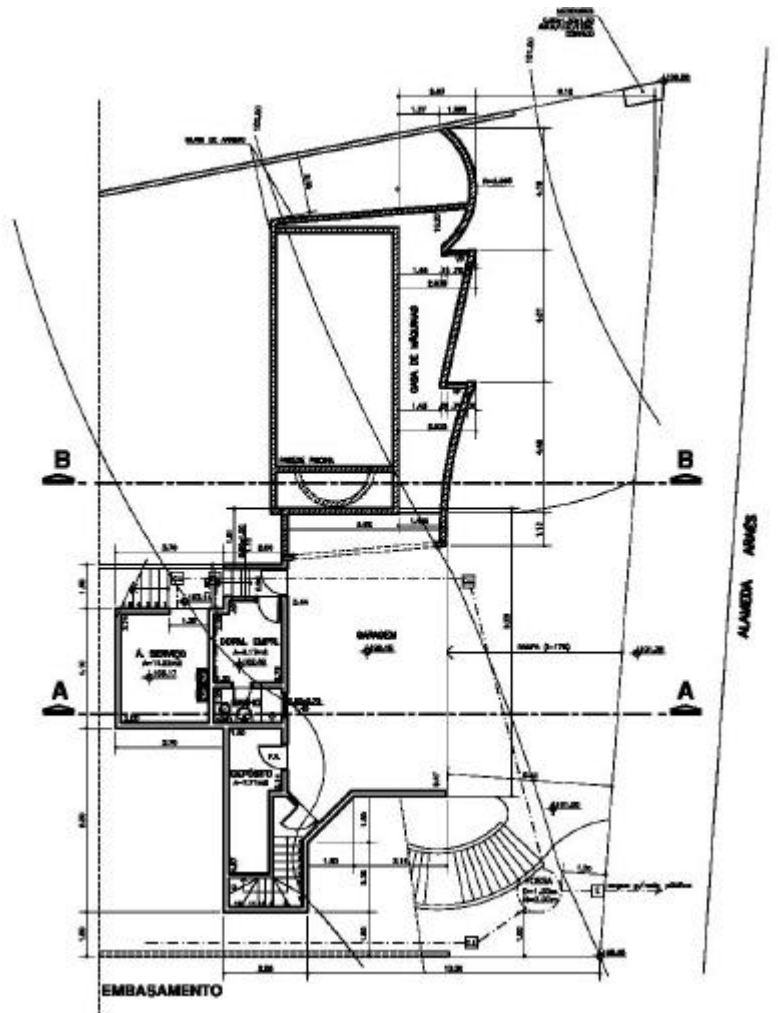
Projeto

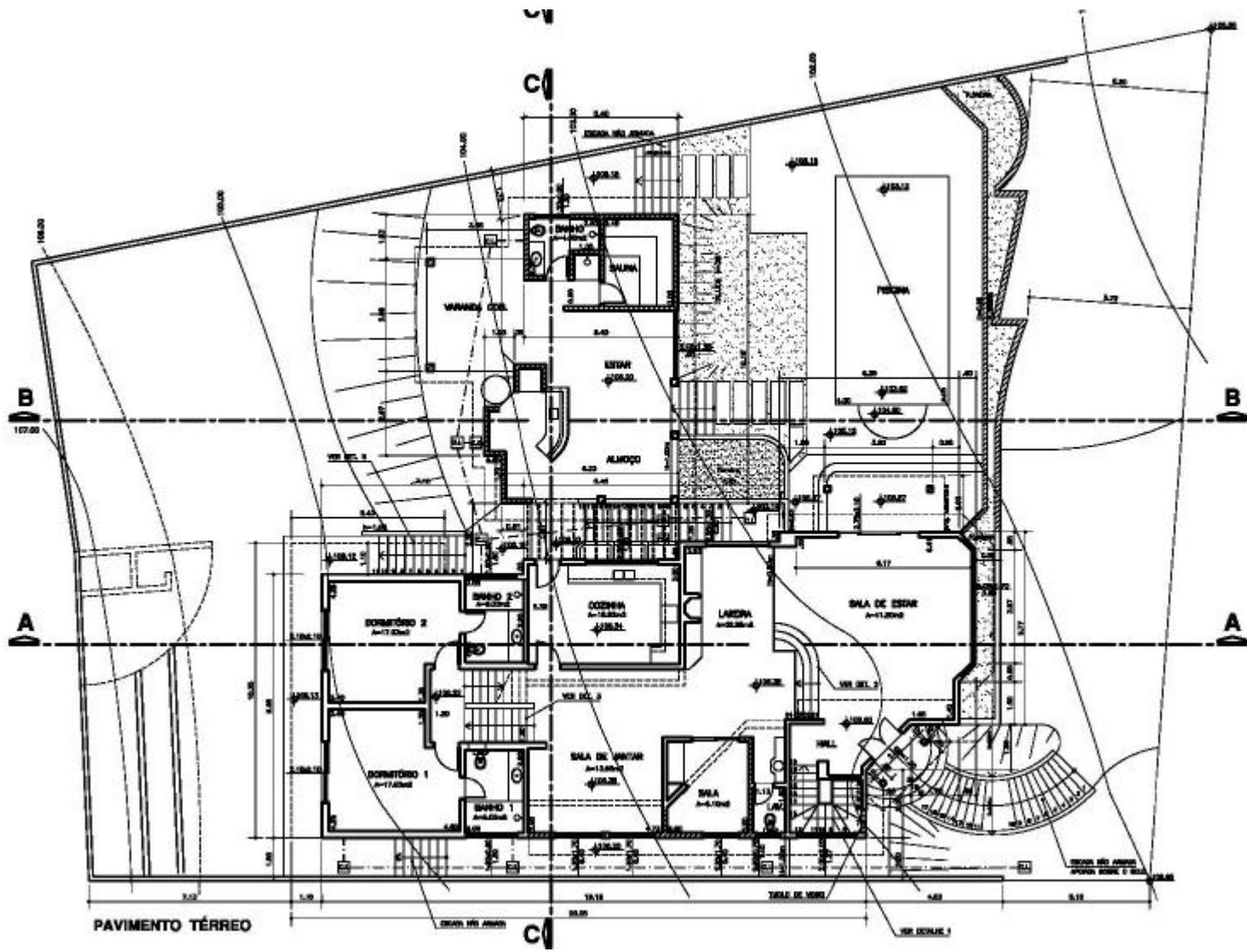
Houve a preocupação com a implantação da casa no terreno, sem grandes agressões ao lote. Porém, os agenciamentos estão comprometidos pela setorização confusa.

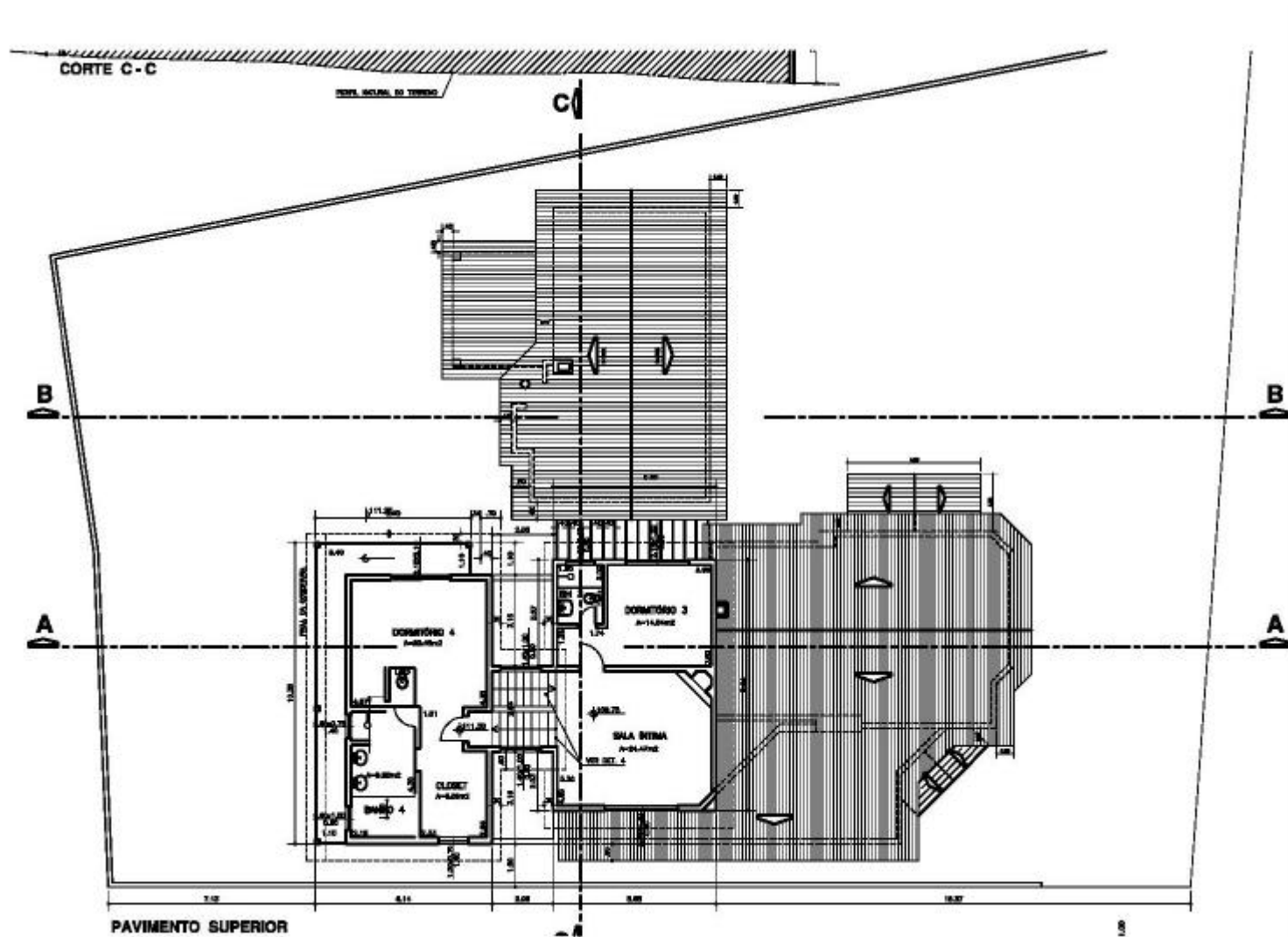
2º Projeto: 19/12/2002

Área de terreno: 1.011,23m²

Área construída: 565,67m²







Arquivo digital fornecido pelo proprietário, 2002.



Área de lazer

Fotos: Sandra Roiphe. Nov/2006.

Programa e articulações

O casal adquiriu o lote lateral direito, unificando-o ao primeiro. Nessa intervenção, o programa ficou distribuído da seguinte maneira:

- Embasamento: a garagem foi ampliada para receber quatro automóveis;
- Térreo: ampliação da sala de jantar, criação do escritório e sala de lareira;

A área de churrasqueira e piscina foi demolida. Propôs-se para o novo lote, agora unificado ao primeiro, uma nova área de churrasqueira com espaço para almoço, estar, sauna, vestiário, varanda e piscina maior.

No superior, a suíte principal teve as aberturas modificadas e voltadas para a área de lazer. A suíte 3 foi limitada à área do banho e ao closet. E, de parte da suíte 3, foi criada a sala íntima.

Agora, a área de lazer se conecta à social. Porém, permanece a dificuldade de acesso da área de serviço (no embasamento) com o restante da casa.

Sistema construtivo e elementos formais

Foi utilizado o sistema tradicional (estrutura de concreto moldado “in loco”) e alvenaria em blocos de concreto. Cobertura em telhas de concreto. Caixilhos de alumínio.

Projeto

Nessa intervenção por um segundo profissional, a tônica foi espalhar-se para o novo lote, ampliando o programa e as áreas de lazer. As soluções propostas porém, não resolvem as questões de circulação tanto de serviço quanto da área íntima.

8 - CONCLUSÕES

A pesquisa pretende mostrar que as novas configurações urbanas (loteamento fechado do Alphaville Residencial 10) refletem adaptações dos modos de vida da sociedade contemporânea, sejam boas, sejam más, enquanto as habitações a elas relacionadas estão presas às tradições que remetem ao século XIX.

Após a análise dos projetos selecionados, foi possível avaliar as particularidades que possivelmente diferenciam essas unidades habitacionais a cada período de tempo, verificando-se em que medida um contexto específico atenua ou acentua determinadas características espaciais dos ambientes domésticos.

As várias intervenções pelas quais passaram as casas estudadas foram agenciadas, em sua maioria, por profissionais diferentes em cada etapa. Apenas um exemplo manteve o mesmo profissional em todas as intervenções. E, como consequência, é o único que manteve a coerência formal desde o primeiro projeto.

Com isso, cada interferência, agregou novos ambientes, não propondo soluções aos problemas anteriores. Ao contrário, houve sempre uma preocupação com a descaracterização do projeto original.

Não houve a incorporação de modernas tecnologias na gestão dos procedimentos construtivos e nas soluções construtivas, mas apenas no trato dos materiais, com a substituição de acabamentos. Cada profissional solicitado queria deixar sua marca na aparência das casas.

As intervenções foram acontecendo até que se pudesse chegar às tão sonhadas quatro suítes. O sonho das quatro suítes é veiculado, bombardeando o ideário da população a que me refiro. Basta ver o material publicitário largamente distribuído pela

mídia. E esse modelo, acompanhado de equipamentos de lazer – spa, fitness center, espaço gourmet etc. – agora passa a ser o sonho de consumo dessa população.

O que se observa com isso é um individualismo cada vez maior e a utilização muito agressiva dos dormitórios, especialmente pelos adolescentes e jovens. Quanto maior conforto esse compartimento proporcionar ao usuário (mais espaço, mais equipamentos tecnológicos), mais será o lugar utilizado da casa.

O programa evolui conforme o material publicitário divulgado em cada época. Essas casas vão crescendo e se compartimentando, mas, por outro lado, a tendência é a diminuição do número de usuários.

Os casos estudados, na totalidade, não apresentaram aumento de integrantes. Ao contrário, a tendência é diminuir, como mencionado acima, visto que em alguns casos os filhos já estão próximos da idade adulta e, por consequência natural, devem deixar o convívio com os pais.

O que teria acontecido à arquitetura nas últimas quase cinco décadas, ou melhor, a partir de Brasília? O que aconteceu com aquela arquitetura que despertou o interesse mundial nas décadas de 1940 e 1950?

O período pós-Brasília caracteriza-se, principalmente, pela crescente predominância da construção comercial, dominada por razões do mercado e pela busca da criação de imagens.

No Brasil, no período de 1936 a 1960, e também em países da Europa e escandinavos, na segunda metade do século, encontramos os melhores exemplos da produção arquitetônica moderna, na maioria obras realizadas para o setor público. Não havia pressão de mercado, não havia intenção de lucro. Portanto, havia liberdade de criação.

Nossa melhor arquitetura nada tem a ver com a estética neoclássica de diversos lançamentos imobiliários... Nesse negócio – pois é de negócios que estamos tratando – quem comanda tais decisões são os responsáveis pelo marketing e pelas vendas, ao embrulhar o produto afirmando: “Isto eu vendo, aquilo eu não vendo”. Que empreendedor ousaria contrariar tal afirmação? Quantos arquitetos recusariam o cliente e o trabalho?

(...) Como esse mercado é, em boa parte, formado por vencedores recentes, a ostentação também constitui atrativo, embora hoje cheio de riscos. Acreditando que o moderno resida no estrangeiro, a classe média emergente aprecia as expressões “suíte master”, “fitness center”, “home theater”, home office”, “family room”, que figuram obrigatoriamente em anúncios e folhetos¹⁶.

A mudança de atitude dos arquitetos nas últimas décadas caracteriza-se principalmente pela compreensão dos objetos arquitetônicos como objetos de consumo.

¹⁶ Wilhelm, Jorge. *Arquitetura: mero produto de consumo?* Folha de S.Paulo – Opinião, 27/06/2006.

Sendo assim, entendemos que a natureza do objeto de consumo é tornar-se obsoleto. Há que sofrer alterações, necessárias, para satisfazer novos desejos. Há que seguir tendências. Não há outra lógica que não a do mercado. É moda. É efêmero. Passa. A arquitetura demanda tempo para ser pensada e desenvolvida, mais tempo ainda para ser construída e permanece em uso por muito tempo (décadas, séculos), no mesmo lugar.

Portanto, como tratar uma construção como objeto de consumo? A arquitetura enquanto objeto de moda, que segue padrões estabelecidos pelo mercado, pode ter sucesso hoje, tornando-se obsoleta amanhã.

Nesse sentido, o arquiteto se rende aos desejos do cliente, pois o que importa é estar alinhado com o mercado.

Programa/lugar/partido, principais e fundamentais aspectos do problema arquitetônico, dão lugar aos anseios consumistas e comerciais.

A questão da obsolescência, como é colocada aqui (...) não tem sido colocada para nós como um fator planejado, enquanto o que a gente vê na arquitetura, hoje, é que ela é feita para não durar.

Então, eu vejo a questão da construção, que sempre esteve, mas nunca tanto tão influenciada pela mídia e pela moda. Principalmente, toda a questão cultural urbana, que acontece hoje, e que é muito complexa, que é difícil de a gente analisar. Porque envolve antropologia urbana, e sociologia urbana, principalmente.

*Que arquitetura nós vamos legar para nosso futuro. como é que vai ser o fim do século XXI, no Brasil?*¹⁷

O prédio do Citybank na Paulista até hoje é contemporâneo. Pega uma casa daquela época, completamente ultrapassada. Porque a moda passou, era pós-moderno, depois veio não sei o quê. Agora tem essa arquitetura mais Miami. A casa daquela época não tem home theater, então está defasada. A rapidez em que a arquitetura residencial perde a validade é muito grande.

*De 1985 para 2005, a forma de morar da classe média sofreu uma transformação muito grande, e em outras áreas da arquitetura essa mudança foi razoavelmente pequena. Arquitetura corporativa, institucional, arquitetura pública, há uma ou outra tecnologia, mas que não gerou uma grande alteração no espaço, no programa*¹⁸.

—oOo—

E a preocupação é pensar uma arquitetura que se mantenha. Porque, se falarmos em obsolescência, certamente não estaremos falando da arquitetura. A arquitetura é cara

17 Depoimento de Eduardo de Almeida em 09/06/06.

18 Depoimento de Marcelo Willer em 29/08/06.

demais, é pesada demais para ser descartável. Ela deve permanecer, independentemente de quem a use. Então, se um sujeito constrói uma casa, quando ele morre essa casa deve ser demolida? Me parece claro que uma casa possa ter diferentes habitantes, em diferentes épocas...

(...) Sobre o que vem acontecendo hoje com a arquitetura, não sei... Me parece que as pessoas têm confundido um pouco as coisas. Para essas pessoas um bom arquiteto, ou uma boa arquitetura, tem que estar nas revistas de moda, nos cadernos de imóveis dos jornais, uma besteira. E, então, os resultados muitas vezes são catastróficos, pois fica difícil para o arquiteto que tem de lidar com esse anseio deturpado, fica ruim para quem constrói e depois tem de conviver com algo que não é bom¹⁹.

—oOo—

Observando o comportamento do mercado e o retorno que nossa área de vendas nos dá, fazendo uma pressão enorme por lotes regulares pequenos, percebemos que na hora da decisão de consumo vale mais uma vaga na garagem, um home theater, um espaço para internet, coisas assim, desses novos espaços que estão sendo consumidos, do que ter mais espaços livres para jardim. Os espaços de lazer na casa cada vez menos se usam.

¹⁹ Depoimento de Milton Braga em 06/06/06.

As pessoas não ficam fora da casa. Mantêm o ar-condicionado ligado, vendo televisão, com controle remoto na mão²⁰.

O que resta de brasileiro nesses projetos-produto, além da ostentação e dos modismos? A discriminação da circulação comum, evitando que a dos serviços se confunda com a dos senhores, e a obrigatória churrasqueira... Quanto ao estilo neoclássico, penso estar relacionado com o desejo subjetivo de segurança: um estilo que reproduz monumentos históricos europeus simboliza permanência, eternidade, um valor seguro a ser atribuído ao patrimônio²¹.

A moda banaliza, mediocriza, enfraquece nossa capacidade de escolha. Fala-se demais de estilo, tendências, mas pouquíssimo de algo fundamental como a interpretação do próprio espaço.

A moda é algo que já passou, ela perde força por representar uma massa anacrônica de realidades fragmentadas. Morar é algo tão sério que a tendência deveria ser justamente a de não prestar atenção a fórmulas, de inventar as próprias regras e, a partir de suas próprias necessidades, criar um modo genuíno e verdadeiro de habitar.

²⁰ Depoimento de Marcelo Willer em 29/08/06.

²¹ Wilhelm, Jorge. *Arquitetura: mero produto de consumo?* Folha de S.Paulo – Opinião, 27/06/2006.

Nos últimos vinte anos do século XX, em um surto ou moda arquitetônica, as salas de TV foram desativadas, tornaram-se escritórios ou mais um quarto. E a TV? Cada morador tem a sua em seus quartos. Porém, a TV maior está equipando o *home theater*. A sala é raramente usada, assim como a churrasqueira e a piscina. No cotidiano as pessoas se levantam pela manhã, podem se encontrar na copa. Alguns voltam para casa para o almoço. Os jovens vão para seus quartos, equipados com TV, computador, telefone, som. Conversam com amigos pela internet. À noite, cada um chega em horários diferentes, aquece seus pratos no microondas e faz as refeições nos quartos. E a sala de jantar, espaço tão privilegiado no palacete burguês, raramente é usada.

9 - BIBLIOGRAFIA

ABALOS, Iñaki. *Visita Guiada às casas do século XX*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2000.

ACAYABA, Marlene Milan. *Residências em São Paulo*. São Paulo: Projeto, 1986.

ARGAN, Giulio Carlo. *Projeto e Destino*. São Paulo: Ática, 2001.

BASTOS, Maria Alice Junqueira. *Arquitetura Contemporânea Brasileira pós-Brasília*. 1999. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

CAMPOS, Ana Cecília de Arruda. *Alphaville/Tamboré e Barra da Tijuca: a implantação dos modelos e suas relações com a estrutura econômica brasileira*. 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

CORONA, Eduardo; **LEMOS**, Carlos. *Roteiro da arquitetura contemporânea*. São Paulo: Revista Acrópole, 195/296.

FERREIRA, Clovis Chiezzi Seriacopi. *A casa dos sonhos; necessidades, aspirações, símbolos...* 2006. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

GONÇALVES, Fábio Mariz. *O desenho da paisagem; a relação entre os padrões de urbanização e o suporte físico*. 1998. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

HOMEM, M. C. *O palacete paulistano*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

IVAN, Mauro. *Viver a vida Alphaville – 30 anos*. São Paulo: Mauro Ivan Marketing Editorial, 2003.

LEMOS, Carlos A. C. *Cozinhas, etc.* São Paulo: Perspectiva, 1976.

LEMOS, Carlos A. C. *Arquitetura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

LEMOS, Carlos A. C. *Casa paulista*. São Paulo: Edusp, 1999.

NAGY, Noemi Yolan. *Condomínios fechados em São Paulo*. 1989. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

PAULO, Augusto Francisco. *Na casa paulistana sobretudo o lazer*. Ago./2004. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

PEREIRA, Paulo César Xavier. *São Paulo: a construção da cidade 1872-1914*. São Paulo: RIMA, 2004.

REIS, Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

REIS, Nestor Goulart. *Notas sobre urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano*. São Paulo: Via das Artes, 2006.

- RIBEIRO**, Alessandro José Castro Viejo. *Arquitetura: poéticas nos anos 90 vistas através das casas brasileiras*. 2001. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ROMERO**, Auro Moreno. *Alphaville: ilusão do paraíso*. 1997. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- RYBCZYNSKI**, Witold. *La casa: historia de uma idea*. Madri: NEREA, 1997.
- RYKWERT**, Joseph. *A sedução do lugar*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SAIA**, Luís. *Morada paulista*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- SANTOS**, Denise Mônaco dos. *Atrás dos muros: unidades habitacionais em condomínios horizontais fechados*. 2002. Dissertação (Mestrado em Engenharia) – Escola de Engenharia da Universidade de São Paulo, São Carlos.
- SEGAWA**, Hugo. *Prelúdio da metrópole*. Arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.
- SOUZA**, Hebe Olga. *O espaço construído e os anseios de morar*. 1998. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- TAMAKI**, Teruo. *Sujeito/objeto na arquitetura (a cesta básica de morar)*. São Paulo: Ed. Parma, 1997.

TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo: três cidades em um século*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

TRAMONTANO, Marcelo. *Novos modos de vida, novos espaços de morar*. 1998. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo, São Paulo.

XAVIER, Alberto; **LE MOS**, Carlos; **CORONA**, Eduardo. *Arquitetura moderna paulistana*. São Paulo: PINI, 1983.

XAVIER, Alberto. *Depoimento de uma geração*. São Paulo: PINI, 1987.

ZEVI, Bruno. *Saber ver a arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Periódicos e textos da web

CARVALHO, Lucia. *Fiti & rometicher*. Revista da Folha – Morar, 27/10/2006.

FREITAS, Rosana Faria de. *Em terras bandeirantes*. Revista da Folha – Morar, 27/10/2006.

GÓIS, Antônio; **SOARES**, Pedro. *Modelo “pai, mãe e filhos” perde espaço*. Folha de S.Paulo – Cotidiano, 21/12/2006.

LOUREIRO, Cláudia; **AMORIM**, Luiz. *Diz-me teu nome, tua altura e onde moras e te direi quem és: estratégias de marketing e a criação da casa ideal*. www.vitruvius.com.br Arqtextos n. 281, fev./2005, e n. 286, mar./2005.

MAHFUZ, Edson. *Arquitetura consumida na fogueira das vaidades*. www.vitruvius.com.br Arqtextos n. 12, maio/2001.

SERAPIÃO, Fernando. *Paralelos (e transversais) na história da casa paulista*. ProjetoDesign, ed. 276, jan./2003.

WILHEIM, Jorge. *Arquitetura: mero produto de consumo?* Folha de S.Paulo – Opinião, 27/06/2006.

Sites consultados

www.alphaville.com.br

www.arcoeb.com.br

www.area-alphaville.org.br

www.eesc.usp.br/nomads

www.prodiam.sp.gov.br/dph/patrimonio

www.usp.br/nutau

www.vitruvius.com.br



10 – APÊNDICE

Aqui se encontram depoimentos de profissionais, os quais, após apresentados à sinopse desse trabalho, discorreram sobre o assunto, transmitindo suas opiniões pessoais.

10.1 - Arqº Décio Tozzi

Depoimento colhido em **05/06/2006**, em seu escritório.

“É um problema grande, principalmente no Brasil, onde a modernidade foi tão bem-sucedida. Ficamos vanguarda do mundo, pela qualidade dos projetos.

O trabalho dos pioneiros da arquitetura, que implantaram a arquitetura moderna no Brasil, realmente era oposição ao neocolonialismo. O próprio Lúcio Costa abdicou para ser um teórico e principal líder do Modernismo. Ele introduziu as idéias na Escola de Belas-Artes e trouxe o Le Corbusier. Foi um período brilhante da arquitetura no Brasil. Isso se deveu aos nossos pioneiros.

Brasília foi o cume da experiência internacionalmente bem-sucedida. Mas, logo no pós-guerra, começou a se perceber que os programas dessas obras que tinham tido o mérito de recusar os estilos, para procurar entender a modernidade arquitetônica, que essa fase não perscrutou muito no cerne da questão antropológica. E, sim, se preocupou – e aí sim foi bem-sucedida – com os princípios de uma nova arquitetura, do racionalismo etc. e com um toque brasileiro que veio do barroco e teve muito sucesso no mundo.

Porém, pode significar que as estruturas espaciais desenhadas no modernismo significassem, ainda, as estruturas sociais arcaicas. Essa é a questão fundamental. Por fora, tinha-se a visão da nova forma moderna, mas o conteúdo do uso e do significado representava as estruturas arcaicas da sociedade. Basta você ver que em todas as plantas dos melhores arquitetos (Reidy, Oscar, Sérgio Bernardes, Eduardo Corona, Kneese de Mello) até aquele momento, sem contar todo o pessoal do Rio, tinha essa questão do setor de serviço, setor social e setor íntimo separados. Tanto que uma boa planta era considerada aquela que você podia ir do social para o íntimo, sem passar pelo serviço, e assim por diante. Havia a preocupação de o empregado não passar pela sala.

No fundo, ainda, embora moderníssimas e estando na 'vanguarda' do mundo, apresentavam ainda a feição de uma sociedade conservadora. Então, o que precisava, e o que movimento de arquitetura pós-Brasília postulou, liderado pela escola paulista de arquitetura, era exatamente entrar no seio dessa questão. Encontrar novas possibilidades de organização espacial que correspondesse melhor a uma probabilidade de uso e a uma emergência mesmo de uso das populações. Isso se nota numa série de residências feitas a partir da década de 1960, em São Paulo, e em algumas outras que foram rebatidas pela especulação imobiliária.

Houve – através de uma certa interiorização dos espaços da casa, possibilitada por uma luz que entra por cima, zenital ou não, e por uma série de soluções que propiciavam a abertura dessa estrutura rígida anterior do Modernismo para uma estrutura mais integrada, com espaços mais interligados, espaços densos – uma densidade de semântica, para que aquilo fosse experimentado no uso e oferecesse um *feedback* às propostas e às respostas da sociedade.

Certamente, as novas propostas são sentidas pelos arquitetos nas emergências sociais. Aí eles passam a entender a necessidade de encontrar uma técnica para poder realizar essa nova espacialidade, que é experimental. A partir daí veio um retorno e inicia-se

um processo maravilhoso, que é o que deveria estar vigente até hoje, um processo de *feedback* entre o desenho, a arquitetura e a sociedade. Então, são muito significativos os exemplos desse momento da arquitetura paulista, que depois se espalhou pelo Brasil inteiro. Arquitetos do Ceará vinham aqui trazendo projetos que apresentavam esse ideário. Foi um momento muito importante da história da arquitetura brasileira e que só agora está sendo mais bem registrada. Pois o que ficou registrado daquele tempo foi o Artigas, o Paulinho, o Guedes, o Milan... Eles eram o quadro. O Artigas era o líder desse movimento, porque era um grande professor. Era um homem muito instigante, muito investigativo e um grande professor. Ele dava aulas inesquecíveis, tinha o dom de ser professor. Não era aquele professor que dita a cátedra, mas o que discute junto. Muito interessante era a atuação do professor Vilanova Artigas. Eu conversei com meus colegas... Éramos, naquele tempo, juvenilíssimos, 18, 19, 21 anos, não mais que isso, e todos são unânimes nessa parte, sobre a qualidade do ensinador Vilanova Artigas. Agora, o trabalho dele pode até ser discutido, aí já não é unanimidade. Mas é tido como um grande mestre da arquitetura também. E só ficaram esses poucos.

Agora estão vindo outros nomes que publicaram seus livros... Toscano, Telésforo, Eduardo de Almeida, eu tive a grata oportunidade de lançar um, Zanettini, cada um dentro do seu caminho. Mas é um grupo bem maior, Paulo Bastos, Paulo Sérgio Souza e Silva ou mesmo o grupo do Sérgio Ferro, Flávio Império e do Rodrigo, que faziam uma arquitetura dentro do mesmo sentido. Houve um trabalho bastante intenso desses arquitetos, durante as décadas de 1960 e 1970, que foi um momento muito importante e é um acervo, uma produção de conhecimento maravilhosa. Porque, na realidade, essa intenção semântica, de encontrar novos significados, é fundamental.

Fazendo um parêntese, há pouco tempo eu fiquei uma temporada indo e voltando para os Estados Unidos, em Boston e Nova Iorque, mais em Nova Iorque, durante uns oito anos, por razão particular, e vi uma exposição muito interessante no MOMA, chamava-se *Unbuilt*. Eles convocaram os grandes arquitetos do mundo para apresentar um tema sobre qual seria a nova

habitação na metrópole. Isso é vanguarda, depois a gente volta para a discussão. Você vê como é instigante, a arquitetura requer esse processo.

Nas décadas anteriores, a estratificação era tão rígida que a casa era aquilo. Tinha o hall de entrada senhorial, aí ia para o serviço, para o social. Não se podia ver o empregado ou o grupo de empregados. Então, era muito importante a semântica, de busca de novos significados, e o arquiteto vai sentindo isso. E, realmente, tanto nas casas com dois planos com nas de um plano só, ou até naquelas em três planos, eles procuravam integrar todos os espaços, e cada espaço tinha uma densidade maior. Uma coisa muito interessante. E não era levado para o sentido de economia, não. Era a interpretação de um novo modo de vida que surgia nas áreas urbanas em processo grande de metropolização. E, naturalmente, nós vemos em todas elas dois aspectos: a preocupação com o processo construtivo – abriu-se o interior das edificações, mas, no nível sintático, abriu-se a construção.

Era a verdade construtiva: concreto encontrava com vidro, vidro encontrava com vidro, os detalhes mínimos, numa economia muito grande. Procurava-se abrir as estratificações de modelos anteriores, para que se abrissem possibilidades para propostas industriais, de grande número etc.

De um lado, tem o nível do significado do espaço e, de outro lado, o nível da técnica e da busca de tecnologias novas para suportar novas propostas de significado. Esse processo, que é maravilhoso, dinâmico, foi interrompido pelo golpe militar. Daí vem outra cabeça dirigida ao Brasil, aquela da lavagem cerebral. E o Brasil partiu para outra visão de consumo. Então essa saudável riqueza de diálogo entre a arquitetura e a sociedade começou a ser diluída em função do ‘Brasil grande’, ‘Tudo vai dar certo’, ‘Tudo maravilhoso’, ‘Todos com muito dinheiro’. Ilusório porque o Brasil desembocou na crise de 1981 a 1985 e acabou deixando muita gente maluca por não poder pagar a conta. Um absurdo, uma sacanagem! Pois tentaram implantar um tipo de vida, que no final, o brasileiro gostou. E nós nos tornamos essa coisa meio imbecil, até hoje, sem muito sentido acadêmico.

Era um processo maravilhoso, sem falar de utopias, mas a utopia é importante. E o diálogo, esse *feedback* permanente entre a maneira de viver emergente se apercebendo de técnicas e a abertura do desenho para entender novas técnicas e preparando para a verticalização. A gente sabe que é o caminho na metrópole. A centralização, segundo o modelo weberiano, interpretado para a indústria, é um dos pilares desse modelo. (O Dario lê Max Weber em alemão, pede para ele te falar do Weber...) Ao interpretar o modelo weberiano, ali você encontrará as linhas mestras do que poderá vir. E, realmente, essa questão da centralização é muito importante.

Então, em todos os projetos tinha também esse lado usando a encomenda individual. Pensava-se no empilhamento, pensava-se numa arquitetura que fosse atender o grande número, que era o que se avizinhava no processo de urbanização muito intenso, em que as cidades se ligam, ficam uma coisa só, os centros sobem. Têm de subir.

Bem, tudo isso era um diálogo generoso, muito bonito, porém foi cortado. Mas ninguém parou. Uma arquitetura de investigação. Uma arquitetura que defende certos caminhos e foi incorporando novas técnicas. A parte metálica entrou, muito ricamente. Em todas as obras dos arquitetos dessa época, o aço foi entrando. Interessante, pois é um instrumento maravilhoso para o objetivo de fazer em série e sempre com a riqueza de espaço. Aí eu vi essa exposição, lá no MOMA, e pensei: 'Puxa vida, isso é uma coisa fundamental. Devíamos fazer no Brasil um inquérito desse tipo. Que nova casa pode surgir com a nova maneira de ser?'. Porque o mundo continua a existir, embora a cabeça das pessoas, no consumo de residência, tenha regredido, mas os fatos sociais foram avançando.

Nós estamos em plena metrópole. Agora eu fiz um prédio, aqui do Fórum Trabalhista, e dei até uma entrevista na Projeto, porque pego exatamente esse ponto. Quer dizer, o grande número aumenta a escala, e o que era assim [*mostrando com as mãos o sentido horizontal*] vai ter que ficar mais assim [*agora indicando a vertical*]. É interessante, porque eu tenho quatro blocos, e dois

blocos, um em cima do outro [*desenhando*], e aqui [*indicando o centro no desenho*], aqui é uma praça coberta de vidro. Esse projeto é uma metáfora, é um fórum, mas é a metáfora de um bairro novo. Porque aqui podem ser habitações, aqui pode ser serviço e aqui tem banco, refeitório, lojas, galerias, um lado pode se ligar com o outro. E sempre essas propostas com significados que podem ser metáforas de uma nova realidade. E essa coisa de proteger a praça, também.

Eu consegui fazer, aliás, estava na minha mão para fazer. Como o Romário, quando está com a bola na área, e é só chutar para o gol. Eu tinha o projeto na minha mão para fazer, e o fiz como eu quis. Eu fiz uma praça, isso aqui tem 50x50m [*indicando no croquis*], e cada conjunto dos elevadores nessa praça são predinhos. Aqui tem uma rampa que liga... É impressionante aquilo! Pode ter a população que quiser. Tanto que eu fiz e ganhei um prêmio, do Bairro Novo. Pode pegar meu projeto lá e ver que é mais ou menos por aí...

Mas era o que eu gostaria de te mostrar, principalmente como uma contribuição ao seu estudo, dentro dessa nova fase que veio, espúria, menor, assim, de querer vender status – o sujeito mora em Santana, vai de alpargatas na padaria comprar leite e entra no *Luís XV*, de shorts – regido pelos apelos do consumo.

Eu lembro que no meu tempo de professor – 1973, 74 – a gente já fazia os alunos ir a supermercados, na cidade, nos meios de comunicação, televisão, para fazer a leitura, porque tudo isso se formou, essa lavagem cerebral (o governo militar pôs todos os meios de comunicação em cima disso), e criou uma nova mentalidade na população, que é: “Estou feliz porque compro. E compro aquilo que eles dizem para eu comprar”. Era um inferno, era o consumo do supérfluo. Mas, principalmente, o status. Status era o mote.

Mas isso tudo foi terrível. Talvez o cerne seja esse: interessava a uma elite, que estava dominando fortemente aquele momento no país dentro de uma ditadura militar, mostrar à população que os apoiou que, quanto mais os apoiassem, eles iriam mostrar a felicidade. Coitados! Entraram numa fria! Eu nunca vi ninguém tão infeliz como eles hoje.

Mas de qualquer forma aconteceu isso, e o status é o principal apelo. Existem outros paralelos, essa coisa de pegar estilo. Depois tem outra coisa – é uma sacanagem –, porque fazer um Lindenberg é mais barato do que fazer arquitetura moderna. Muito mais barato! Eles ganham muito mais. Inventaram um negócio das ‘sacadinhas’, que é uma sacanagem maior ainda. A ‘sacadinha’ não custa nada, é uma bobagem, e eles vendem como área fechada, área útil. Um absurdo!

Então chegou um dia, em reunião com os meus companheiros desse movimento da nova arquitetura – porque eu entrei no bonde aí, na década de 1960. Quando eu me formei, em 1960, Brasília foi inaugurada. Como estudante eu acompanhei o cume do Modernismo no Brasil e como profissional já entrei engajado numa outra. E, naturalmente, todos os outros arquitetos continuaram fazendo uma boa arquitetura. E ela está aí. Agora estão aparecendo os livros.

E você vê que de 1960 até hoje, isso faz 40 anos, houve uma produção muito grande no Brasil, não só em São Paulo. Arquitetos do Rio Grande do Sul, Paraná, vêm todos com essa idéia, perscrutando os mais diversos temas da arquitetura, dentro dessa idéia de encontrar a semântica, que é uma coisa fantástica. Nunca se viu uma arquitetura que pudesse chegar aos níveis semânticos como aquela.

Bom, eu também fui fazendo as coisas, mesmo nos meus projetos de residências fui avançando, e descobri umas coisas interessantes nesse processo – uma visão mais ecológica, o verde penetrando mais – que foram, assim, enriquecendo essa arquitetura dita erudita. Porque não se confunde com a comercial, essa que visa apenas o consumo.

Descobri que as casas urbanas tinham determinado desenho e que quando as casas vão para a paisagem natural elas já tem um outro contexto – a questão do contextualismo, que eu sempre gostei de encarar na arquitetura, desde os tempos de menino. As primeiras escolas que eu fiz já tinham essa coisa do contexto, elas dialogavam com o contexto. Você vai ver no meu livro. Espero que você veja. Eu estou entusiasmado com meu livro... De qualquer forma, todos os arquitetos eram contextualistas.

Até que um dia, depois de fazer essas casas, dentro dessa linha, não preocupado com a imbecilidade que passou a acontecer, apareceu um trabalho (porque o trabalho era pouco), e quando vinha, eu procurava dar um sentido de buscar alguma coisa, interpretar um novo programa, como foi no Fórum, no Parque Villa-Lobos. Minha contribuição é no sentido da temática, do programa. Porque eu acho que a primeira função do arquiteto é o programa, é formular um programa junto com quem vai fazer. E aí é que ele é o arquiteto, mais do que quando está desenhando, porque é aí que ele põe o conceito e coloca o nível histórico, do entendimento do seu momento histórico, da tecnologia daquele momento e da sociedade daquele momento, as aspirações da sociedade naquele momento. Esse é o registro da arquitetura. Você vai ver uma arquitetura do passado. Você estuda a sociedade e compreende por que os espaços eram daquele jeito. Então é fundamental na atividade do arquiteto a formulação do programa.

Isso eu vim fazendo em alguns trabalhos. Tem a rua de Santo André [*referindo-se ao projeto da Rua Comercial Oliveira Lima em Santo André*], à qual foi dada uma interpretação nova de rua, do calçadão, peatonal. Fiz uma arquitetura no contexto do desenho urbano.

O que eu queria era chegar na habitação. Até que um dia, numa das minhas vindas para o Brasil – eu tenho um cliente de Milão que tem uns terrenos ainda aqui em São Paulo e, quando precisa fazer alguma coisa, eu sou o arquiteto com quem ele conversa bastante –, eu ia passar uns três meses aqui, e ele falou: ‘Olha, nós temos um terreno aqui na Av. Dr. Arnaldo e eu quer fazer um prédio. Como é um lugar único, e porque nós conseguimos no meio de uma zona 1 a possibilidade de construir um predinho de

oito andares (porque não podia passar de oito andares), então nós queremos que você faça'. Eu fui sincero com ele e disse: 'Olha, você quer quatro por andar, são oito andares (eles já haviam feito as contas do investimento, para não perder dinheiro). Se vocês quiserem que pegue o elevador e ponha no meio de quatro portas, isso eu não vou fazer porque tem gente que já faz isso muito melhor. Agora, partindo para uma pesquisa e me deixando livre para achar um desenho que seja interessante, eu faço'.

Então, nessa única encomenda de edifício residencial, os meus clientes acharam interessante que eu mergulhasse durante mais ou menos um mês, um mês e meio. Eles falaram: 'Depois você trás uma proposta do que pensou'. Aí eu pensei: 'Agora é comigo'. Eu me lembrei de uma frase... Eu era amigo do Carlos Milan, quando ele começou a trabalhar e a fazer sucesso; a mulher dele é meio aparentada comigo, mas eu gostava de arquitetura, e ele era meu professor no quarto ano do Mackenzie. Ele chegou a dar umas aulas para mim, e eu ia muito no escritório dele. Um dia ele me falou uma frase que não esqueci mais: 'A gente fica com essa história de não entrar, mas tem que por o pé na lama, às vezes, entrar e deixar um grão de ouro por lá, se possível'. Eu nunca me esqueci disso. O tempo passou, e eu pensei: 'Tem que por o pé na lama e, se possível, deixar um grão de ouro lá'.

Eu vou fazer! Aí, qual foi meu método? Eu uso um método na arquitetura, no meu trabalho, que é muito baseado na Escola de Frankfurt. É um método que procura ver o significado hoje. Então você volta no tempo e vê aquele significado em outras épocas, na sociedade, como ele foi encarado, e, principalmente nesse processo, você não só percebe as mutações de significados que vão acontecendo naquele tema, nos diversos momentos históricos, como também usa uma categoria que é a da seleção. Você seleciona os momentos em que aquele tema foi mais bem interpretado com relação ao momento histórico e aqueles em que houve propostas espúrias. Conforme o Heidegger, fora do Ser, do Ontos. Aqueles momentos em que as propostas foram por outro caminho, ou comercialesco, ou que não interpretasse a essência do Ser. Isso ele faz lá na língua, no método de Frankfurt.

Aqui eu acho interessante fazer isso. Como eu apliquei esse método? Bom, vou pegar na era moderna, não precisa ver no Brasil inteiro, mas vamos ver aqui em São Paulo. Vamos pegar os modelos em que no momento existia a melhor apropriação do espaço pelo grupo que usava. Naturalmente, era uma habitação coletiva, então me ative às habitações coletivas, porque a pesquisa de habitação individual eu já tinha feito '*ad excessus*'. Então fui por esse caminho, peguei alguns modelos: Edifício Columbus, do Rino Levy, o Edifício Ester, do Vital Brasil, o Prudência, do Rino Levy, o Louveira, do Artigas. Junto do Columbus tem um predinho, perto do IAB, de três andares, que eu gosto muito, lembra bem aquela linha do protomoderno. Então fui vendo todos esses prédios, mas eu queria alguma coisa a mais. Então compreendi que um dos melhores momentos em que a sociedade encontrou a espacialidade para viver, tanto no coloquial quanto no gregário, foram as vilas paulistanas. Porque tem o pátio, onde as pessoas se encontram, onde se troca um ovo por alguma xícara de açúcar etc., e tem aquela solidariedade. E depois, cancelinha adentro, tem um jardim e a casinha.

Então eu vou fazer um prédio, que é uma vila de oito andares – o Spazio 222. Então fiz um prédio que tem um pátio central, e esse pátio significa toda a praça, e todos participam da praça. Fui achando um desenho. Fiz isso aqui [*desenhando*], quatro apartamentos. Aí verifiquei que essa sacanagem da sacadinha é 10%. É uma lei, o investidor deixa 10% a mais e não conta área. Só que eu não vou fazer terracinho, vou fazer dentro. Então uni os terracinhos, e virou um jardim. Aqui fica um jardim e aqui é o apartamento. Aqui é a parte íntima, e eles podem fazer ou três quartos, ou dois quartos, e aqui é a parte social que dá para o jardim. É um apartamentinho delicioso, porque você chega, e esse jardim foi feito com grama mesmo. Alguns tiraram a grama e puseram piso, mas encheram de muito verde, então o espírito do jardim permanece. E aqui tem a cozinha, um balcão, aqui é jantar e aqui é living, e todo ele dá para o jardim. É uma casa, uma casa alta. É muito simples.

Bom, isso aqui também tinha a vantagem de um não ficar encostado no outro. Entre os apartamentos tem sempre um jardim desses. No espaço entre os apartamentos, no meio, há uma torre que tem os elevadores de serviço, as passarelinhas e o elevador

panorâmico, que é bem transparente. Então você desce do elevador, passa na pontinha, olha lá embaixo e já entra no jardim. O jardim dá tanto para dentro quanto para fora. É muito gostoso isso aqui. E isso aqui é fechado. Lá eles dão festas. Em toda essa parte aqui [*indicando o térreo*], eles fazem casamento etc. Então, o que acontecia, a planta era flexível, cada um montava como queria. Houve liberdade. Nós tínhamos o espaço central, que correspondia ao pátio da vila, onde as pessoas se encontravam, só que interpretado lá embaixo, no prédio. Eu fiz a vila em andares, com esses princípios.

Naturalmente, nunca lá, naquele tempo, se faria uma planta desse tipo. É uma planta da metrópole. A da província era outra planta. Então, veja, esse método é que determina o que se deve fazer. Aí eu consegui formular um programa, e o desenho saiu. É interessante, eu gostei do predinho.

Isso mostra uma coisa: que quando o conteúdo é bom a arquitetura é tranqüila. Não precisa fazer formas, puxa pra lá, puxa pra cá. Nada disso! É tão importante isso que, até outro dia, achei que foi um prêmio para mim. Eu estava numa reunião do IAB, num debate bastante grande, sobre exatamente essa questão do neoclássico. Estavam a Algária Matos, o Guedes, o Miguel Pereira, uns arquitetos lá discutindo... O Botti e o Abud também. Os que aderiram e os que não aderiram. Mas quando chegou no debate, cada um falou o que quis. E um aluno, o Biselli – que foi meu aluno, é arquiteto já faz tempo, está fazendo sucesso, ganhou uns prêmios, é concurseiro –, levantou, pediu a palavra e disse: ‘Nós estamos todos discutindo, mas o que devíamos todos é perguntar ao professor Décio Tozzi como ele conseguiu fazer, na especulação, no negócio imobiliário, aquele predinho da Doutor Arnaldo’. Aí ele discorreu sobre o projeto. Eu fiquei tão feliz de ouvir aquilo e gostei muito! Para você ver como é o programa e o desenho.

Eu acho que na metrópole a gente tem que interpretar novas realidades da verticalização, da centralização, da urbanização e da burocratização que o modelo weberiano coloca, mas usando um método em que você não afaste o ser humano de sua essência. Estou parafraseando o método da Escola de Frankfurt, onde, por meio da língua, eles procuram exatamente esses significados

essenciais. Então eu peguei esse mote, e isso é usado muito. O próprio Artigas falava na questão da semântica. O Waldemar Cordeiro, nas artes plásticas. Mas, de qualquer forma, esse método é interessante porque vai dando um instrumental para você comparar e depois poder tirar aquelas coisas que são espúrias para a análise. Bom, basicamente é isso.

Agora, porque eles hoje fazem o neoclássico e têm tanto sucesso? O mercado é pragmático, vive em função de cada classe social. Você pega plantas de edifícios de 12 milhões, 15 milhões, 8 milhões, 4 milhões, tem até geladeira para pele no quarto da senhora. E tem que ter, pois ela usa isso.

Mas entender esses significados e compreender os modelos é importante. São poucos os que conseguiram fazer alguma coisa, alguma proposta nesse sentido. E esses poucos, que estão resistindo, ainda estão ligados aos mestres. E aí você tem um volume de profissionais jogados no mercado a cada semestre – a escória. E é o que se pratica. A ética, então, não existe. É a barbárie! Conseguiram, em nome de um progresso, evoluir tanto que nunca o Brasil esteve, eu acho, num nível tão baixo de qualidade de cultura, de vida. E o que aconteceu com a nossa classe é uma coisa lamentável. Apesar disso, o pessoal continuou fazendo, e eles serão os modelos, mesmo um Gasperini, que faz aquela coisa eloqüente, mas não faz o outro tipo. É a luta estética. Parece que estamos voltando para a estaca zero. Mas é o momento da história, nós damos um passo para trás e dois para a frente. Nós estamos no pé para trás. Mas os dois para a frente vêm logo.

Aquilo que o pessoal esperava, a grande sociedade socialista, isso nunca existiu. Mas é preciso que as pessoas tenham liberdade criativa e num nível mais possível. Pois hoje em dia quem faz as plantas são os corretores. Planta e fachada.”

10.2 - Arqº Milton Braga

Depoimento no dia **06/06/2006**, no ateliê da FAU-USP, na Cidade Universitária.

“Não me sentiria à vontade para falar sobre o que ocorre em relação aos programas de necessidades nessas casas em Alphaville. Mas posso falar sobre qual seria a solução de habitar na metrópole.

Aliás, eu tenho um irmão que mora em um daqueles edifícios de apartamento em Alphaville e ele me pediu que avaliasse uma casa, que provavelmente estava querendo adquirir. Eu fui até lá – deve ser o Alpha 15 ou 25, ou 253, sei lá –, mas já não era mais dentro dos limites de Alphaville. Era um horror. O que eles chamavam de casa isolada, provavelmente para agregar valor, era um recuo ridículo de 1 metro. Então naquela fachada não havia aberturas. Era mais próximo de uma casa geminada do que de uma casa isolada. O quintal era restrito a um recuo de 3 metros, sei lá... Cheguei a pensar que meu irmão estava ficando louco, mas o fato de pedir minha opinião provavelmente indica que ele somente quisesse uma confirmação daquilo que ele já tinha percebido.

Sobre o que vem acontecendo hoje com a arquitetura, não sei, me parece que as pessoas têm confundido um pouco as coisas. Para essas pessoas um bom arquiteto, ou uma boa arquitetura, tem que estar nas revistas de moda, nos cadernos de imóveis dos jornais, uma besteira! E, então, os resultados muitas vezes são catastróficos, pois fica difícil para o arquiteto que tem de lidar com esse anseio deturpado, fica ruim para quem constrói e depois tem de conviver com algo que não é bom.

No escritório estamos já há algum tempo trabalhando com esse pensamento. E a preocupação é pensar uma arquitetura que se mantenha. Porque, se falarmos em obsolescência, certamente não estaremos falando da arquitetura. A arquitetura é cara demais, é pesada demais para ser descartável. Ela deve permanecer, independentemente de quem a use. Então, se um sujeito constrói

uma casa, quando ele morre essa casa deve ser demolida? Me parece claro que uma casa possa ter diferentes habitantes, em diferentes épocas.

Mas numa sociedade onde as coisas mudam com tanta rapidez, na rapidez das comunicações, ou seja, as roupas, os aparelhos etc., é conseqüência que o conteúdo programático de uma residência também sofra alterações.

Mesmo com meus alunos aqui na FAU, em função desses questionamentos, temos procurado trabalhar a arquitetura dos cascos, da estrutura, do suporte, o elemento de abrigo, e tudo dentro pode obedecer outra ordem, pode ser decoração – se bem que a palavra decoração, ultimamente, tem tido um sentido ruim –, os móveis, as cores, a cortina, painéis leves dividindo os espaços, enfim, para que esse espaço possa estar apto a outras relações e anseios.

Eu costumo chamar esse ‘casco’ de hardware, e tudo que vem dentro de software. Então essa arquitetura de hardware estaria apta a todas as transformações e reformas, dependendo do indivíduo que a utilize. Isso porque na sociedade de hoje também as relações são líquidas. Um casamento pode ser desfeito, um casal pode ter filhos ou, se já os tem, ele crescem, e chega o momento em que não mais farão parte desse núcleo, e a casa deve ser possível de ser transformada. Essas transformações ocorreriam sem a alteração da paisagem. Aliás, deveria ser proibido mudar a paisagem, ela é pública. Ela está na rua, e nesse contexto ela é pública. Mesmo a sombra que ela exerce sobre a casa vizinha também é pública. Se é pública, é de todos. Faz parte do cenário do nosso cotidiano.

Quando recebi a sinopse de seu trabalho, coincidentemente, acabava de receber este material de um concurso que nós vencemos, lá em Portugal [*Prémio Internacional Tektónica '06*]. E me pareceu bastante oportuno, pois o tema do concurso era *Luxo para todos*, um questionamento sobre o que seria a casa luxuosa. Mas não o conceito do luxo como noção de riqueza e

patrimônio, mas sim da qualificação dos espaços que habitamos, das soluções inteligentes que aplicamos, da forma como vivemos e usufruímos de determinado lugar. Esse é sem dúvida um dos maiores valores que a arquitetura pode oferecer à sociedade e aos cidadãos: viver com dignidade.

Refletindo sobre a questão da identidade urbana e do valor da arquitetura, temos a nítida noção de que o adensamento é a única maneira de viabilizar os investimentos em modos de transporte coletivo não-poluentes, racionalizar serviços de infra-estrutura etc.

A arquitetura funciona como suporte que permite uma reidentificação urbana, isto é, o equilíbrio entre a intimidade doméstica e a participação da vida com os outros na cidade.

Indagar sobre o valor na condição de habitação é uma questão que nos leva a focar a cidade, nossa condição de habitação é diretamente relacionada com a cidade.

Não habitamos a casa, mas sim a cidade. O fato de sabermos que somos alguns bilhões de habitantes no planeta cansado nos faz pensar que as formas coletivas de habitação é que irão permitir o equilíbrio entre a transformação da natureza e a conservação dos recursos.

Quando pensamos na habitação, estamos imaginando estruturas urbanas que objetivam a concentração na medida certa. E parece-me que a cidade é, cada vez mais, uma alternativa consistente aos problemas que temos de enfrentar neste século. Faz-se necessário entender que é urgente promover o acesso à cidade, seus bens e seus serviços.

Mas, voltando a falar da casa, esta é a pequena unidade onde passamos nossos momentos de privacidade e intimidade, é um dos principais elementos desse conjunto de relações que estabelecemos com a cidade. O espaço doméstico acontece a partir da necessidade e do desejo por espaço, a favor da multiplicação dele, pela sua flexibilização e pela sua indeterminação. É construir um conjunto de atributos que recebam as variações programáticas e o imprevisto que permitam abrigar as formas idiossincráticas de uso do espaço.

Veja, este projeto do concurso é uma especulação sobre esse assunto. É um espaço de 5mx20mx2,5m (250m³). O casco recebe a infra-estrutura necessária às necessidades domésticas contemporâneas. As paredes são o suporte das instalações. Os caixilhos internos permitem subdividir ou reorganizar os espaços, pois todas as formas de habitação são temporárias, não necessariamente pela mudança de endereço.

Pensamos na transformação dos modos de vida e na textura de relações líquidas que são características desse momento contemporâneo. O transitório pressupõe um espaço flexível.

E posso te falar de outros dois projetos nossos para residências: a Casa Mariante, que você conhece, em Aldeia da Serra, e a Fazenda Santa Rita, que infelizmente não foi construída.

A casa da Fazenda Santa Rita nada mais é do que uma estrutura de pedra e cerâmica. As paredes de pedra e a cobertura de telhas cerâmicas (e madeira do telhado etc.) – a disposição interna poderia ser qualquer uma –, a residência do casal ou a administração da fazenda, ou a cocheira etc.

A Casa Mariante é uma estrutura de concreto e vidro, são quatro pilares e a casca. Nela, tudo pode ser flexível, acho que até as fachadas de vidro poderiam se transformar. As divisórias internas, nós as fizemos em painéis de argamassa armada com 5cm de espessura. Não me recordo bem da fase da obra, mas penso que com cuidado conseguiríamos retirar esses painéis e recolocá-los em outra posição.

Ora, se a função da casa é cobrir, aquecer, dar privacidade e intimidade ou, pelo contrário, abrir-se, enfim, necessidades tão primeiras e simples, então, temos de pensar com essa simplicidade. A arquitetura é simplicidade.”

10.3 - Arqº Eduardo de Almeida

Depoimento colhido em **09/06/2006**, em seu escritório.

“Sobre esse assunto a gente acha muita coisa, e ao mesmo tempo não acha nada. Eu me baseio muito na minha experiência. Por razões que eu não escolhi, mas me escolheram para fazer casas, e eu fiz muitas casas. E, pensando a respeito do assunto, talvez o projeto de casas realmente acabe tendo suas peculiaridades. Temos conversado, aqui mesmo no escritório, sobre algumas dessas coisas.

Eu agora me descobri com esse arquiteto japonês Shiguero Ban, que eu conhecia mal. Cada vez mais sinto que a arquitetura e nós, arquitetos, interpretando os eventuais desejos da sociedade – se é que a gente pode ser tão pretensiosa –, sinto que nossa atuação é muito pequena. Sinto que cada vez mais nós falamos conosco mesmos.

No sentido que a obra de arquitetura, a casa – particularmente a casa contemporânea, que é sem dúvida um lugar de experimentação no sentido em que você abrange –, define um mundo dentro do qual você se insere, seja em relação à cidade, seja em relação ao agrupamento social, que é a família, seja em relação à técnica, enfim, em relação às questões culturais, você acaba tendo esse conjunto de coisas saindo no projeto. O processo de fazer o projeto é outra conversa, mas todo projeto está imbuído desses fatores todos.

Mas eu acho o seguinte: nós, arquitetos, fazemos um trabalho de exceção. Um pouco porque nossa postura é sempre de rebeldia ou, usando uma palavra mais adequada, de nos contrapor a uma série de coisas, porque nós somos sempre rebeldes e tentamos colocar uma perspectiva de futuro dentro de uma relação de presente, é lógico. Então significa que nós estamos fazendo uma

arquitetura que chamamos de contemporânea apenas no desejo de que estamos fazendo uma coisa de hoje, mas ela é para frente também.

A questão da obsolescência, como é mencionada aqui, em determinado lugar [*indicando a sinopse que eu havia lhe enviado*], não tem sido colocada para nós como um fator planejado, enquanto o que a gente vê na arquitetura hoje é que ela é feita para não durar.

Então eu vejo a questão da construção, que sempre esteve influenciada pela mídia e pela moda, mas nunca tão fortemente como agora, em especial toda a questão cultural urbana, que acontece hoje e é muito complexa, difícil de analisar, porque envolve antropologia urbana e sociologia urbana, principalmente.

Que arquitetura nós vamos legar para nossos futuros? Daqui a cem anos, como vai ser o fim do século XXI no Brasil? É curioso, porque o trabalho desse arquiteto Shigero Ban, que tem diversas casas e faz pesquisas extraordinárias, tudo originado de uma arquitetura tradicional japonesa, mas não uma reprodução figurativa da arquitetura tradicional japonesa, é uma reinterpretação contemporânea usando os mesmos materiais – papel, madeira, bambu –, de modo a criar uma perspectiva de futuro, de entender o que é a técnica, que para mim é completamente nova. Ao mesmo tempo, você vê uma obra desse indivíduo e percebe o contexto onde está inserida. É um objeto estranho dentro daquela cidade.

A cidade está sendo construída à nossa revelia, ou mergulhamos de cabeça e vamos entender o que querem de nós. Vamos fazer esses prédios, essas casas, essas torres, mas não é só uma questão de estilo, é uma questão de ganância imobiliária, pura e simplesmente. O que vende mais depressa e sem riscos? É isso: comprovou que vende, por que arriscar?

Nós já tivemos na arquitetura brasileira, paulista, São Paulo e Rio de Janeiro também, exemplos de habitação coletiva ou não, que estão na história da arquitetura até hoje. Ou seja, esses exemplos não se tornaram obsoletos.

Existem questões técnicas etc., mas eu tenho uma dificuldade, pois os projetos que faço hoje de casas para classe média – difícil, pois classe média já não tem – se complicaram de uma forma absurda para a mesma família. As casas que eu fazia há trinta anos eram infinitamente mais simples, mais fáceis, mais inteligíveis, mais leves e adequadas e estão aí, habitadas. Minha casa, eu fiz há mais de trinta anos. Eu moro nela muito bem. Ela continua sendo referência, pois agora saiu em dois livros.

Cada vez mais fazemos uma espécie de diálogo entre nós, a discussão sobre a arquitetura se restringe a nós mesmos, os arquitetos. A discussão não tem repercussão maior. E eu vejo no Japão, um país de altíssima densidade, num território minúsculo, essas casas... [*referindo-se às casas japonesas*]. Mas o contexto em que essas obras são inseridas não tem nada a ver com aquilo que está lá. A casa apenas propõe uma nova maneira de habitar, uma outra cidade. Poderia ser muito melhor se não fosse essa casa, mas uma série de casas.

É uma visão nossa, eu acho, às vezes. Na minha idade, neste momento, sinto uma coisa meio pessimista em relação a essa questão. Por outro lado, vejo que a obra de arquitetura do século XX tem sido difícil de contextualizar como um conjunto. Ela surge como um fator de obras isoladas. As grandes referências de arquitetura são exemplos isolados, não estão nas cidades. A Casa da Cascata, Frank Lloyd Wright, Mies van der Rohe, até mesmo o Le Corbusier, com toda a proposta urbanística que teve em Paris e que hoje é absolutamente discutida. Mas o Conjunto de Marseille é uma proposta concreta de uma habitação urbana, quer dizer, concentração de habitação, espaços coletivos etc. Curioso é que hoje se faz isso também, porém num contexto e numa abordagem totalmente diferentes.

Eu sinto que a arquitetura que a gente propunha era democrática, aberta, pública. E sinto o contrário hoje, porque o mundo que nós projetávamos na nossa cabeça era para uma realidade que não se realizou.

Acho que o projeto das casas acabou refletindo um pouco isso. Então, primeiro: penso que as pessoas constroem a casa para passar uma imagem e aquela imagem fará com que elas se insiram naquele grupo social. A maioria não quer se contrapor àquele grupo social, quer fazer parte dele. E isso você vê em qualquer lugar.

Tenho uma casa em Laranjeiras, um dos condomínios mais sofisticados do Brasil, e só tem barbaridades arquitetônicas lá. As pessoas querem importar as casa de Miami. A minha não é assim, mas 90% delas são. As pessoas querem se inserir naquele grupo social.

Então você precisa ter aquela casa, precisa ter diversos carros, precisa ter home theater, telhados diversos, precisa ter uma série de modinhas e macetes para você pensar: 'Opa! Eu faço parte dessa turma. É o sonho da minha vida!' Mas aí já vai para outras interpretações. É uma questão de status.

Nós, arquitetos, somos um pouco pretensiosos e um pouco humildes também, no sentido de que nosso caminho é outro. Não é bem assim que a gente acha que tem que ser. Então, dentro dessa coisa toda que você fala aqui [*referindo-se à minha sinopse*], de palacete burguês, é a casa dessa burguesia, é o que eles querem mesmo. Agora, evidentemente, dentro desse contexto, tem uns 10%, se tanto, tem uma burguesia que a gente chama de esclarecida, entre aspas, mas é mais uma questão de sensibilidade de pessoas que percebem que não é por aí, que é outra coisa. Eu quero ser outra coisa, não isso. E é esse nosso nicho de trabalho. O meu, pelo menos.

Eu tenho um relacionamento em geral muito bom com cliente que vêm me procurar e com quem existe uma coesão, uma cumplicidade de objetivos, apesar de a gente precisar ter muito jogo de cintura, porque muitas vezes você está fazendo um projeto e aquilo parece mais uma luta do que uma coisa convergente. Quer dizer, arquiteto brigando com proprietário, e não é isso. Não é assim que se faz. Nesse ponto até que eu tenho sido relativamente bem-sucedido. Mas, veja, é um nicho muito reduzido.

Também, se você pega um pouco a história da arquitetura, os exemplos que sobraram daquela arquitetura no mundo inteiro, elas existem, subsistem e sobrevivem, a maioria. Eu sinto muito que artistas como esse Shigero Ban – pois só um artista com enorme sensibilidade pode fazer, com entendimento de todo aquele processo de cultura japonesa – existam em número muito reduzido.

Veja, por exemplo, esta casa aqui [*mostrando o livro sobre a obra de Shigero Ban*]. Esta casa, dentro do contexto urbano, isso é uma esquina. Olha aqui a cidade! Olha o que esse cara propõe. É uma casa que tem um cortinado que se abre como se fosse um cenário. Como se isso fosse o palco ou o contrário. Como se da casa você assistisse à cidade. Isso é uma coisa de louco, uma pessoa que faz isso aqui e vive nisso aqui. Isso é uma esquina de uma rua, é urbano. Mas veja o resto [*indicando o entorno da tal casa, com moradias muito pobres*]. Que diálogo se estabelece entre essas coisas? Nós estamos falando em contexto. Nós vamos reproduzir isso aqui? É um elemento totalmente novo. Ele está propondo uma nova visão. Não é uma casa que se fecha. É uma casa que se abre.

Eu acho que a questão da arquitetura hoje é uma questão do artista contemporâneo, sem pretensão. Mas é sempre aquela situação de alguém que se contrapõe a isso, que não aceita determinadas coisas. Então os arquitetos acabam ficando isolados.

Em São Paulo, nós temos dificuldade de encontrar exemplos mais fortes de arquitetura. Mesmo porque sempre houve discussão, mas hoje menos. A casa, o prédio também são espaços públicos, e nós também não temos espaços públicos. Somos

paupérrimos, diferente, por exemplo, do Rio de Janeiro, que é abençoado por Deus, tem a natureza e gente que soube se aproveitar dessa natureza fazendo um Aterro do Flamengo, que é um projeto extraordinário de urbanismo. Então aquela cidade tem outra configuração. Nós somos muito pobres, muito provincianos. Todos falam que São Paulo é uma cidade provinciana de 15 milhões de habitantes. E é verdade! É uma cidade caipira. O espaço é mesquinho. Os espaços públicos não têm lugar nesta cidade. Então isso se projeta na casa, e a casa acaba sendo uma manifestação quase isolada de uma vontade de que as coisas poderiam ser diferentes.

Como é que a gente arruma isso? Não sei, não tenho a menor idéia! Vou fazendo minhas casinhas na medida em que eu posso, com muita dificuldade. Meus clientes têm uma paciência infinita. Eu também. Mas no fim acaba saindo, mas tudo fruto de um esforço muito grande. Como se você estivesse se exercitando para fazer coisas mais importantes, mais abrangentes. Na hora que a gente tem que fazer o projeto, a casa é um ótimo exercício pra gente.

Agora, dentro de um contexto de Alphaville – 10 ou 1, ou 2, os que eu conheço, e são todos mais ou menos iguais –, acho que se estabeleceu o ‘modelinho’ que vai cair de moda logo. E vai todo mundo mudar. Mudar o telhado etc. Derrubar a casa e fazer outra. É a mesma coisa que está acontecendo aqui, nos Jardins. Algumas casas exemplares de arquitetura contemporânea – a casa do Rino Levi, do Warchavchick, do Bratke e de todos os arquitetos cujos exemplos ainda são referências – estão sendo substituídos por esses ‘mastodontes’ que não contribuem em nada. Pelo contrário, agridem ainda mais a cidade, criando exatamente aquilo que a gente não quer.

Eu sinto que cada vez mais nós, arquitetos, estamos falando sozinhos. As revistas, os livros de arquitetura, são para arquitetos. Não tem crítica de arquitetura. Os jornais raramente falam de arquitetura. Claro, falam do Paulo, que virou herói nacional. Ainda

bem, porque de repente o Paulo deu outro patamar para os anais de arquitetura. Puxa, esse sujeito recebe um prêmio internacional! Vamos ver o que ele tem a dizer. Então pode ser que isso leve a alguma coisa, mas também é esquecido rapidinho. A profissão de arquiteto é ambígua, porque, por outro lado, nós estamos aqui atuando. Nós temos arquitetos importantes, o Gasperini, que tem comprometido muito positivamente a paisagem, eu acho. Positivamente, em termos. Pois na realidade nós estamos perto de um jogo que é de toda legislação urbana, que também é montada em cima de um jogo de interesses etc. Então é um contexto muito complicado.

Uma vez eu vi o Paulo Mendes falando de um prédio que ele fez. No fundo, é tudo a mesma coisa, tem o lote, tem o recuo, tem restrições, tem um número determinado de andares. Com isso você faz um prédio. Um é bonito e o outro é ridículo. Realmente os ridículos não contribuem em nada para a realidade urbana. Mas, no fundo, a própria legislação induz a esse tipo de coisa.

Agora você veja esse último 'monstrengo' que vão fazer lá na Marginal, em frente da Daslu, dito pela incorporadora como um shopping center rodeado de Versailles, com seis torres etc. Agora, e o drama que isso vai causar na cidade? E a propaganda é que você pode ir ao cabeleireiro a pé e com tranquilidade. Isso é sua perspectiva de vida? Isso estava escrito. Então você vê que ninguém está querendo discutir e está aí, e estão construindo a cidade assim. A cidade rica, porque a cidade pobre continua se virando do jeito que dá, e não são os planos habitacionais que resolveram esse problema. Muito pelo contrário, só comprometeram ainda mais.

Veja, eu tenho 72 anos, trabalho há quase 50 anos e não tenho muito otimismo em relação à cidade. Tenho, sim, no sentido que eu acho que a gente tem competência para isso. Agora a FDE [*Fundação para Desenvolvimento da Educação*], das escolas chamou um número enorme de arquitetos para participar desse processo. Arquitetos jovens inclusive. Tem gente muito qualificada para fazer arquitetura, e bem. Veja que é arquitetura escolar, com orçamento reduzido.

Mas nós não somos convocados. Somos muito marginalizados aqui. A profissão está muito desprestigiada no Brasil. A concorrência é grande, mas tem muito trabalho para arquiteto. Tem muita gente disponível e muita coisa para fazer aqui. Existe concorrência desleal, mas aí já é uma questão de mau-caratismo. Mas isso existe em qualquer profissão. Todas! Isso não é privilégio nosso.

Estamos querendo trabalhar, e eu acho que tem muita coisa para se fazer. E a cidade não evolui. Um tempo atrás eu trabalhei num projeto urbano interessante. Fomos contratados para isso. Esse projeto está na gaveta. Foi discutido, estava aprovado, e hoje está na gaveta. Não há interesse público. É um desperdício! Formar um arquiteto na FAU é caro. Então eu acho que a gente está vivendo um momento muito contraditório.

Mas eu tenho discutido muito isso com o pessoal aqui do escritório. Sinto que a gente tem trabalhado em cima de exemplares. Não estou dizendo que minha arquitetura seja uma maravilha, mas a gente faz muito esforço, com certeza. Mas é muito isolado. Às vezes a gente descobre alguma coisa interessante e coloca no projeto, mas ele passa despercebido na cidade. E eu vejo nossa atuação como arquitetos cada vez mais restrita. Muito difícil! A gente consegue algumas coisas, mas com dificuldade. Temos uma quantidade imensa de arquitetos excepcionais com uma dificuldade enorme de se manter em seus escritórios. Gente que tem obras referenciais dentro da história da arquitetura atual, jovens ou menos jovens. Realmente gente que faria coisas extraordinárias para a cidade, com certeza.

Você fala aqui na sua sinopse das mudanças de programa, de premissas consumistas. São mesmo. Os programas mudam, mas as pessoas da humanidade são os homens. As relações humanas são sempre aquelas, modificadas pelos contextos, pelas situações, pelas pressões, pelo stress.

Eu estou lendo Dostoievski e estou lendo coisas que parece que estou vendo. No fundo os problemas são os mesmos. Mas as pessoas são bombardeadas por essa febre consumista. E a tecnologia moderna engana. Você precisa ser apropriado por internet, computador, celular. Se você não tiver um celular, você é um indivíduo marginal.

A tecnologia tem um punhado de coisas fantásticas. Estava vendo agora o estádio na Alemanha que foi feito pelo Herzog & De Meuron, dois arquitetos absolutamente geniais. É uma coisa extraordinária de sucesso tecnológico!

Mas o problema é que a tecnologia foi colocada no varejo de uma forma banalizada. Banalizada no sentido de que você precisa ter. Ter para quê? Mas você precisa ter. Então para mim os programas nas casas estão assim, impressionantes. E não tem mais aquela classe média, para a qual uma casa de 250m² significava uma casa espaçosa, três quartos, dois banheiros, não sei que mais. Não, hoje uma casa com 250m² tem sete suítes com duzentos banheiros, piscina com raia olímpica, com home theater, sala de sei lá mais o quê... Sabe, todos enlouqueceram!

Eu fiz um prédio há mais de 35 anos, o Gemini, com apartamentos com 80m², nada de especial, mas até hoje é disputadíssimo. As pessoas adoram. Os moradores preservam o prédio. Não foi mudado. Esse é o valor da arquitetura, o de permanecer.

Tem essa casa que está aí atrás de você [*fazendo menção a um painel do projeto da casa Max Define, de 1978, no Morumbi*]. Ela tem quase trinta anos. E está nova, está exatamente como quando foi construída. Ela é moderna até hoje? Não sei. Mas ela é gostosa, espaçosa, jardim bonito. As relações de espaço, nela, são como eu gosto de fazer até hoje. Continuo fazendo. Incorporo algumas coisas. Às vezes você vê alguma coisa e fala: 'Também quero fazer isso'. Mas você vê como é... A casa fica num diálogo entre nós, arquitetos. Eu vejo muito o que os outros arquitetos fazem, sempre me interessei. Porém, a gente acha que fazendo assim resta um pouco de dignidade nisso. A duras penas!

Mas o que está acontecendo no mercado, nesse mundo aí fora, está muito difícil. Agora, acho que o projeto de Alphaville, nos primeiros Alphas – o 1 e o 2 –, tinha terrenos grandes, projetos de arruamentos generosos. Depois, por pressão do mercado, acabou mudando. Os lotes ficaram pequenos, talvez no Alpha 10, objeto do seu estudo, eles tenham tentado fazer um ‘mix’ *[referindo-se aos tamanhos dos lotes, que são variáveis]*.

Alphaville tem coisas extraordinárias. Se você quiser fazer um trabalho sobre ‘bizarrices’, eu acho que é fácil. No meio disso você descobre projetos excepcionais. Mas o diferente não é aceito. Sabe, a pessoa tem que morar daquela maneira para ser aceita pelo grupo. Mas isso é cultural também. Tem a questão da educação, que no Brasil é tão precária.

E o projeto de uma casa hoje, em função da tecnologia, está muito complicado. Caríssimo! Só de instalações se gasta uma fortuna. Como é cara a instalação elétrica de uma casa, é uma coisa absurda! Pois você tem que ter ponto de computador em todo lugar, pontos de telefone em todos os quartos, de televisão, não sei mais o quê... E é um engano pensar que a tecnologia vai simplificar a vida da gente. Complica muito. Os sistemas são caros e, muitas vezes, ineficientes.

Essa casa que eu fiz para o meu filho é uma exceção absoluta *[referindo-se a um painel com o projeto Lalo de Almeida, no Butantã, de 2004]*, porque ele é fotógrafo e ela trabalha com cozinha. Os dois adoram cozinha, têm dois filhos. Essa casa é a mais descomprometida com o programa que eu já vi na minha vida. É um espaço praticamente único. Tem dois quartos para as meninas, um banheiro, a suíte do casal, o ateliê, uma sala com a cozinha no meio, dependências de serviço compactas e ponto final! O programa é mínimo. O programa é de uma simplicidade incrível!

Falando em radicalismo, em termos de superar o programa, veja essa casa *[mostrando o livro de Shiguro Ban]*. É um espaço e tem esses cubículos que são os quartos com os tatames, que circulam pela casa. Você tem aqui o banheiro, que são as

instalações fixas, e não tem aquela loucura. Aliás, é um banheiro só, e tem essas coisas que você arruma, e o sujeito ainda sobe em cima desses cubos, por desaforo. Isso é o máximo do radicalismo do 'não-programa'. Aqui, o programa não é o mais importante. Radicalíssimo. Mas tem muito da casa tradicional japonesa, do biombo que você abre e fecha, todos os ambientes se comunicam. Ele leva isso às últimas conseqüências. Moderna. Interessantíssima. Sensacional!

Desculpe, eu descobri ele agora e estou deslumbrado.

Talvez a gente tenha que caminhar para isso, para essa simplicidade. Nós sempre achamos que a tecnologia viria para simplificar nossa vida e, ao contrário, transformou-a num inferno. É um monte de fios, de botões e, depois, espaços para esconder os fios etc.

Hoje em dia, até os rituais modernos são assim, os casamentos são assim. Eu imaginei, na época em que eu casei, que um dia essas coisas seriam mais simples. Resolve, casa e pronto! Virou um ritual que é uma loucura. Uma coisa inacreditável!"

10.4 - Arqº Marcelo Willer

Diretor de Projetos da Alphaville Urbanismo S.A.

Depoimento colhido em **29/08/2006**, em seu gabinete.

“O que eu posso te dar de aporte?”

Eu tenho uma história profissional que teve uma mudança grande. Eu sou formado em Curitiba, na Federal do Paraná. Fui professor de projeto lá durante dez anos, nos anos 90, e tive um escritório de arquitetura que produzia muita casa, um pouco menos para esse mercado da classe média mais rica. Meus clientes sempre foram artistas, publicitários, gente com esse perfil, porque eu sempre pratiquei uma arquitetura muito contemporânea, que não se enquadrava muito nesse padrão mais comercial, que a gente vê muito nesses residenciais de Alphaville.

O Alphaville tem por tradição o fato de que uma grande parte de seus compradores é de uma classe média ascendente, artistas de televisão, jogadores de futebol, gente que ganhou dinheiro mais rápido (acho que o seu objeto de estudo é bom porque tem um ponto de vista sociológico interessante), então essa camada está muito focada em buscar suas referências no último gosto, no gosto das revistas, na última moda.

Quando você tem uma clientela mais tradicional, que é mais o perfil que tinham meus clientes – professores universitários, pessoas com padrão social que já vem de gerações –, não há tanta necessidade de mostrar o status social, porque a arquitetura é voltada para as necessidades daquela pessoa, daquela família, e não tanto para demonstrar algum padrão econômico. Agora, nos Alphavilles isso é mais gritante do que em bairros mais estabelecidos, como, por exemplo, Pinheiros, que é um bairro de classe média alta, mas porque são famílias das décadas de 60 e 70 que já tinham um padrão econômico estabelecido faz tempo.

Então a gente sente a pressão, na medida em que desenvolve os loteamentos. De um lado o mercado nos pressiona a diminuir o tamanho do lote para que as pessoas tenham maior acesso a ele. Os lotes do Residencial 1 são de 560m², os do Residencial 8 eram a partir de 700m². Nós mesmos fizemos o Alphaville de Belo Horizonte com lotes padrão de 800m². Depois veio Curitiba, um ano depois, em 2000, com lotes de 700m². O de Goiânia, também alto padrão, com 800m² e 750m². Daí a gente já foi para Fortaleza com lotes de 450m² e 500m². E, hoje em dia, nosso lote padrão está aí na faixa dos 450m² e 500m², nos Alphavilles que a gente tem feito fora de São Paulo, com alguns casos até de lotes com 360m². Esse é um modelo igual ao Alphaville 3 e que se repetiu em Gravataí, que é um dos nossos lançamentos recentes, deste ano.

O que acontece: por um lado, há uma pressão para a economia no investimento do lote, que demonstra até quase menor disposição do comprador em gastar dinheiro com o lote e maior disposição em construir mais nesse lote menor, ou seja, ocupar praticamente toda a área edificável. São lotes muitas vezes com casas, que, dependendo do padrão arquitetônico, chegam a ser totalmente desproporcionais ao lote. Não deixam 1 metro a mais de área livre, a não ser aquele que nós obrigamos, porque nosso regulamento é mais restritivo que a legislação da maior parte dos municípios. Provavelmente, se não houvesse esse regulamento, eles chegariam ao limite do limite da legislação urbanística de cada cidade, muitas vezes lançando mão de alguns artifícios para poder ir um pouco além (que é o que acontece na cidade normal. Aqui em Alphaville não acontece porque tem uma sobrefiscalização da associação de moradores).

A gente não entra muito no mérito do programa das casas, tem até a arquiteta Denise, que coordena a formação das associações e das arquitetas dessas associações. Depois eu te apresento e se, você até quiser conversar um pouco, ela tem a rede de contato com as arquitetas dos Alphavilles do Brasil fora. A gente tem Belo Horizonte, Campinas, Curitiba, Goiânia, Salvador, Fortaleza, o segundo de Salvador, Londrina, Maringá, mais o segundo de Curitiba. São 12 empreendimentos já ocupados fora de São Paulo. E, cada um desses empreendimentos, tem seu departamento técnico, com seu arquiteto, todos eles em fase de muita construção,

que é a fase inicial. Campinas, o mais antigo, está com uma enorme ocupação – de 1.600 lotes, já existem 1.200 construídos. Foi uma barbaridade, em quatro anos já construíram muita coisa lá.

Eu acho que esses Alphavilles mais recentes talvez permitam uma leitura bem contemporânea do que está acontecendo. Se bem que a gente vê aqui nos Tamborés – o Tamboré 3, por exemplo, tem umas casas que são verdadeiras aberrações do ponto de vista de programa, sem falar no gosto arquitetônico. Mas a gente tem visto também – vou falar um pouquinho externamente do que a gente consegue enxergar como urbanista que presta atenção na composição da paisagem, do conjunto, e não tanto da unidade – cada vez mais a primazia de modelos comerciais e quase pasteurizados. Então, o padrão do Alphaville Campinas, assim como boa parte do Alphaville Curitiba, é muito aquela casa espelhada na casa americana (aquelas casas pré-fabricadas, de construção rápida, pintadas com tom pastel, com as esquadrias brancas, com o telhado cinza e às vezes uma *port cochère* com duas colunas na frente). Quer dizer, um modelo que comercialmente é visto como casa de cinema, de revista americana. Acho que essa aceleração da comunicação, resultante desse processo de globalização, permite um contato mais freqüente. Você está o tempo todo vendo pela internet, pela televisão, nas revistas, muita informação do que acontece lá fora. Antigamente não era assim, que dizer, o que era um exemplo de casa: a casa do Roberto Marinho, a casa do Pelé, sei lá, de pessoas que eram referência e que você via na [revista] Manchete. Eram casas brasileiras, muitas vezes de bons arquitetos, às vezes não. As referências estavam mais próximas. Hoje em dia, a referência é uma casa anônima, que você vê com muita freqüência em propaganda, na imprensa em geral.

Tem um processo de despersonalização, de padronização, de pasteurização, muito grande que desassocia em relação às casas da cultura local. Então, o Alphaville 1 possui um padrão muito variável, porque as primeiras casas aqui não eram de tanto padrão. Os pioneiros aqui não eram pessoas com padrão econômico muito grande. Enfim, tem muitas casas que usam bastante a madeira,

o tijolo à vista, que eram tecnologia de construção associada à arquitetura residencial paulista. Há algumas casas até com concreto aparente, uma arquitetura um pouco mais contemporânea.

Hoje é muito difícil, o modelo é bem esse que eu te falei. A outra coisa que acontece, e isso se repete em todos os Alphavilles, é realmente uma casa muito mais para mostrar do que para viver. E isso tem ressaltado no número de vagas na garagem, número de suítes, que se multiplica. Eu fiz uma pesquisa em umas imobiliárias aqui de São Paulo, porque estava estudando algumas casas padrão para implantar em alguns empreendimentos em que queria acelerar a ocupação. Não chegamos a fazer isso porque depois a ocupação foi muito rápida. Mas eu me surpreendi porque, quando você chama qualquer imobiliária aqui em Alphaville, eles dizem: 'Olha, casa com menos de quatro suítes não vende'. Quando eu mesmo, que sou diretor aqui, estava pensando em fazer uma casa com duas suítes e um quarto de hóspedes. Eles diziam: 'Não faça porque isso não vende. Depois você vai ter que derrubar e vender o terreno'. Se não tiver quatro vagas na garagem, não vende.

Quer dizer, é um padrão de casa muito associado a uma classe média ascendente, de muito consumo, com muito carro. Cada filho tem que crescer no seu quarto, com seu computador, com a sua televisão e o seu banheiro. Cada um chega em casa e se enfurna na internet. O espaço da família é um espaço superdecorado, feito por uma decoradora.

Onde eu cresci, por exemplo, meu pai era professor universitário, e a sala era cheia de livros, onde todo mundo conversava e a TV não ficava ligada para não atrapalhar a conversa. Ele puxava um livro da estante e mostrava para um filho... jogava xadrez ali, e tinha uma certa convivência. Hoje, o espaço de convivência é asséptico, mármore branco no piso, sofá branco, um cenário mesmo.

O tempo despendido em casa, em geral, é assim: o casal vai para o quarto com tela plana ver um filme. Os filhos entram no Orkut ou nos games, falam com os amigos pela internet, e há uma diminuição daquilo que você falou, que é o espaço para se usar da casa. O espaço fica muito segmentado em pequenos espaços individuais, e o espaço de convívio, a cozinha – que já chegou a ser um espaço de conversa –, agora está confinado a um espaço das várias empregadas (tem sempre uma ou duas empregadas e um motorista), porque aqui tudo é longe. Já tem até o quartinho do motorista em muitas das casas. Então é uma segregação espacial grande, num espaço privado que é muito segmentado, e um espaço de convívio que na verdade não exerce essa função, a não ser em dias muito especiais. Mas um convívio dentro de regras sociais mais estabelecidas.

Minha leitura é um essa. A gente não interfere diretamente, como você sabe, no programa e na arquitetura. Sou mais um observador disso. A gente busca compatibilizar essas duas tendências, que são a de economia no terreno e maior gasto na casa, por conta dessa pressão cultural. Essa leitura eu acho que está muito restrita ao perfil aqui de Alphaville. Acho que encontramos em outras regiões da cidade gente buscando um perfil mais europeu, mais exíguo, mais multiusos, lofts – onde você vive e dorme no mesmo espaço –, que é a regra da vida nos países mais evoluídos para as classes mais estabelecidas e esclarecidas. Um grande espaço onde você faz tudo, recebe todo mundo, mas a gente está na contramão disso. Não é exclusividade nossa.

Eu tenho estudado muito os problemas nos condomínios nos Estados Unidos. Se você for ver esse problema do espalhamento, da ocupação dispersa das periferias das grandes cidades, com os condomínios todos iguais lá, você tem exatamente esse modelo: uma classe média ascendente que saiu dos centros das grandes cidades e foi buscar sua casa com jardim e piscina, garagem para seus quatro carros, porque todo mundo se movimenta de carro, não tem transporte coletivo, a escola é longe, as pessoas não se encontram com os vizinhos, não há convivência.

Você escolheu, ao estudar Alphaville, um objeto certo, porque aqui é um modelo extremo. Agora eu me lembrei de um livro que tenho na minha casa, lá em Curitiba, e eu até podia te emprestar. Ele chama *How building is burning* e é a história de como as casas e os edifícios vão sendo reformados para acompanhar as mudanças culturais e econômicas e o próprio consumo. A metodologia do estudo deles é bacana. Eles fazem um comparativo de como os prédios têm que se adaptar, e a arquitetura mesmo não é o mais importante. Um prédio que era bacana nos anos 20 ficou feio nos anos 40 e foi mudando de função, tendo que ser adaptável.

Nesse momento comento com ele sobre o trabalho que o professor Milton Braga vem desenvolvendo em relação à arquitetura como um casco.

A classe média tem muito essa vontade de consumir, de ser moderna, não no sentido contemporâneo da arquitetura, mas moderna de estar sempre por dentro da última palavra. Uma hora é o home theater – todo mundo tem que ter um. Depois o tal do espaço gourmet – vamos todos ter um. Você pega as propagandas nos cadernos imobiliários e vê que eles têm que inventar novidades para que o produto deles tenha saída. O próprio mercado precisa incentivar para que o produto anterior fique obsoleto. É cruel!

A gente acompanha meio de longe, porque a incorporação não é o nosso ramo. Mas fico assustado. Eles criam uma necessidade que não existia, para depois vender essa solução. É uma quantidade de coisas absurdas. Algumas são até mais úteis, como as academias, mas tem espaço para ensaios de banda de rock, espaço para internet, como se alguém precisasse, pois todo mundo tem computador em casa. Vamos lá: espaço gourmet, um negócio que eu andei vendo nos prédios onde estão implantados, raramente funciona, porque é pouco prático para fazer funcionar. Tem que carregar toda a tralha para preparar alguma coisa. Ninguém faz isso, é preferível contratar um bufê, que já leva tudo pronto. Enfim, isso vende e é a lógica do mercado. E a classe

média é mais suscetível a essa sede de consumo e de estar sempre com o novo, com o mais moderno, com a última palavra. Troca TV de tela plana, depois a de plasma, logo vem a digital.

Isso acontece na arquitetura residencial com mais força do que nas outras. Por exemplo, estamos estudando mais recentemente a arquitetura empresarial porque temos alguns empreendimentos fora de São Paulo. Então a gente tem oportunidade de criar offices parks, e tenho visto que nessa fatia do mercado as decisões são mais racionais. Uma empresa, quando define por que vai para tal lugar, leva em conta a distância dos principais mercados e fornecedores, a facilidade de ter o piso elevado, a facilidade de comunicação, de infra-estrutura, a segurança. Não tem essas coisas do consumo. Se for bonito, no final das contas, é ótimo. Mas ninguém está muito preocupado em ficar inventando coisas supérfluas só para dizer que o escritório tem uma grande vantagem em relação aos outros. Um escritório bem projetado há quinze anos, que já tinha piso elevado, é válido até hoje. O prédio do Citybank na Paulista é até hoje contemporâneo. Pega uma casa daquela época, está completamente ultrapassada. Porque a moda passou, era pós-moderno, depois veio não sei o quê. Agora tem essa arquitetura mais Miami. A casa daquela época não tem home theater, então está defasada. A rapidez com que a arquitetura residencial perde a validade é muito grande.

De 1985 para 2005, a forma de morar da classe média sofreu uma transformação muito grande, e em outras áreas da arquitetura essa mudança foi razoavelmente pequena. Arquitetura corporativa, institucional, arquitetura pública, há uma ou outra tecnologia, mas não gerou uma grande alteração no espaço, no programa.

Questionado sobre a homogeneidade nos lotes em cada residencial e se a não-homogeneidade no Residencial 10 era apenas em função da topografia acentuada ou se havia alguma outra intenção, ele respondeu:

Não tenho a história exata do Alphaville 10, mas eu diria que hoje a decisão de fazer lotes maiores seria em função exclusivamente da topografia. Hoje a tendência é que haja uma liquidez infinitamente maior por lotes regulares, na faixa dos 450m² e 500m². Você não vai encontrar nenhum empreendimento nosso, nos mais recentes ou naqueles em desenvolvimento, com lotes maiores que 560m². O que ocorre é que em alguns lugares onde a topografia é pior, ou de geometria pior, acabam acontecendo lotes maiores. Mas, mesmo assim, lotes de 1.000, 1.100m², lá numa situação de uma curva, lote em leque. Há uma franca diminuição. Veja, a gente lançou o Alphaville Recife faz quatro ou cinco dias e já está com 92% vendido. Sobraram só trinta e poucos lotes, que são os que se aproximam de 1.000m². Os outros, que são de 600m² para baixo, foram todos vendidos. Agora a gente ficou com esses trinta aí e vai vender dois ou três por dia, até a semana que vem já terminou de vender. Vendeu tudo, só ficaram os grandes, porque são mais caros. Aí o cara pensa: 'Se eu vou gastar R\$ 60.000,00 a mais no lote, prefiro gastar numa piscina, num home theater'. Essa é a conta que o cara faz. Aquela idéia de que eu preciso de espaço verde... o pessoal prefere gastar o dinheiro em mais espaço construído e mais consumo, e o verde, o espaço livre, deixou de ser um item tão importante na lista das prioridades de consumo. Entre home theater ou 100m² a mais de jardim, a resposta é home theater.

Observando o comportamento do mercado e o retorno que nossa área de vendas nos dá, fazendo uma pressão enorme por lotes regulares pequenos, a gente percebe que na hora de decisão de consumo vale mais uma vaga na garagem, um home theater, um espaço para internet, coisas assim, desses novos espaços que estão sendo consumidos, mais do que ter mais espaços livres para jardim. Os espaços de lazer na casa cada vez menos se usam. As pessoas não ficam fora da casa. Mantêm o ar-condicionado ligado, vendo televisão com o controle remoto na mão.

No Burle Marx, que é nosso lançamento mais recente aqui, nós temos o lote a partir de 405m² e só foram feitos lotes maiores nos lugares onde o terreno era realmente muito irregular ou tinha muita mata, mas que geraram lotes de 600 a 700m². ”

10.5 - Arq^a Luciana Vecchia Rebouças

Formada pela FAU-USP em 1987, é residente no Alphaville Residencial 10 e possui muitos trabalhos realizados não só em Alphaville mas também em São Paulo.

Depoimento colhido em **29/08/2006**, na residência de sua cliente Ana Silvia Dinardo, enquanto preparava a ambientação para uma sessão de fotos.

“Eu acho que a mudança de usos e costumes familiares nestes últimos dez anos, em função do avanço tecnológico que a gente teve no mercado, criou necessidades que há dez anos a gente não tinha, como estrutura de instalação elétrica e instalação hidráulica, para que essas necessidades no imóvel de hoje suportem a instalação delas.

Por exemplo, hoje você tem uma situação em que não precisa mais de um móvel enorme para ter um home theater. Foi uma transformação muito grande, tecnológica, num curto espaço de tempo. Obviamente o imóvel, que é um investimento grande, não se adequou. Então a reforma se torna necessária em função dessas modificações de usos e costumes, que, por causa da tecnologia, se impõem para a família.

Quem é que falava de home theater alguns anos atrás? Não se falava. Hoje você precisa de um espaço em função do tamanho da tela que você quer ter. Onde você vai achar esse espaço quando a sala de TV era num hall superior de distribuição, era uma passagem onde todo mundo circulava, não tinha acústica alguma e media mais ou menos 3,00m x 3,00m ou 4,00m x 4,00m? Era um quarto de televisão.

Hoje você tem um espaço. Se for colocado numa sala de estar, ótimo, se você tiver condição de baixar telão, etc. O mercado coloca um desejo de consumo, e a pessoa vai adequar o imóvel para poder consumir aquilo. Pelo menos, para pessoas com quem fui trabalhando.

Quanto mais a família amadurece, a criança vai crescendo e tomando contato com esse tipo de bem de consumo, mais todos vão querendo. Hoje em dia toda criança tem seu laptop, toda criança tem um MP3. E o que precisa fazer? Precisa reformular a instalação para ter ponto de internet em todos os cômodos da casa. Porque eu preciso me plugar em qualquer canto. É bem isso, eu acho.

Com relação à compartimentação, o fato de as casas sofrerem reformas, independentemente do número de pessoas, para poderem contar com as tais quatro suítes, é porque a casa tem que estar inserida naquilo que o mercado impõe. É um problema, porque eu acho que muitas vezes a gente abre mão de algumas coisas em função disso. É fundamental que a casa seja comercialmente bem-aceita. O projeto tem que ser comercial, bem-aceito.

Por exemplo, eu tive um caso assim em Moema. Um apartamento para um casal de mais idade, com quatro suítes, foi transformado em duas suítes. Aliás, houve dois casais na mesma situação. Os filhos já estavam casados, eles queriam espaços grandes para acomodar as coisas e os bens que tinham amealhado durante toda a vida. Queriam um closet imenso, áreas mais expandidas, mais integradas. Um casal está superbem, feliz da vida, era o que queria mesmo. O outro casal se separou e, onde eu eliminei banheiro, estou tendo que reverter, porque o imóvel caiu num nicho que o mercado não absorve.

Por exemplo, o de duas suítes, mas uma tem um closet monstro, pega um nicho de mercado muito pequenininho. No mínimo, esses apartamentos têm que ter três suítes e um escritório. Porque era um apartamento de quatro dormitórios, que na verdade

eram uns cubículos, mas atende ao mercado. Porém, o grande problema a meu ver é que atende o mercado no sentido de denominação, na classificação da coisa. Mas, se você for ver, é uma casa superpequena, mas eles colocam 150,00m² com quatro dormitórios. Você vai ver, a sala é micro etc. etc., mas caiu num padrão de luxo. Você tem um número de banheiros tal porque as áreas são baseadas num mínimo imposto por legislação. Eu penso que até o próprio governo coloca esse tipo de classificação e aí o mercado imobiliário corre atrás disso para poder ser chamado de imóvel de luxo, mesmo que seja um cubículo. Bota um cubículo com quatro dormitórios, e pronto! Isso é uma coisa de luxo.

Aqui em Alphaville, como tem mais casa, há uma priorização na reforma, pelo menos nas que eu fiz, em relação ao indivíduo. Esta aqui da Ana [*referindo-se a Ana Silvia Di Nardo, moradora na Al. Jurucê, 135*] é uma casa grande, e todas as modificações foram feitas em função da modificação do indivíduo [*lembrei-lhe que essa já é a terceira etapa de reformas*].

A Ana tem três meninas, que estão todas adolescentes. Eu mexi lá no terraço. Você lembra que tinha um terraço? Mudou, porque as meninas querem um espaço para receber, para ver televisão, estar com os amigos, poder estudar juntas, mas ao mesmo tempo com a televisão estar ligada etc. Mudou o perfil da família. Não sei se é o perfil, mas a necessidade. A família está numa outra etapa. E graças a Deus o ser humano é mutável!

Então, há dois perfis: tem aquele que quer a casa com conforto para si, para usufruir, para poder receber, pela sua formatação de estilo de vida, e aquele outro que quer ter a casa para aparentar alguma coisa, para mostrar para os outros alguma coisa, que entra nesse perfil emocional do quatro dormitórios.

A pessoa que mora, que encomenda uma casa, tem uma relação de identificação pessoal. Quer dizer, aquele imóvel passa para os outros, representa tudo aquilo que ele é. E vivemos emocionalmente na mesma época dos faraós, da burguesia etc.

Essa casa onde nos encontramos, da qual ela é autora de projeto, já passou por outras duas intervenções, mas mantém seu partido, sua essência. Em outros projetos analisados nesta dissertação, às vezes o resultado é catastrófico, havendo mudança radical do que existia etc. E a arquiteta segue comentando.

Aí, nós caímos na arquitetura ou na ‘arquitetês’? Porque são duas coisas completamente diferentes. Na arquitetura existe um fundamento, é uma forma de expressão. É uma forma de utilização de espaço, de comunicação com o usuário, e, como em toda arte plástica, você está passando um recado. Eu estou dando o meu recado.

Onde eu me coloco aqui [*referindo-se à casa onde nos encontrávamos*]? Eu quero que as pessoas vejam longe, eu quero que elas pensem: ‘O que tem atrás daquela parede?’ Tenho a intenção de criar alguma coisa, para provocar alguma coisa. Então, quando você tem uma intenção e usa dessa intenção para dar o seu recado, como nas artes plásticas, na poesia, enfim, eu acho que tem valor.

Agora, se você faz um retângulo, um telhadinho, que valor estético e arquitetônico isso tem? Sem a mínima preocupação de absolutamente nada? Simplesmente atingiu uma necessidade. E aí eles vão lá e fazem um estilinho, para dizer que é algo bonitinho, importam a coisa dos Estados Unidos – colonial americano. E pensam: ‘Estou fazendo assim porque tem que ser assim!’ Todo mundo gosta desse estilo porque vende. Essa é uma coisa que é bem absorvida. Porque num determinado período apareceu muito em revista, em filme. Sabe-se lá por que o americano colocou muito esse tipo de arquitetura lá nos filmes, e isso fica gravado na memória das pessoas. Vi isso numa matéria de arquitetura, que a gente tende a gostar daquilo que a gente já conhece. Você gosta daquilo porque cria uma intimidade fictícia ou falsa, sei lá...

Por que todo mundo gosta de casa com teto inclinado? Porque acham que dá um 'ar de aconchegante'. Eu penso que seja por causa da casa do Chapeuzinho Vermelho. Aquela casinha de chalezinho parece uma casinha de bonecas.

Mas será que isso é bom para aquela família? Às vezes eu acho que não. O arquiteto tem que ter essa função também, de analisar a estrutura da família e orientar. Olha, você gosta disso, eu respeito. Mas você tem que ser como um estilista, para quem a cliente chega pedindo um vestido balonê vermelho, mas ela tem 1,50m de altura. Você precisa esclarecer que para usar um vestido desses ela teria que ter 2m de altura.

É a mesma coisa, a gente tem a obrigação de falar tudo o que pode acontecer com relação a um sonho errado. A gente tem que expor o que colocaria nesse imóvel, qual seria a interferência ou qual seria a arquitetura que você faria para a pessoa.

Ele quis comprar a sua idéia? Muito bem. Se não quis, um abraço, até logo, eu não vou me trair! Existem alguns conceitos que eu não traio. Vou fazer o que acredito ser efetivamente bom para o meu cliente, porque sou fiel comigo mesma, com os princípios que eu aprendi.

Se a pessoa me chama para mudar a fachada da casa dela, se essa casa não tem nada, se está toda com a estrutura e a proporção equivocada, então muda tudo. Vamos consertar até onde a gente pode. Se a coisa for muito ruim, falo para o cliente que é melhor ficar com o terreno e botar abaixo, pois para reformar vai se gastar o triplo. Na reforma a gente gasta muito mais do que para erguer uma casa. E existe isso. Existe projeto muito ruim. Eu já peguei cliente que era médico, advogado, que achava que sabia fazer projeto de arquitetura. Ele pode achar, pode ser bom para ele, mas não queira me convencer de que é bom. Cada macaco no seu galho. E o que está aí no mercado é esse tipo de coisa, é o empreiteiro que resolve para o investidor, que não quis pagar projeto.

Quando você pega um projeto no qual o pé-direito não tem proporção alguma com o espaço, onde você se sente oprimido, é nesse tipo de coisa que estão os conceitos que a gente trabalha. É o que a gente aprende: a iluminação, a aeração etc. Agora, um sujeito que nunca viu isso faz um rabisco e diz que é projeto? Não é. Pode ser um edifício ruim, mas não arquitetura.

Arquitetura é assim, você pega uma casa que tem um conceito, que tem um propósito, que tem um partido, como esta casa aqui, mas existe um propósito nela, existe uma linguagem contemporânea e adequada ao gosto da família que a usa.

Você acha que a gente pode pegar a casa do Paulo [*Paulo Mendes da Rocha*] para o Oscar Americano e encher de molduras rococó? Não cabe. Você consegue fazer isso numa arquitetura que não é nada. Você até consegue 'dourar a pílula', como a gente fala. Vamos pôr uma coluninha aqui, um gessinho ali, então você enfeita, você maquia. É uma plástica.

Isso é a moda, é uma reverência que a pessoa faz ao modismo. A verdade é que a gente precisa trabalhar, o cliente quer uma coisa de moda, e eu acho que a arquitetura tem que ser *ad eternum*. Então você muda o interior, o móvel, mas com uma linguagem coerente com a arquitetura. Tem que ter uma unidade formal.

Não adianta pegar uma casa supermoderna e querer colocar dentro dela uma coluna neoclássica, de gesso, falsa. Não cabe. Aquele elemento arquitetônico não está inserido naquela arquitetura. Tem que ter critério, senão você fica com aquela coisa kitsch, over, como roupa.

O problema é que na expectativa da pessoa, se ela está na moda, é bem-aceita. O ser humano cria situações e itens, para ser absorvido pela sociedade, para ser visto como uma pessoa bem-sucedida e antenada. Ele precisa desses rótulos. E a arquitetura,

a casa dele, onde ele mora, é um item que o insere num determinado nicho onde ele quer entrar. Tudo isso é objetivo emocional. A gente sempre está servindo a alguém. A gente tem que ter um marchand sempre.

Falando de uma pessoa que compra o meu serviço, que compra a minha idéia, ela quer sempre saber: 'O que você faria?' Eu acho isso muito legal, porque tem todo tipo de arquiteto: aqueles que se submetem, os que não se submetem de jeito nenhum e morrem na praia durante muito tempo. Como Van Gogh, que morreu pobre, mas não se traiu, não se negou.

O mercado hoje está cheio de profissionais e muita gente sem embasamento histórico para desenvolver a arquitetura. Só que está todo mundo na concorrência, e isso acaba baixando o nível. Na hora que você tem que orçar um projeto e cobra um X, vêm uns que fazem uma porcaria, mas o cara vai vender a casa mesmo, e ele quer o mais barato do mais barato. Então, quem vai comercializar o imóvel não está nem aí se a coisa é boa. Se alguém comprar, está no lucro. Precisa ter alguns itens... Você lembra da bay-window? Teve uma época em que se não tivesse bay-window não era a casa.

Existe um conceito que é o circulatório: se você tiver uma circulação equilibrada, sem conflitos, a casa funciona direito porque, se tiver problemas de circulação, o cliente pede para você fazer alguma modificação. Mas se a circulação é boa, ela define. É lógico que tem o terreno, a insolação, mas um dos itens que definem a conceituação do projeto é a forma de circular. E se a forma de circular está bem resolvida, é meio caminho andado.

Quanto às compartimentações, aos cubículos, hall, corredores e salinhas, isso se repete porque é mais baratinho construir assim. Construir no quadradinho é mais barato. Não tendo grandes recursos de arquitetura, grandes soluções técnicas, você tem uma obra enxuta e mais barata. E esse é o intuito de quem constrói para vender. O mercado formula umas crenças, uns deuses, e fica fazendo lavagem cerebral nas pessoas...

A coisa mais difícil para uma pessoa que vai comprar uma casa é saber o que ela quer. Ela é muito influenciada... E de onde o mercado imobiliário tira essas premissas? Eu acho que é uma tendência internacional pelo que sai nas publicações. É, eu acho que quem manda é o mercado internacional. Não acredito que seja feita uma pesquisa com as famílias para saber seus anseios. Veja uma coisa, desde quando o loft faz parte da nossa forma de viver, aqui no Brasil? Cozinha aberta. Quem não cozinha? Quem não fritar um bife? E a casa fica cheirando a bife. Lá eles não cozinham, mas aqui a gente cozinha.

Existe uma importação daquilo que se crê porque, se é bom para eles, é bom para a gente. É chique! Tem uma importação dos modelos americanos. Brasileiro tem telhado. Aqui chove muito. Tem que ter telhado, senão infiltra, a laje trinca. Não é uma arquitetura minimalista e não estamos falando do movimento da arquitetura moderna, porque isso é uma outra coisa, foi uma ruptura. Mas a gente está falando de rotulação.

Importam-se alguns itens, que diferenciam um projeto daquilo que existe atualmente no Brasil. Inova-se. A elite passa a ser diferente, vai ter acesso a isso. E isso passa a ser o sonho de consumo da maioria, mas não quer dizer que seja bom. Essa é outra discussão. Acho que quem coordena tudo isso é o marketing. Se você tem uma boa estrutura de marketing, você coloca aquilo que tem para vender e consegue.

Agora, na boa arquitetura, você não consegue fazer grandes reformas. E cada hora que alguém ocupa um edifício, ele o modifica conforme sua necessidade. Isso é inerente à natureza humana, dispor daquilo que lhe pertence como bem entender. É o direito de propriedade. Conceitualmente, a gente vai partir para o subjetivo, ou seja, se isso é bom ou não.

Tem coisas que foram construídas há cinco anos e que não deveriam ser demolidas jamais. Por outro lado, tem coisas construídas há 500 anos que foram tombadas, mas são uma droga. Não deveriam existir. Para estar inserido em alguns padrões formais, que

classificam uma obra como arquitetura, esses padrões deveriam ser elencados. Quais itens estão sendo levados em consideração para classificar a obra como um objeto arquitetônico?

Às vezes você tem um princípio de ter tudo de bom, ou seja, a pessoa tem dinheiro, tem um terreno, e o resultado é uma droga. Você já não viu casos em que pensou como aquela pessoa teve coragem de fazer aquilo, naquele terreno excelente?

Alphaville é um mercado muito eclético. Tem gente inteligente, com dinheiro, bacana, elegante. Tem gente com dinheiro, grossa, horrorosa. Tem gente que era rica e ficou pobre. Tem pobre que virou rico. Tem milhões de histórias. Tem até gente que mata os filhos *[referindo-se a um caso policial ocorrido em Alphaville e amplamente divulgado pela imprensa]*. Aqui é um mundo muito diversificado.

Aqui você pesca uns bons projetos aqui e ali. Tem alguns projetos que são apenas para mostrar a opulência – palacete francês, um trambolho. Quando que palacete francês tinha garagem para oito automóveis? São coisas sem pé nem cabeça, é uma prostituição formal! Tem que se fazer de tudo para agradar o cara que tem grana. Isso tudo me deixa um pouco constrangida.

Quanto mais onipresente uma casa, mais chama a atenção. O superficial é que encanta, não tem mais aquela coisa profunda do estudo. Hoje em dia, que intelectual tem algum valor? Isso é da nossa sociedade. Hoje, o intelectual é evitado. Não fale que você tem faculdade, que está fazendo mestrado, senão vão te bater na rua!”

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)